



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

CONTRIBUTO DA ARTE PARA A EDUCAÇÃO RELIGIOSA E MORAL EM TIMOR-LESTE

Edy Gonçalo de Fátima Suan



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Edy Gonçalo de Fátima Suan

Contributo da Arte para a Educação Religiosa e Moral em Timor-Leste

Mestrado em Educação Artística

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Professor Doutor António Pedro Queirós Pereira

Fevereiro de 2024

“Arte e vida se misturam. Fantasia e realidade se acrescentam”
(Affonso Romano de Santana)

ÍNDICE

ÍNDICE.....	2
RESUMO.....	4
ABSTRACT	5
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 – CONTEXTO DA PESQUISA	8
1.1 Contexto do Projeto	11
1.2 Declaração do Problema	15
1.3 Pergunta de Partida e questões de investigação	19
1.4 Finalidades da investigação	19
CAPÍTULO 2 – REVISÃO DA LITERATURA	20
2.1 Religião	20
2.1.1 Pluralismo Religioso	23
2.1.2 Catolicismo.....	26
2.1.3 O papel da Igreja Católica no sistema educativo	28
2.2 Arte	30
2.2.1 Arte Sacra e Cristã.....	35
2.3 Educação	38
2.3.1 Educação Religiosa e Moral Católica	42
2.3.2 Educação Artística.....	44
3.1 Metodologia da investigação	51
3.1.1 Investigação Qualitativa.....	51
3.1.2 Entrevista.....	52
CAPÍTULO 4 – DA PERTINÊNCIA DA COMPONENTE DE RELIGIÃO E MORAL	58
CAPÍTULO 5 – DOS MODOS DE ABORDAR A EDUCAÇÃO RELIGIOSA E MORAL	66
CAPÍTULO 6 – MODOS DE ABORDAR A CORRELAÇÃO DA ARTE E RELIGIÃO E MORAL.....	75

CAPÍTULO 7 – DA PERTINÊNCIA DE INCLUSÃO E DE TOLERÂNCIA RELIGIOSA NO ÂMBITO ESCOLAR	86
CONCLUSÃO.....	91
BIBLIOGRAFIA	96
ANEXOS	113

RESUMO

A arte tem uma expressão presente nas mais diversas paisagens religiosas, nomeadamente no catolicismo, e apresenta-se como um inestimável recurso pedagógico. Assim, no presente trabalho procura-se aferir de que forma a arte se pode constituir uma estratégia privilegiada nos processos de ensino-aprendizagem na disciplina da Educação Religiosa e Moral, no Externato São José (Timor-Leste), e facilitadora da tolerância religiosa.

Para responder a este ponto de partida investigativo, recorreu-se a uma estratégia metodológica de cariz qualitativa, concretamente à entrevista para, deste modo, se compreender os discursos e as práticas dos professores que lecionam a disciplina de Educação Religiosa e Moral, e dos alunos não católicos, em Timor-Leste, concretamente na Escola Externato São José.

O trabalho desenvolvido evidenciou que na disciplina de Educação Religiosa e Moral o recurso à arte como estratégia de ensino-aprendizagem é duplamente limitado. Limitado materialmente, pois o Externato São José tem falta de recursos que permitam sua divulgação da arte, nomeadamente a projeção de elementos artísticos; limitado formativamente, pois os professores de Religião e Moral, para além de não terem formação nesta área, também não têm formação artística. Assim, ainda que tenha sido evidente que a disciplina de Religião e Moral não reproduz o catecismo católico, o que naturalmente favorece a não exclusão de alunos não católicos, também ficou claro que os professores circunscrevem o campo artístico ao universo católico. Portanto, neste caso, como eventualmente noutros, a importância da não exclusão não é a garantia da inclusão. De facto, os dados empíricos evidenciam o não recurso pedagógico a quaisquer elementos, nomeadamente artísticos, de outras crenças exteriores ao catolicismo.

Por fim, a investigação realizada autoriza a supor que a formação em Educação Artística dos professores poderia favorecer uma maior abrangência de recursos artísticos, nomeadamente de outras crenças religiosas, o que permitiria um conhecimento mais sustentado da própria religião católica e, seguramente, favorecia a tolerância religiosa.

Palavras chave: Religião, Arte e Educação.

ABSTRACT

Art is present in the most diverse religious landscapes, particularly in Catholicism, and is an invaluable pedagogical resource. The aim of this study is to find out how art can be a privileged strategy in the teaching-learning process in the subject of Religious and Moral Education, at Externato São José (East Timor), and how it can facilitate religious tolerance.

To respond to this investigative starting point, a methodological strategy of a qualitative nature was used, specifically the interview, in order to understand the speech and practices of teachers who teach the discipline of Religious and Moral Education, and of non-catholic students, in Timor-Leste, specifically at the Externato S. José School.

The work developed showed that in the subject of Religious and Moral Education the use of art as a teaching-learning strategy is doubly limited. Materially limited, as Externato S. José lacks resources that allow it to disseminate art, mainly the projection of artistic elements; formatively limited, as Religion and Moral teachers, in addition to not having training in this area, also do not have artistic training. Thus, although it was clear that the subject of Religion and Moral does not reproduce the catholic catechism, which naturally is in favor of the non-exclusion of non-catholic students, it was also clear that teachers limit the artistic field to the catholic universe. Therefore, in this case, as possibly in others, the importance of non-exclusion does not guarantee inclusion. In fact, empirical data shows that there is no pedagogical use of any elements, particularly artistic ones, of other beliefs outside catholicism.

Finally, the research carried out leads us to suppose that training in Art Education for teachers could encourage a wider range of artistic resources, particularly from other religious beliefs, which would allow for a more sustained knowledge of the Catholic religion itself and would certainly encourage religious tolerance.

Keywords: Religion, Art and Education.

INTRODUÇÃO

Este trabalho de investigação centra-se na relação entre a Arte e a Educação Religiosa e Moral em Timor-Leste, mais precisamente no “Contributo da Arte para a Educação Religiosa e Moral em Timor-Leste”. A escolha deste tema decorreu da experiência de seminarista do investigador, durante oito anos, no Seminário Maior Interdiocesano de São Pedro e São Paulo, Díli, e também do facto de ter sido professor de Religião e Moral, em 2020 e 2021, do Ensino Básico do 3.º ciclo e do 10.º ano do nível secundário, na Escola Católica Externato São José, Díli, Timor-Leste, ao qual acresce a sua frequência no curso em Educação Artística que antecedeu a realização deste trabalho.

Deve notar-se que, em Timor-Leste, a Religião e Moral é uma disciplina curricular obrigatória no ensino privado e público. Contudo, antes de alcançar o seu estado como disciplina obrigatória, decorreu uma polémica em 2005, com uma grande manifestação contra o executivo que pretendia colocar a disciplina de Religião e Moral como facultativa. No entanto, a disciplina mantém-se obrigatória e independente.

No que diz respeito a esta disciplina, o Ministério da Educação de Timor-Leste assinou um acordo com o Conselho Nacional da Educação Católica de Timor-Leste (CONNECTIL), no dia 19 de Abril de 2011, com o objetivo de garantir o direito, o dever e a responsabilidade na área da Educação Católica, sendo assim, o sistema educativo desta área curricular é executado pelas duas partes. Além disso, o CONNECTIL tem a aprovação da Igreja Católica na área da educação e tem a competência de planejar os programas educativos e promover a Educação Católica nas escolas, em todos os níveis do ensino. Apesar de Timor-Leste ser um país predominantemente católico (cerca de 96,5% do total da população), em que a disciplina de Religião e Moral é da responsabilidade da Igreja (através do CONNECTIL), mesmo assim propicia-se no ensino secundário o acesso a conhecimentos de outras religiões de forma geral; isto com o objetivo de promover a tolerância religiosa, conforme o artigo 12.º da Constituição da República Democrática de Timor-Leste, sobre o «O Estado e as confissões religiosas».

Assim, a disciplina de Religião e Moral “trabalha a alteridade, a construção da identidade, a transcendência, o conhecimento, a ciência, a fé, a crença, a linguagem, a religião e também estudos sobre Deus no cotidiano do século XXI, discutindo a ação de fé e a cidadania” (Santos et al., 2009, p. 102). No fundo, a ideia acima refere o fenómeno religioso e os valores éticos, que são inerentes ao ser humano e formam a base do mesmo.

Em vista disso, a escola tem a obrigação de propiciar a formação total do ser humano, isto é, além de disponibilizar as ciências que enquadram conhecimentos baseados nas veridades científicas, também tenta construir os valores e os princípios essenciais para a vida, por isso, estes assuntos são tratados pela Religião e Moral. Por esta razão, faz sentido de que a Religião e Moral seja uma disciplina obrigatória nas escolas, já que a escola tem de estar aberta a todos os conhecimentos válidos para o desenvolvimento racional e aos valores da vida.

Além disso, é capaz de envolver a arte para apoiar a percepção dos temas pertinentes relativamente a Religião e Moral na sala de aula, a fim de que a aula torna-se mais viva. Além de imitar e representar a realidade visível, a arte contribui para a compreensão de realidades místicas e transcendentais, apoia também na formação integral, do crescimento e maturidade ao nível cognitivo, afetivo, moral e espiritual, simultaneamente, na participação social e cultural, e além disso, a arte também funciona numa forma que descreve, avalia e interpreta um produto artístico com uma perspectiva crítica. E através da Educação Artística se pode constituir como uma estratégia pedagógica na aquisição de saberes religiosos e morais católicos e igualmente constitui-se como um facilitador do diálogo com outras expressões religiosas.

Portanto, baseando-se na abordagem qualitativa para o desenvolvimento do presente trabalho, esta investigação será desenvolvida no contexto escolar no Externato São José, Díli, Timor-Leste. Contudo, para satisfazer os objetivos determinados por esta investigação, concretamente através da técnica de entrevista, procuramos saber as opiniões, as ideias e as experiências dos professores que lecionam a disciplina de Religião e Moral, e para compreender também a experiência dos alunos não-católicos que estudam no Externato relativamente à sua convivência nesta escola católica.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTO DA PESQUISA

A presente investigação propõe-se analisar qual o contributo da Arte para a Educação Religiosa e Moral, concretamente em Timor-Leste.

Segundo a Lei de Bases da Educação de Timor-Leste (Lei n.º 14/2008 de 29 de Outubro), artigo 12 (alínea *j*), o objetivo do Ensino Básico é “proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica, moral e religiosa” (p. 2645); e no artigo 15 (alínea *a* e *c*) diz-nos que o Ensino Secundário aprofunda a sequência de aprendizagem do Ensino Básico, completando, desenvolvendo os conteúdos fundamentais de uma formação e de uma cultura humanística, as competências necessárias à compreensão das manifestações culturais e estéticas e possibilitar o aperfeiçoamento da expressão artística. Baseando-se na alíneas da Lei de Bases acima referidas, conjugamos que a arte é-nos apresentada como suporte cognitivo para a formação e o desenvolvimento motor, para as atitudes ativas e conscientes dos alunos na escola, efetivamente no aprendizagem da educação religiosa e moral.

No 1.º ciclo, o objetivo da disciplina de Religião e Moral é acompanhar e guiar os comportamentos éticos-morais dos alunos. No 2.º ciclo, incentiva o diálogo, baseando-se nas ações concretas do indivíduo no tempo e no espaço. E no 3.º ciclo, propicia um aprofundamento do aluno em exercitar o pensamento lógico por conhecer a sociologia e a história da tradição religiosa-católica. Ao transitar para o Secundário, o aluno é motivado a integrar a sua experiência pessoal nos conteúdos programáticos; por outro lado, é sensibilizado para a diversidade de pensamento, sobretudo na Religião, concretamente ao conhecer os fundamentos essenciais das outras religiões, em especial as cinco maiores religiões do mundo: Cristianismo, Islamismo, Hinduísmo, Budismo e Judaísmo. Sendo assim, a disciplina de Educação Religiosa e Moral não tem por objetivo promover o proselitismo, mas sim considerar as diferentes filiações religiosas dos alunos, acolhendo a sua religiosidade e promovendo a tolerância religiosa, através do favorecimento do estudo das religiões com mais fiéis, procurando contribuir para uma convivência harmoniosa no seio da diversidade religiosa. Entretanto, em 2002, a Constituição da República Democrática de Timor-Leste (CRDTL), no artigo 45º, plasmou a liberdade religiosa no país: “A toda a pessoa é assegurada a liberdade de consciência, de religião e de culto” (p. 18). Portanto, o senso de tolerar não obriga a concordar com as práticas dos outros, tendo o consentimento de tolerar para ser tolerado.

“A escola é um lugar de construção de conhecimento e de ajuda na socialização dos alunos, então, o conhecimento religioso deve estar disponível para todos que desejam aprender, porque, afinal, ele é um conhecimento humano” (Santos et al., 2009, p. 102). Entretanto, a Educação Religiosa abarca a asserção tocada pelo UNESCO que diz

A tolerância é, certamente, a expressão das qualidades interiores da alma, tais como amor, a compaixão, a misericórdia e a sinceridade, mas depende, ao mesmo tempo, de determinadas condições existenciais prévias: deve existir, por exemplo, um sentimento de segurança, um clima de justiça e uma esperança de vida feliz para si própria e para seu familiares. (1999, p. 57)

Por isso, a Educação Religiosa e Moral proporciona aos alunos conhecimentos e permite-lhes construir uma visão sobre o pluralismo, nomeadamente a diversidade religiosa. “Na escola o educando terá um espaço para conhecer e refletir sobre sua religião e as demais existentes” (Santos et al., 2009, p. 103). Assim sendo, é reforçada na escola a visão pacífica, próspera e harmoniosa numa sociedade pluralista. Como diz Ferreira (2001), “trabalhar dessa perspectiva relativista também é importante porque pode ajudar os alunos a compreender e respeitar as diferenças e a diversidade cultural, combatendo atitudes de discriminação, racismo e intolerância” (p. 17). Também na Constituição da República Democrática de Timor-Leste (2002), no artigo 12.º, se reconhece que as diferenças religiosas contribuem para o bem-estar do povo de Timor Leste: “O Estado reconhece e respeita as diferentes confissões religiosas, as quais são livres na sua organização e no exercício das actividades próprias, com observância da Constituição e da lei” e “promove a cooperação com as diferentes confissões religiosas, que contribuem para o bem-estar do povo de Timor-Leste” (p. 11).

Assim, no sistema educativo, a disciplina de Religião e Moral propicia a compreensão de que a espiritualidade e a religião são elementos importantes e úteis na procura do sentido da vida. O recurso à arte como estratégia pedagógica para o ensino da Religião e Moral poderá contribuir para tornar as aulas mais cativantes e emocionantes. Mais ainda, tendo a arte sacra ou a arte religiosa um papel essencial como tentativa de expressar a dimensão espiritual em meios materiais, poderá constituir-se como um veículo privilegiado de interligação entre arte e religião.

Entretanto, para uma construção integral da personalidade do aluno, em todas as suas dimensões, nomeadamente também na emocional, a Educação Religiosa e Moral

beneficia da utilização da via artística na aprendizagem. Como diz Sousa (2003) “Mais importante do que aprender, conhecer e saber; é o vivenciar, descobrir, criar e sentir” (p. 63).

Assim, o objetivo deste trabalho é estudar, compreender a presença da arte - através da Educação Artística - na disciplina de Educação Religiosa e Moral e, eventualmente mostrar a relevância da sua presença. Embora a arte e a educação sejam diferentes no seu campo de ação, podem estar unidas no sentido de uma formação eficaz.

A Lei de Bases da Educação de Timor-Leste n.º 14/2008 permitiu a inserção da Educação Artística nas escolas. Vale a pena destacar a importância da arte como meio de promover a educação.

A arte é também por vezes considerada como linguagem e como comunicação, mas não como linguagem comunicativa a nível cognitivo, comunicando conteúdos semânticos de natureza racional. A arte é a linguagem das emoções, a procura de comunicar algo que não é traduzível em palavras e em pensamentos. (Sousa, 2003, p. 55)

Podemos constatar que a manifestação artística das imagens ou dos símbolos pode levar efetivamente a transformar o indefinido em algo acessível. Entretanto, a arte tem um cariz mágico, ao possibilitar, pelo seu poder emocional, transformar um conceito abstrato numa vivência completa.

Poupard (1978) diz-nos que todo o fenómeno religioso é um fenómeno humano, aberto ao transcendente; além disso, a ciência aprende, através da história, os fenómenos religiosos e explica as experiências vividas no seu sentido e no seu significado para os homens que as viveu. Pela compreensão do fenómeno religioso o educando pode entender melhor a sociedade e a si próprio, no plano moral e ético.

Portanto, arte é como um meio extraordinário que justifica a realidade metafísica, que aponta para algo desconhecido e misterioso que integra a visão do mundo através de uma consciência mais desenvolvida, alarga o conhecimento para um olhar sublime. Além disso, ela é o símbolo vivo que configura os mitos, os contos, as histórias, as doutrinas sociais com as manifestações artísticas que contém as mensagens morais em si.

Assim, consideramos que a arte poderá tornar os alunos mais sensíveis, desenvolver a consciência para serem virtuosos, com a expectativa de não serem apenas um bom religioso na fé, mas também um cidadão exemplar. Santos et al. (2009) dizem-nos que

Os princípios básicos, tais como liberdade, valores, respeito, não violência, trabalhados na Educação Religiosa, contribuem para a formação total do ser humano, sendo que a ética é fundamental na relação com o outro, para que não ocorra qualquer tipo de violência. (p. 101)

Contudo, o recurso à arte na disciplina de Religião e Moral visa apoiar e formar os alunos não só na sua vertente religiosa, mas também promover neles uma visão de um mundo mais pacífico e em pleno respeito pela tolerância religiosa.

1.1 Contexto do Projeto

Este trabalho contextualiza-se no sistema educativo de Timor-Leste, tendo por base uma investigação qualitativa na Escola Externato São José. Situa-se no interior da costa norte da ilha de Timor-Leste, na capital do país, Díli. Atualmente é uma Escola privada Católica, sob a proteção da Associação de Externato São José. O objetivo desta Escola é “Promover a Qualidade e Buscar a Excelência”, sob o lema “Itē et docetē” ou seja, a expressão “Ide e Ensinaí” que consta na Bíblia (Mt, 28, 19-20).

Através do objetivo e do lema desta escola, reflete-se um ideal de uma educação que pretende formar e transformar o aluno num cidadão útil e harmonioso na sociedade. Portanto,

Ensinar conhecimento e – por sua vez – educar para a vida, juntando conhecimento e atitudes como conteúdos curriculares, não é fácil. Para as escolas constituem um desafio, e ao mesmo tempo um fardo pesado e uma responsabilidade, o pedido para que não se limite à aquisição de conhecimentos e habilidades no intuito de educar cidadãos livres, responsáveis, solidários e autônomos. (Trillo, 2000, p. 124)

Assim sendo, educação não é só para atingir o alto nível ou o máximo grau académico, ou seja uma preocupação de habilitação literária, mas sobretudo é formar o homem a ser mais humano. Por isso, a escola tem que fomentar a qualidade de ensino:

A escola tem de tornar-se templo e tempo da cultura. Esta deve estar ali sob as suas formas mais importantes: a ciência, a arte, a técnica, a filosofia, o mito, a religião, o jogo. Se a escola se tornar isso, torna-se lugar e tempo da qualidade da vida infantil e juvenil. (Patrício,1996, p. 92)

De certa forma, a escola além de desenvolver as virtudes intelectuais, deve facilitar os meios para a realização do projeto da vida. “O objetivo da educação deve ser sempre o de tornar o homem mais maduro, isto é, fazer dele uma pessoa, que realize de forma perfeita e completa todas as suas possibilidades e aptidões” (João Paulo II, 1990, p. 73).

Neste contexto, uma das disciplinas que desempenha o seu papel para uma formação integral de um indivíduo, é a Educação Religiosa e Moral. A sua finalidade é preparar os educandos não só no aspecto vocacional, mas também no espiritual e mental, enquanto processo de formação da personalidade em todos os aspetos. Assim, eles poderão aprender o fundamento da fé, moral religiosa, encontrar as respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade; igualmente poderão agir com responsabilidade e coerência e expressar conhecimento aberto às outras práticas religiosas em termo de tolerância. Como diz o Papa João Paulo II:

As religiões do mundo, apesar das divergências fundamentais que as separam, são todas chamadas a dar o seu contributo ao nascimento dum mundo mais humano, mais justo, mais fraterno. Depois de terem sido muitas vezes causa de divisões, todas gostariam agora de desempenhar um papel decisivo na construção da paz mundial. (1990, p. 178)

Por isso, para atingir a formação integral ao nível afetivo, cognitivo, social e motor, considerando a arte como meio mais eficaz para a educação no crescimento autêntico da pessoa humana, este projeto propõe-se o envolvimento da Educação Artística como o meio facilitador neste ideal. Nesse sentido, a Educação Artística não é só para ensinar a apreciar, mas, em grande medida, pode contribuir para o equilíbrio pedagógico na escola.

A formação integral do ser é muito mais abrangente do que a apreensão cognitiva, para a qual contribui em larga medida a Religião e Moral.

Esta experiênciação directa é muito mais ampla do que a sua simples apreensão cognitiva. Possibilitou uma vivência emocional que tem o papel importante nas interligações afetivas que formam a personalidade e que ajudam na resolução de tensões, conflitos e frustrações da experiência interna no seu próprio de encontrar na própria vida a qualidade e a felicidade que lhe dão sentido e intencionalidade. (Sousa, 2003, p. 111)

A arte, nas suas mais diversas formas, propicia um melhor entendimento da fé e também revela os valores morais através das expressões e manifestações artísticas. Vale a pena lidar com as obras artísticas no ensino-aprendizagem, porque, as obras feitas falam e comunicam aos outros a emoção profunda.

Verificamos que as realizações de obras de arte são verdadeiramente válidas e belas, não só enriquecem o património cultural da nação e da humanidade inteira, mas prestam também um serviço social qualificado ao bem comum (João Paulo II, 1999). Por isso, no ensino-aprendizagem oferece-se as condições para compreender bem a realidade, através dos meios artísticos. E a Educação Religiosa e Moral atribui um horizonte de compreensão e de compromisso para “O ser humano, que convive como membro de uma religião, assimila os valores morais e costumes em que vive como leis naturais a serem cumpridas, assim, contribuindo para mudanças comportamentais e atitudes” (Lucena, 2015, p. 63). Sendo assim, permite aos alunos compreender e aproveitar a prática moral na vida. “Quanto mais justa for a noção que tivermos da realidade, mais aptos estaremos para nos comportarmos convenientemente” (Durkheim, 1978, p. 389).

Assim, o ensino religioso dirige a sua visão para as doutrinas e para os valores e crenças específicos de cada religião e o ensino moral sensibiliza os alunos nas virtudes éticas, a empatia, o relacionamento na família, a criação de laços de amizade, a tolerância religiosa e o respeito pelas diferenças. Por isso, a Educação Artística é um dos meios potenciais para melhorar a aprendizagem, e incorporada na Educação Religiosa e Moral é capaz de revelar o fenómeno religioso e o fenómeno social utilizando as expressões artísticas.

Sem dúvida, um dos mais importantes objetivos da educação é contribuir para o desenvolvimento da autonomia, ajudar os alunos a se tornarem moral e intelectualmente livres, aptos a pensar e agir de forma independente. Neste campo, a contribuição das artes poderia ser grande, já que elas, mais do que qualquer outro componente curricular, deveriam incentivar os alunos a uma produção que não dependesse de modelos. (Ferreira, 2001, p. 22)

Huyghe (1998) também concorda que pela arte o mundo torna-se mais inteligível, acessível e mais familiar e o homem exprime-se mais completamente, compreende-se e realiza-se melhor.

Portanto, além das criatividades artísticas que são capazes de concretizar determinados conteúdos pelas suas formas, também a arte sacra é um recurso didático e um meio favorável à aproximação das pessoas com a divindade. A arte aproxima-se do mistério, da fé do homem, encontrando-se nela a plena interpretação para se compreender a dimensão transcendental.

Uma obra de arte, pela emoção que desperta, tem um valor intrínseco ao incentivar o raciocínio, a consciência e até a espiritualidade. A arte estimula sentimentos sinceros, visto que interiormente fomenta a experiência de profunda emoção e o efeito desta experimentação emocional torna-se uma obra artística através das habilidades criativas. “Criar uma obra de arte não é uma questão de explodir, vociferar ou de meramente exprimir, é um processo de clarificação” (Carroll, 2010, p. 79).

Entretanto, a “Educação Artística contribui para uma educação que integra as faculdades físicas, intelectuais e criativas e possibilita relações mais dinâmicas e frutíferas entre educação, cultura e arte” (UNESCO, 2006, p. 6). Neste contexto, o professor assume um grande papel, ou seja, é necessário a dedicação e a criatividade do professor para que o ensino praticado seja vivo e de qualidade. “Ora esse acto, que é encontro – mesmo quando é o encontro do educando consigo mesmo –, é o ponto de comunicação entre o educador e o educando” (Patrício, 1996, p. 36). Em tal caso, o professor não é para ser um bom artista, mas deve ser criativo e ter um papel ativo como animador e como motivador na sala de aula, ou seja, deve propiciar o desenvolvimento de práticas de atividades artísticas para uma construção cognitiva-emocional. “Aprender a expressar conhecimentos e sentimentos na forma de imagens, sons, gestos e movimentos requer dos alunos a capacidade de concatenar idéias e habilidades” (Ferreira, 2001, p. 26). Nesse

sentido, a arte além de ser complemento do conteúdo disciplinar com a sua forma, oferece também oportunidade para desenvolver novas habilidades do aluno.

1.2 Declaração do Problema

A preocupação nesta investigação é sobre a promoção da formação integral para o desenvolvimento pessoal no aspecto mundano e no aspecto espiritual mediado pela arte. Neste enquadramento, trata-se do contributo da arte no ensino religioso e moral na sala de aula. Consideramos que a arte constitui uma parte elementar na configuração das mensagens educativas na disciplina de Religião e Moral.

De facto, verificamos que os resultados na Educação em Timor-Leste exigem tempo, um investimento contínuo e políticas coerentes (Albino, 2020). Por isso, além de promover a formação dos recursos humanos, é necessário qualificar também os recursos pedagógicos, sendo a arte uma estratégia privilegiada no sentido da Educação, concretamente na Religião e Moral.

Deste modo, o grande desafio neste trabalho é estudar-se a presença da arte na disciplina de Religião e Moral. Neste contexto, a Religião e Moral, de facto, é uma disciplina obrigatória assim como as outras disciplinas. Torna-se necessário a escola promover constantemente os valores que integram a construção da pessoa e da sua participação plena na sociedade, seja no aspeto racional, seja na fé ou na moral.

Reconhecemos o papel da Educação Religiosa e Moral como construtor de virtudes, como por exemplo, praticar a solidariedade é o impulso da consciência. Guitton (2000) diz-nos que a vida é uma espécie de viagem de exploração da consciência, demonstrada não só pelos testemunhos, mas também pela experimentação, e é um facto verificável pela experiência que o homem da ciência tem a coragem e a curiosidade de tomar consciência disso. Nesse sentido, a Educação Religiosa e Moral é diferente das outras disciplinas (que apenas transmitem os valores do conhecimento de ciência e tecnologia), pois tem a sua característica inerente ao desenvolvimento e maturidade da pessoa humana que abre a possibilidade à reflexão e aprofundamento das dimensões do ser humano e à dimensão transcendental como fenómeno religioso que um indivíduo possa atingir através da consciência humana. Com o apoio da arte, esta disciplina torna-se mais rica no seu aspeto cognitivo e espiritual no ensino-aprendizagem. Nesse quadro “o equilíbrio do homem em relação a ele mesmo, à sociedade e ao meio ambiente poderá

ser alcançado pelas experiências espiritual e criativa, bastando para isso serem cultivadas; e a produção artística procura demonstrar essa possibilidade” (Sekiguchi, 2011, p. 19).

Para tornar a aula mais viva, o professor necessita de dominar e expor os conteúdos temáticos de uma forma mais clara e também estimular a autoestima e a autonomia, o sentimento de empatia do aluno, conduzindo-o a ser capaz de simbolizar, através dos meios possíveis, as várias manifestações artísticas. O professor é responsável por melhorar a qualidade de ensino na sala, pelo que deve progredir sempre no seu conhecimento, com uma preparação contínua, tanto no aspeto cognitivo como no criativo. Mesquita (2011) diz-nos que os professores devem aumentar o seu conhecimento com a complexidade científico-tecnológica que se instaurou no seu mundo profissional, com uma preparação em banda larga para que o ensino praticado seja consciente e de qualidade. Neste contexto, o professor da referida disciplina deve promover discussões de ideias, fornecer reflexões conscientes e encontrar soluções satisfatórias aos problemas, concretamente pode inserir a arte digital como vídeos, breves filmes que pode encontrar nas redes sociais, músicas, histórias e outras ferramentas artísticas que são compatíveis com o conteúdo temático, contribuindo assim para o desenvolvimento afetivo e para a construção de valores humanos e espirituais. Como diz a UNESCO (2006), “A arte por computador, por exemplo, já é aceite como forma artística, como forma legítima de produção artística, e como método de ensino das artes” (p. 13). Além disso, “Para melhorar a qualidade do trabalho, é fundamental que os professores reflitam sobre suas concepções e práticas, muitas vezes adotadas pura e simplesmente por modismo ou por acomodação” (Ferreira, 2001, p. 33). Os alunos precisam de ensino-aprendizagem com variedade, com dinamismo, com movimento, que pode assumir diferentes expressões, tais como dançar, cantar, dramatizar, sendo formas mais úteis do que apenas assistir, ouvir ou memorizar. A educação ativa, além de se basear apenas no ideário educativo, tem também a enriquecer-se com uma conquista pessoal dos educadores, sobretudo com a criatividade na área artística. Realmente, os alunos precisam de uma aprendizagem dinâmica. “Se não há algo em que pode experimentar, explorar, apalpar, verificar, observar, ela procura todos os subterfúgios e aplica todos os seus esforços para se escapar” (Sousa, 2003, p. 138).

Papa João Paulo II (1999) diz-nos que os professores também são como um artista que garantem o crescimento da pessoa através da forma sublime de arte, que é a arte de educar. No artigo 11 da Lei de Bases da Educação de Timor-Leste N.º 14/2008 solicita a prática da educação artística de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão

estética aos alunos do Ensino Básico, e no artigo 15, possibilita o aperfeiçoamento da expressão artística aos alunos do Secundário.

Por isso, é necessário da parte dos professores aperfeiçoar o modo de lecionação da disciplina em causa, em termos de utilizar a arte. UNESCO (2006) diz-nos que em circunstância ideais, os professores devem ser sensíveis aos valores e qualidades dos artistas e apreciar arte, proporcionar aos alunos algum conhecimento; a capacidade de analisar, interpretar e avaliar obras de arte; e apreciar obras de arte.

De acordo com Rubio (1990), citado por Costa (2014) apresenta-nos que a arte é a fonte mais antiga da realidade religiosa. Assim sendo, propõe-se que se combine a arte e a religião na aula, fazendo uma aproximação do fenómeno artístico ao fenómeno religioso. Nesse sentido, abre-se um novo horizonte de interdisciplinaridade entre a Educação Artística e Educação Religiosa e Moral, apresentando um grande potencial para a construção da aprendizagem na escola.

A arte não se limita ao material, mas é muito mais do que isso, é uma concretização da dimensão do ideal, da moral e do espiritual. Assim, a Educação Religiosa e Moral pode e deve ser enriquecida pela atitude de acolhimento do sentido da realidade quotidiana por meio da música, poesia, vídeo, artes plásticas, símbolos, entre outras. A exploração das fantásticas sensações provocadas pela sonoridade (música e poesia), as imagens como arte da contemplação ou mística visual (pinturas, símbolos e vídeos) são como inovações de sentido que sensibilizam a mente e o coração. Os recursos artísticos são possíveis catalisadores para o sucesso escolar. UNESCO (2006) diz-nos que é também necessário ter em atenção a utilização das novas tecnologias na criação artística, música e novos média, ou seja, o papel da Educação Artística é alargado, pelo que são atribuídas novas funções aos professores de arte do século XXI .

Através do envolvimento da arte na sala, incentiva-se a imaginação e a consciência da realidade vivida, por isso, é mais valia despertar o senso artístico dos alunos.

Infelizmente, poucos alunos são capazes de reconhecer seus progressos em artes – as habilidades que desenvolveram e que os tornam capazes de fazer sozinhos ou de fazer melhor, os conhecimentos e valores que construíram – e isso talvez ocorra por culpa dos professores. (Ferreira, 2001, p. 25)

A solução satisfatória é, quando o aluno estiver animado no seu exercício imaginativo, o professor não deve julgá-lo, já que não existe certo e errado na arte, pois está lidando com o exercício da sensibilidade, ou seja, a arte está diretamente vinculada

à criação de possibilidade e à liberdade dos alunos. Portanto, com as diversas formas artísticas são atraídas múltiplas sensações.

Estamos nas mudanças sociais rápidas, e ao mesmo tempo desafiando os professores a saber aprender e aprender a aprender.

Um(a)s acentuam o valor do conhecimento prático e experiencial na ação profissional e, outras, atribuem ao conhecimento científico a condição e suporte indispensável para o exercício da docência, atribui-se principal relevância à multidimensionalidade do saber profissional dos professores, considerando que para a sua construção é necessário que se estabeleça o diálogo entre a dimensão científica, a dimensão experiencial, e uma dimensão investigativa e reflexiva indispensável à deliberação e ação em situação, de forma fundamentada. (Mesquita, 2011, p. 44)

As ações educacionais só alcançam sucesso com a participação competente dos professores, não só pelo processo da sua formação profissional, mas também com a sua criatividade.

É essencial uma educação universal e de boa qualidade. Mas esta educação só poderá ser de boa qualidade se, através da Educação Artística, promover percepções e perspectivas, criatividade e iniciativa, reflexão crítica e capacidade profissional que são tão necessárias à vida no novo século. (UNESCO, 2006, p. 18)

Contudo, a arte, nesta disciplina de Educação Religiosa e Moral, estabelece a forma de compreensão para a fé e reforça o empenho da razão perante as várias dúvidas em contexto religioso. “Tratar da Religião na sala de aula significa enfrentar as grandes questões que afetam a forma como homens e mulheres nesta nossa sociedade constroem suas razões efetivas para viver como vivem e porque vivem” (Figueira, 2007, 149). Sendo assim, essa disciplina proporciona um conhecimento religioso que pode mostrar-se como um campo fértil à aplicação e desenvolvimento da arte, que abre perspectivas ao conhecimento e desenvolvimento do aluno. Assim, esta combinação entre a arte e a Educação Religiosa e Moral, faz com que aquilo que é transcendente (ou misterioso) e ultrapassa a compreensão do aluno, se torne muito mais evidente, na medida do possível. Assim o conhecimento da fé não anula o mistério; torna-o apenas mais evidente e

apresenta-o como um facto essencial para a vida do homem (João Paulo II, 1998). Além disso, esse binómio da Educação Artística e a Educação Religiosa e Moral lançam as bases de uma formação abrangente na construção da pessoa humana e da sua inserção na sociedade.

1.3 Pergunta de Partida e questões de investigação

Alicerçado em três dimensões gerais, educação, religião e arte, o presente trabalho de investigação procura aferir de que forma a arte se pode constituir como uma estratégia privilegiada nos processos de ensino-aprendizagem na disciplina da Educação Religiosa e Moral e facilitadora da tolerância religiosa. Daqui decorrem três questões de investigação:

- De que forma, na disciplina de Religião e Moral, a arte se constitui como um recurso privilegiado nos processos de ensino-aprendizagem promovendo a aquisição de conhecimentos relativamente à religião católica?
- De que forma, na disciplina de Religião e Moral, a arte é utilizada nos processos ensino-aprendizagem para o desenvolvimento da formação ética dos alunos, considerando a diversidade das suas crenças?
- Considerando a crescente diversidade religiosa global, de que forma o recurso à arte nos processos ensino-aprendizagem permite conhecer a diversidade de expressões artísticas e religiosas favorecendo a tolerância religiosa?

1.4 Finalidades da investigação

Com esta investigação espera-se conhecer e compreender os discursos e as práticas educativas presentes na disciplina de Religiosa e Moral, bem como aferir como é que a Educação Artística se pode constituir como uma estratégia pedagógica na aquisição de saberes religiosos e morais católicos e igualmente ser uma facilitadora do diálogo com outras expressões religiosas.

CAPÍTULO 2 – REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Religião

Na revisão bibliográfica foi possível encontrar diversas definições de religião, contudo é difícil aquela englobe a grande diversidade de crenças e práticas religiosas. Assim, em seguida apresentar-se-ão diversas aproximações ao conceito de religião.

Segundo o Dicionário de Ciências Sociais (1987) “o termo religião é, de modo quase geral, relacionado com o verbo latino *religare*: cumprimento consciencioso do dever, respeito a poderes superiores, profunda reflexão” (p. 1058). Lactâncio, na sua obra *Instituições Divinas*, remete para o termo *religare*, que significa “religiar”, expressando “a união do ser humano com outros seres humanos e do humano com o divino” (Sarró, 2007, p. 104). No entanto, há uma relação de reciprocidade do ser humano entre si e com o divino.

Verificamos que o homem, através da religião, responde à manifestação e comunicação com o transcendente, sendo esta uma relação de virtude que indica uma disposição ou atitude permanente da pessoa humana consciente e livre, baseada na razão e na vontade (Colaço & Vicente, 2002, p. 53). Assim, a existência do ser humano, no tempo e no espaço, permanece em si um problema insolúvel, pelo que, ele na sua inquietude sempre deriva num exercício de desenvolver uma relação transcendental, ou seja, na qual o ser humano procura entrar em contacto com o divino. “A ligação com Deus acontece sobretudo no “coração”, é aí que o homem sente Deus; é aí que dá respostas radicais e pessoais” (Colaço & Vicente, 2002, p. 54). É este tipo de ser humano que aceita a existência transcendental chamado *homo religiosus*, onde o ser humano determina a sua conduta ou a modifica, segundo a sua experiência face à força misteriosa (Poupard, 1978).

Encontramos concepções diferentes relativamente à interpretação e à percepção do fenómeno religioso. Alguns consideram que a “religião - nascido como produto histórico de nossa cultura ocidental e sujeito a alterações ao longo do tempo – não possui um significado original ou absoluto que poderíamos reencontrar” (Silva, 2004, p. 4). Gottlieb (2006), citado por Reis (2021) diz-nos que a religião descreve uma experiência mais comunitária, organizada, institucional que frequenta um sistema integrado de crenças, rituais, vida institucional, aspiração espiritual e orientação ética. Porém, Reis (2021) comentou a ideia do Bauman (2014) que a religião é uma religação ao mundo, no sentido

de uma conexão entre o homem, a natureza e o divino. Embora, estas descrições sejam diferentes, encontramos uma linha em que o ser humano anda à procura da realidade espiritual na qual se comporta diante do mistério/supranatural.

Verificamos que o homem tendo consciência de si e impulsionado por inquietação procura equilibrar-se a si mesmo e ao seu mundo com a intenção de chegar a uma realização plena em que o ele se transcende (Cenatti, 2013). “Ele se projeta para o além do mundo, em direção a algo que está fora dele e em busca de um objetivo que é a sua realização” (Cenatti, 2013, p. 18). Isto é, a inquietude faz com que o ser humano procure concepções sobre o sentido da sua existência.

Encontramos diversas percepções do transcendente nas crenças, designadamente, o animismo, no qual o homem primitivo acredita na natureza, ou seja, nos animais, nas plantas, no sol, entre outras coisas que continham espíritos, considerando que tudo tem alma. Politeísmo designa a crença que “admite a existência de várias deuses” (Magalhães, 1978, p. 264). O monoteísmo “admite apenas um só Deus, distinto do mundo” (Magalhães, 1978, p. 124). E o panteísmo designa a crença na “qual Deus é imanente ao mundo e existe em tudo” (Thiollier, 1990, p. 278).

Há várias e diferentes definições ou modos de pensar sobre o conceito de religião. Para apoiar a análise do conteúdo do citado conceito, fundamentamo-lo tendo presente três pontos de vista. Do ponto de vista teológico, de acordo com a Grande Enciclopédia de Conhecimento (1980), religião “é o encontro do homem com a realidade sagrada, da qual ele se considera dependente, traduzido em determinadas atitudes práticas. Nasce, pois, da experiência do sagrado e tem a sua expressão visível no culto” (p. 2282). Esta experiência é o dever religioso no qual o ser humano exprime a dádiva gratuita que é a vida como forma de agradecimento e de louvor.

A perspectiva filosófica de conceber a religião focaliza-se na raiz ontológica do ser humano para entender a relação do homem com Deus, tenta esclarecer a possibilidade e a essência formal da religião na existência humana, enquanto atingível pela inteligência. No entanto, Hegel (1970) citado por Zilles (1991) diz-nos que “A religião é a relação com o Absoluto na forma do sentimento, da representação, da fé” (p. 11). É encontrada na interioridade do ser humano que descobre e procura Deus na profundidade da sua alma, na sua consciência e na sua liberdade. Assim sendo, aproximamos a classificação de Tillich (1962) citado por Zilles (1991) que relata: “a existência religiosa do homem desenvolve-se em muitas dimensões, como, por exemplo, a interior e a exterior. Na primeira situa-se a fé e a meditação; na segunda, o culto e a pregação” (p. 10).

Do ponto de vista antropológico, a religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativamente ao sagrado. “As forças religiosas, portanto, são forças humanas, forças morais. (Durkheim, 1996, p. 462). Nesse sentido,

a religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a reafazer certos estados mentais desses grupos. (Durkheim, 1989, p. 33)

Mesmo assim, na sua vida religiosa, o ser humano sente efetivamente a verdadeira função da religião, que lhe ajuda a viver. A busca do Absoluto através da Religião, o *homo religius* tem a experiência suscitada pelo reencontro com o sagrado, pela fé e pelo culto. Poupard (1978) diz que toda a religião implica uma certa procura do absoluto: é o não relativo, o incondicional, o não composto, o não formado e finalmente o desconhecido, por maneira positiva o absoluto é único, simples, puro Ser, puro Saber, Verdade, Espírito.

Os teístas, acreditam num Deus como “O ser supremo, o existente por si mesmo desde toda a eternidade, infinito, perfeito, onisciente, onipotente, onipresente, começo e fim de todas as coisas, soberanamente bom, justo e belo, base e cume de todas as religiões” (Thiollier, 1990, pp. 108-109). Esta crença além de conectar o homem com o divino e com os ritos e forças da natureza, permite de igual forma uma orientação para o mundo e para o seu papel dentro desse mundo. “Deus é uma realidade única, infinita e eterna, que ultrapassa toda a capacidade humana de a poder descrever convenientemente, mas que se expressa nos elementos finitos do espaço e do tempo.” (Ward, 2001, pp. 17-18).

Obviamente, cada religião proporciona a sua projeção divina, cada uma aceita a Existência do Supranatural e cada uma tem a sua própria visão sobre o divino. “As religiões têm ideias diferentes sobre a *salvação*. Algumas crêem que o homem pode ser salvo por um poder divino, ao passo que outras afirmam que ele deve resgatar a si mesmo” (Gaarder et al., 2000, p. 24).

Taliaferro & Griffiths (2003) diz que de maneira compreendida e praticada sobre a existência de Deus, o cristianismo, o judaísmo e o Islamismo, afirmam que existe um Deus sem se preocupar em ponderar a própria afirmação de que Deus existe quando a sua existência está a ser interpretada. Por sua vez, o hinduísmo venera numerosas divindades,

atribuindo um papel central ao deus ou aos deuses, como criador(es) e apoiante(s) dos cosmos. Verificamos que o budismo procura o caminho harmonioso e o equilíbrio entre a arte de viver e a renúncia que leva à serena tranquilidade e à paz, aqui e agora mesmo (Zilles, 2012).

Ward (2001) refere que “A questão religiosa actual não consiste em decidir se Deus existe ou não; é aprender de novo, com toda a paciência e sensibilidade, qual o significado que os grandes teólogos davam ao conceito de Deus” (p. 19). A religiosidade é uma questão abrangente que por vezes contraria a forma de pensar e perante a diferença, a crença religiosa é uma riqueza e não é uma ameaça para uma sociedade e um mundo pacífico.

2.1.1 Pluralismo Religioso

Em todas as épocas da história, as religiões estão presentes e fazem parte da cultura humana. Sendo assim, existe na sociedade um fenómeno que incita a convivência humana perante o diferente que é o pluralismo religioso. Na Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura (2002) o Pluralismo é o “Sistema que afirma o primado do múltiplo sobre o uno em qualquer ordem: cósmica, humana, filosófica, religiosa, teológica, social, política, ideológica” (p. 1374).

Assim, a dimensão ética tem um papel significativo no agir do ser humano e concretamente na esfera da religião. “As sociedades onde coexistem várias religiões e vários pontos de vista consideram mais difícil vincular a ética exclusivamente à religião. A sociedade precisa ter suas linhas mestras éticas, e algumas delas são preservadas nas leis” (Gaarder et al., 2000, p. 32).

Deste modo, persiste na história humana um problema extremamente complexo, pois sempre existiram muitos conflitos e guerras violentas em nome de crenças religiosas, motivadas pela intolerância religiosa. Silveira (2014) apresenta numerosos exemplos de conflitos religiosos nos séculos XVI-XVII entre judeus e cristãos, entre cristãos e islâmicos, entre católicos e protestantes que causaram mortes de milhares de pessoas, mantendo-se quotidianamente presente nos constantes conflitos de intolerância religiosa, desqualificando pessoas por não pensarem religiosamente do mesmo modo, destruindo templos e símbolos de religiões que se consideram adversárias, sempre que alguém se

arroga no direito de atribuir à sua crença o estatuto de religião e qualifica a crença alheia como seita.

Em 2018, o relatório de Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (AIS) define quatro tipos de violação religiosa: a intolerância que ocorre sobretudo a nível social e cultural; a discriminação nas leis da blasfémia que colocam uma crença acima de todas as outras; a perseguição que expulsa ou subjuga pessoas com base no facto de serem membros de um grupo religioso; e o genocídio que é um ato cometido com intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo religioso. Também, “a intolerância religiosa, os preconceitos raciais, ódio, a exclusão social são as formas de intolerância corriqueiras e as mais visíveis” (Chelikani, 1999, p. 61).

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), no artigo 10º afirma que, “Ninguém pode ser inquietado pelas suas opiniões, incluindo opiniões religiosas, contando que a manifestação delas não perturbe a ordem estabelecida pela lei” (p. 2). Isto é, as pessoas lesadas podem recorrer à lei, mas tal só é possível nos países onde funciona o estado de democrático. Portanto, é uma mais valia elevar os direitos individuais e coletivos do homem na liberdade de comunicação, de pensamentos, das opiniões, entre outras. Além disso, na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) citado no relatório de Fundação AIS (2018) refere:

Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos. (p. 8)

Cascais (1993) afirma que “hoje, não só a tolerância mas a liberdade religiosa no sentido mais lato (a extrema diversidade das crenças religiosas e também a liberdade de acreditar ou não acreditar) parecem admitidas por todas as pessoas razoáveis” (p. 91).

As religiões estão sempre em movimento, e este movimento é quase sempre de crescimento, e numa invenção imprevisível. O próprio alargamento do horizonte histórico do quadro euro-asiático até um horizonte mais amplo, incluindo as áreas africanas e americanas, indica, sem dúvida alguma, o incremento e o enriquecimento do facto religioso generalizado. (Adriani, 1990, p. 120)

Então, “quem diz tolerância diz efetivamente aceitação da reciprocidade”, ou seja, “tenho direito à tolerância de outrem para comigo”, mas também “estou pronto a escutar os argumentos de outrem, mesmo que eles não me convençam” (Cascais, 1993, p. 64). Verificamos que na visão do pluralismo só resta o entendimento mútuo, o pacto mútuo, a abertura de uns para com os outros dos diversos espaços culturais ou mentais, na convicção de que só a consciência da respectiva e necessária complementaridade os tornará menos limitados, menos contingentes, menos destruidores (Colaço & Vicente 2002). A realidade em que nos encontramos, impele-nos e exige-nos um processo de transformação do ser interior e comunitário. Destacamos um ideal pacífico em que “a meta é promover a compreensão das religiões em escala mundial. Reconhecer a unidade da família humana” (Hollister, 1960, citado por Nunes et al., 2022, p. 118). Isto é, “o coração da fé e da pertença religiosa é a espiritualidade e a mística do diálogo. Em toda experiência espiritual, há o apelo a um sair de si na busca de um ser humano novo” (Nunes et al., 2022, p. 155).

Por isso, segundo Cascais (1993) a tolerância parece a ignorância, não sabia nada, não compreendia nada, precisava de não excluir qualquer hipótese, de tolerar todas as opiniões, ao contrário da intolerância que parece reservada aos que julgam saber tudo. Nobre (2009) deseja que as pessoas no mundo em termos culturais e sociais sejam como camadas de uma cebola, identificando-se mais com as pessoas que estão nas mesmas camadas e com as quais têm empatias culturais e sociais que são muito mais decisivas do que as camadas religiosas ou civilizacionais. “A tolerância é uma autêntica virtude moral e não apenas uma indulgência para facilitar a convivialidade dos homens entre si” (Cascais, 1993, p. 63).

Sobre este tema, existe uma perspetiva teológica que acolhe a diferença de confissões da fé, que admite o Diálogo Inter-Religioso, uma comunicação e relacionamento entre fiéis de tradições religiosas diferentes, envolvendo partilha de vida, experiência e conhecimento. Teixeira (2002) relata que

A diversidade religiosa deve ser recolhida não como expressão da limitação humana ou fruto de uma realidade conjuntural passageira, mas como traço de riqueza e valor. A diferença deve suscitar não o temor, mas alegria, pois desvela caminhos e horizontes inusitados para afirmação e crescimento da identidade. (p. 164)

Assim, este diálogo reconhece a semelhança e a diferença em processo rico de abertura, escuta e enriquecimento mútuo, embora tenha a perspectiva multiforme sobre o divino. Por isso, o Papa João Paulo II (1990) referiu que “praticar o diálogo significa aprender a perdoar, uma vez que todas as comunidades religiosas podem invocar eventuais afrontas sofridas ao longo dos séculos” (p. 66). Em consequência, “a religiosidade em sua totalidade agrega valores, respeita e aproxima os diferentes, busca a superação do sofrimento humano, independentemente de gênero, raça ou credo” (Schmitt, 2014, p. 5).

Contudo, a tolerância conecta uma vida pacífica tanto na vida quotidiana como na vida espiritual do ser humano numa sociedade. Portanto, “a tolerância ou a liberdade das crenças de outrem tem como condição o princípio de reciprocidade. Se a garantia desta reciprocidade não pode residir no próprio interior da vontade religiosa de tolerância, ela reside no exterior, na sociedade civil” (Cascais, 1993, p. 64). Assim, é “encontrar um meio de discernir as causas, sempre presentes, de que dependem as formas mais essenciais do pensamento e da prática religiosa” (Durkheim, 1989, citado por Fonseca & Pestana, 2013, p. 23).

2.1.2 Catolicismo

Etimologicamente a palavra Católica vem da língua grega *Katholikos* que significa “Universal”. Apesar de haver várias igrejas no mundo inteiro, apenas existe uma igreja católica. De acordo com o Dicionário de Ciências Sociais relata o “Catolicismo é comunidade e associação universal dos que seguem a religião católica cristã; crença da Igreja Católica” (1987, p. 161).

Segundo Thiollier (1990) define que o Catolicismo é a Religião de Cristo que pertence fiel ao soberano pontífice, ou seja, a Igreja Católica é frequentemente chamada “romana” pela sua exclusiva submissão ao Papa. Ela é una, santa, católica e apostólica.

De acordo com a etimologia da palavra «igreja» que vem do grego *ekklesia* (assembléia), esta unidade exprime-se na reunião dos fiéis marcados pelo mesmo sacramento de iniciação (batismo) e que prolongam, cada um pelo seu lado, a vida e a missão de Cristo. (Larousse Enciclopédia Moderna, 2008, p. 1612)

Poupard (1978) também afirma que “A igreja é a comunhão daqueles que acreditam em Cristo e receberam o batismo, que os agrega a Cristo” (p. 130). Sendo assim, existe diferença entre o cristianismo e o catolicismo. O cristianismo ou um cristão é aquele que professa a sua fé e segue os ensinamentos de Cristo. Por exemplo, o protestante é cristão, contudo, o catolicismo, ou seja, um católico além de ser cristão, tem conta com doutrinas, dogmas e princípios tradicionais da Igreja Católica. Por isso, com certeza que catolicismo se insere no cristianismo. Para Dowley (1995) “O cristianismo é uma religião histórica. Deus revela-se ao seu povo não em declarações doutrinárias ou em estudos teóricos, mas sim na acção: isto é, na actuação de relação recíprocas” (p. 15). Portanto,

A missão da Igreja é eminentemente religiosa, essencialmente espiritual. Tem uma mensagem de vida a transmitir cujo força vivificante vem do próprio Deus. Uma Boa Nova de Esperança que inspira uma Fé criadora capaz de transportar montanhas, como única e eterna finalidade: O AMOR. (Guerra, 1975, p. 39)

A missão da Igreja é orientada para o bem, criar uma consciência humana baseada no amor. Houve também uma aliança entre a Igreja e a filosofia, no qual a Igreja incorporou a filosofia para a sua defesa da fé.

A filosofia platônica carregava conceitos que ajudaram o cristianismo a se firmar como uma religião que possuía certa forma lógica, assim ela ensinou o cristianismo a se sistematizar, e a procurar e encontrar razões e respostas que dão sentido as suas convicções. (Oliveira, 2017, p. 156)

Do ponto de vista da racionalidade, a teologia dialoga com a filosofia no seu discurso racional. “O panorama do pensamento medieval mostra que, de facto, no plano filosófico, ele viveu em larga medida do legado filosófico grego e antigo, especialmente platónico-neoplatonismo e, a partir do século XIII, também aristotélico” (Coutinho, 2008, p. 23).

Assim, a “Teologia, ela que é conhecida como ciência encarregada do estudo sobre Theos, (Deus) seus atributos, sua vontade, seus ideias, suas manifestações e sua relevância na vida social e comunitária” (Oliveira, 2017, p. 155). Através da teologia, a Igreja atualiza constantemente a sua missão por uma doutrina chamada “Doutrina Social da Igreja”, no qual convoca para a responsabilidade de todos pelo bem comum, procura

um caminho para uma justa ordem social, valorizando as liberdades e os direitos do homem. “Nesta luz, o homem é convidado antes de tudo a descobrir-se como ser transcendente, em qualquer dimensão da vida, inclusive a que se liga aos contextos sociais, económicos e políticos” (João Paulo II, 2006, para., 4).

2.1.3 O papel da Igreja Católica no sistema educativo

A Igreja Católica além de aprofundar a fé na vida espiritual, também desempenha a sua missão na vida secular, onde se preocupa com o bem-estar dos indivíduos e da sociedade em geral. O Papa João Paulo II (1990) refere que a missão da Igreja no mundo, além de pregar o evangelho, é a de iluminar também todos os setores da atividade humana com a sua doutrina para fazer respeitar e para promover a liberdade política e a responsabilidade dos cidadãos. Neste contexto, um dos pontos essenciais da missão da Igreja Católica é a Educação.

A Igreja Católica, ao cumprir a sua missão por toda a humanidade, tem um importante papel na educação, pois apela a todos os responsáveis da educação - os professores, os pais e autoridades escolares - para que exerçam um serviço realmente cívico e apostólico neste mundo com a perspectiva de maior progresso social, mostrando a sensibilidade da educação para a vida humana. O Concílio Ecuménico Vaticano II (1987) afirma que

Todos os homens, de qualquer estirpe, condição e idade, visto gozarem da dignidade de pessoa, têm direito inalienável a uma educação correspondente ao próprio fim, acomodada à própria índole, sexo, cultura e tradições pátrias, e, ao mesmo tempo, aberta ao consórcio fraterno com os outros povos para favorecer a verdadeira unidade e paz na terra. (p. 204)

Assim, Igreja Católica assume uma posição de relevo como protagonista para a construção de um mundo novo, livre e pacífico, que procura concretizar a sua parte e missão através da educação. O Concílio Ecuménico Vaticano II (1987) dispõe que devemos fazer esforços para promover cada vez mais a educação, aperfeiçoar e cultivar a escola com novas experiências, novos métodos de educação e de instrução. Verificamos que a Igreja deve assumir uma posição capaz de enfrentar os problemas humanos, as

filosofias e as ideologias, as realidades sociais e políticas, propondo soluções (Giussani, 2004).

De acordo com Azevedo (2017), podemos constatar que na “ótica católica, Igreja e Estado transmitem em tarefas distintas e ambos são autônomos e independentes em suas próprias ordens, porém cooperam necessariamente para o bem da pessoa humana, membro ao mesmo tempo do corpo político e da Igreja, se a ela aderiu” (p.10). Neste contexto, a concordata entre a República Democrática de Timor-Leste e a Santa Sé (2015), no artigo 9 (nº 4), sobre a Educação, relata

A República Democrática de Timor-Leste reconhece o direito das famílias católicas a que os seus filhos recebam uma educação religiosa de acordo com a sua fé, garantindo o ensino da Religião Católica, pela Igreja Católica, a todos os alunos católicos em todas as escolas públicas de ensino básico e secundário, como parte dos planos curriculares. (p. 7)

No mesmo sentido, no preâmbulo da Declaração da Conferência Episcopal Timorense sobre a Educação Católica em Timor-Leste (2014), afirma-se que

Considerando a realidade das escolas Católicas espalhadas em todo o território de Timor-Leste administradas pelas entidades Diocesanas e diversos religiosos, inerente a sua missão educativa, considerando também a necessidade da cooperação com o governo de Timor-Leste através do Ministério da Educação e outros Ministérios relevantes, os bispos, através da Conferência Episcopal Timorense (CET) efetuou uma declaração (dada aos sete dias dos assuntos da educação católica em Timor-Leste) para construir uma comissão apropriada a tratar dos assuntos da educação católica em Timor-Leste. (p. 1)

Portanto, a Igreja Católica realiza a sua missão através do meio educativo, exigindo a renovação da mentalidade humana perante a justiça e na liberdade, pois deve encontrar um equilíbrio cada vez mais humano. Nesse sentido, através da disciplina da Educação Religiosa e Moral é capaz de promover o valor da vida humana na dimensão cívica, moral e espiritual iluminado pela mundividência cristã.

2.2 Arte

Na realidade vivida, além dos diversos setores sociais, o ser humano também necessita da arte para o seu crescimento e desenvolvimento pessoal no seu dia-a-dia. A “Arte ou as Artes designam toda a produção da beleza através das obras dum ser consciente” (Magalhães, 1978, p. 107). Geertz (2006) apresenta que a arte é “a produção consciente, ou arranjo de cores, formas, movimentos, sons ou outros elementos de uma forma que toca o sentido da beleza” (p. 178). Assim, a “arte é uma experiência humana de conhecimento estético que transmite e expressa idéias e emoções na forma de um objeto artístico (desenho, pintura, escultura, arquitetura, etc.) e que possui em si o seu próprio valor” (Junior, 2007, p. 7). Osborne e Sturgis (2010), com a mesma ideia afirmam que “Art is a way of making images, or objects, that reflect emotions, spiritual ideas or religious feelings that make us think about ourselves and the world” (2010, p. 8).

A arte penetra em sensibilidade, “não somente revela a alma do artista, mas comunica valores de apreciação imponderável” (Gama, 1979, p. 9), onde a inteligência concretiza a ideia através da intuição sensível da imagem e alarga-a para um sentido universal.

De acordo com Fischer (1983) “A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiência e ideias” (p. 13).

Desta maneira, quando o ser humano faz arte, ele cria um objeto artístico que não precisa nos mostrar exatamente como as coisas são no mundo natural ou vivido e sim, como as coisas podem ser, de acordo com a sua visão. A função da arte e o seu valor, portanto, não estão no retrato fiel da realidade, mas sim, na representação simbólica do mundo humano. (Junior, 2007, p. 6)

Assim, a arte e a natureza ajudam-se recíproca e continuamente. Segundo Eco (1989) a arte imita a natureza, mas não a copia, só existe a invenção e a reelaboração; a arte nota-se no domínio de fazer, não no agir, ou seja, a arte é construção e não é simplesmente expressão. Além disso, Kandinsky (1999) apresenta-nos que “Na arte, o espírito é a fonte, a matéria (forma) é a expressão” (p. 95). Para Kandinsky “a arte está subordinada às leis cósmicas reveladas pela intuição do artista” (1999, p. 78).

De acordo com Hauser (1973) “As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. Cada geração

vê-as sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior” (p. 11). Segundo Hauser (1973) “a arte torna a vida mais bela, ocultando as suas dificuldades reais ou representando-as como mais facilmente solúveis” (p. 76).

Como diz Adorno (2003) a arte não tem leis universais, mas em cada uma das suas fases vigoram interditos objetivamente obrigatórios, que irradiam das obras canônicas, designadamente, algumas formas de arte baseada nas perspectivas representacionista (formalismo) e não representacionista, que se opõem, e nas perspectivas expressionista e experiência estética.

Na teoria da arte, existe a arte representacional, onde o que é importante é que a arte produza uma imagem racionalizada e humanizada do mundo proporcionando pelo menos uma formação, e a arte não representacional. Assim, a relação estabelecida entre representação e arte revelou-se duradoura. Encontra-se um tipo de arte em que podemos pensar imediatamente por meio de representação, entre eles a arte visual. Carroll (2010) baseia-se na ideia de Platão e de Aristóteles que “o que os pintores procuram fazer é reproduzir a aparência das coisas, copiá-las, não apenas pessoas, mas também objetos e situações” (p. 34). Estes dois grandes filósofos consideram que a pintura para além de representação também é uma questão de imitação. Osborne (1968), diz-nos que a palavra imitação vem da língua grega que significa “mímica” utilizada por Platão para empregar correspondentemente nas belas artes, nomeadamente, a poesia, o drama, a música, incluindo a pintura e a escultura. “Segundo Platão, a essência da representação é a imitação – a simulação de aparência” (Carroll, 2010, p. 33).

A arte não representacional que se refere à arte abstrata onde as imagens não representam o mundo visível. Kandinsky (1999) afirma que a arte abstrata tem o seu próprio estilo de expressão, desloca-se dos fenómenos e factos materiais, e dos fenómenos e factos espirituais, no qual o espírito afasta-se lentamente do exterior para voltar muito lentamente para o interior. “Como não representa as coisas de maneira tão óbvia, convida-nos a uma reconstituição mais imaginativa. Temos de nos esforçar mais para compreender, o que torna as coisas mais interessantes” (Parsons, 1992, p. 109).

A teoria da expressão e da comunicação defende que a emoção é uma das múltiplas funções das obras de arte, ou seja, o sentimento surge como fonte da experiência estética. Bell (s.d) citado por Osborne (1968) refere que o ponto de partida de todos os sistemas da estética deve ser a experiência pessoal de uma emoção peculiar. Consequentemente, a expressão e a comunicação apresentam-se similares. “Quando o

sujeito se exprime a outro, comunica com ele” (Carroll, 2010, p. 77). Mesmo assim, nem toda a comunicação é arte.

A arte tenta transmitir e aproxima-se da forma de expressão. Tolstoi (1898) citado por Osborne (1968) diz que a arte é uma atividade humana, que consiste no homem transmitir a outros, conscientemente, por meio de sinais externos, sentimentos que experimentou, fazendo que esses outros, inficionados por tais sentimentos, também os experimentam. “O artista exprime este estado – trá-lo para fora de si, por assim dizer – ao procurar uma configuração de linhas, formas, cores, sons, ações e/ou palavras que se ajustem (ou combinam) com o sentimento” (Carroll, 2010, p. 77). Para Graham (2001) “Se o prazer é a explicação comum do valor da arte, a expressão de emoção é a visão comum da sua natureza” (p. 43). Segundo ele, a verdadeira arte encarna nos sentimentos sinceros. Tolstoi (1995) citado por Graham (2001) dá conta que “A arte é uma actividade humana que consiste em um homem passar a outros, intencionalmente e por meio de certos sinais externos, sentimentos que ele viveu e de os outros serem infetados por estes sentimentos e também os experimentarem” (p. 44). Neste sentido as obras da arte exprimem emoções mais do que efetivas expressões de emoção. Para Colliwood (1938) citado por Graham (2001) descreve a arte como a magia que desperta a emoção para fins práticos. Além disso, a arte exprime “a diversidade e a contradição entre as coisas e entre os estados de consciência que provocam (ou seja, o conflito) e, por outro lado, a similaridade, o parentesco e a raiz comum dos fenómenos e dos correspondentes estados de consciência (ou seja, a harmonia)” (Morais, 1990, p. 16).

Portanto, o ser humano além ser um ser inteligente, livre, ativo e realizador de valores também é capaz de experimentar o valor artístico focado e centrado na sua emoção personalizada. A arte não é só meramente expressiva, mas deve experimentar, ou seja, o enfoque centra-se na experiência. Adorno (2003) defende que além de se compreender uma obra de arte, é também necessário perceber o seu conteúdo como um elemento espiritual por meio da plena experiência. Hegel (1835) citado por Eco (1995) refere que “Toda a imagem estética é superada pelas imagens possíveis que ela própria suscita, que ela abre” (p. 96). “Toda a experiência da obra artística está ligada ao seu ambiente, ao seu valor posicional, ao seu lugar em sentido próprio e em sentido figurativo” (Adorno, 2003, p. 146). Ao contrário da visão do formalismo, o experimentalismo leva muito mais longe o problema da percepção, interpretando a arte a partir da inteligência. “As obras de arte só são compreendidas quando a sua experiência alcança a alternativa do verdadeiro e do inverdadeiro ou, como seu estágio anterior, a

alternativa de justo e errado” (Adorno, 2003, p. 142). Carroll (2010) diz que a emoção torna-se mais clara ao mesmo tempo que inspira e transforma as escolhas do artista. Este procura enunciar a emoção através das formas que utiliza, faz o que todos nós fazemos, quando nos interrogamos sobre o que realmente sentimos relativamente a alguma coisa. Para Osborne (1968) “Um artista pode exprimir as emoções de um escravo sem jamais se ter encontrado na situação de escravo” (p. 215), ou seja, não é simplesmente o ato de exprimir, mas é um processo de clarificação do estado emocional, sendo capaz de transcender as limitações da experiência pessoal. “Se é poeta, primeiro experimenta uma palavra e depois substitui-a por outra que se ajusta melhor ao que sente” (Carroll, 2010, p. 79). “A obra de arte é a fonte, visível e potável, através da qual os homens partilham os profundos mananciais subterrâneos da sua experiência” (Mumford, 2001, p. 21).

Não podemos esquecer também o contributo da arte simbólica onde o símbolo é a “Realidade que, além do seu significado natural, tem associada a si a representação de objeto diverso” (Grande Enciclopédia do Conhecimento, 1980, p. 2454). O Dicionário de Ciências Sociais, leva-nos a compreender que Simbolismo “refere-se ao sistema de símbolos empregados ou ao fato de que o comportamento é modelado de maneira simbólica nos casos em que é assim padronizado” (Silva, 1987, p. 1115). Jaffé (2008) relata que na história do simbolismo tudo pode assumir uma significação simbólica, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos e dá-lhes expressão. No entanto, existe no mundo da arte simbolista uma busca de uma jornada individual subjetiva que se afasta, ou seja, oposta da racionalidade e concentra-se na percepção e na imaginação que sustenta a sua realidade. É uma tentativa de mostrar uma realidade oculta. Do mesmo modo, na “vida do homem religioso, o símbolo constitui a linguagem hierofanias. Através do símbolo, o mundo fala e revela modalidades do real que não são evidentes em si mesma” (Poupard, 1978, p. 37). De acordo com Sousa (2003) “A arte poderá ser a simbolização de algo oculto que se deseja inconscientemente revelar, sendo a obra de arte a forma simbólica de uma revelação de algo muitas vezes inatingível” (p. 58). No entanto, verificamos que no simbolismo a busca do indizível e invisível, a predileção pelo sonho e pelos fantasmas misturam-se como o gosto (Larousse Enciclopédia Moderna, 2008).

Na Antiguidade e na Idade Média o símbolo era interpretado como o lugar do supranatural. Segundo Jaffé (2008), as sociedades antigas e primitivas acreditavam que as pedras naturais e em forma bruta eram consideradas moradas de espírito ou deuses, isto é, as pedras corporificavam o espírito. O símbolo dotou o homem de uma sensação

de poder divino. A arte medieval considerava que o símbolo poderia representar a realidade mística e transcendental.

O homem medieval vivia efetivamente num mundo povoado de significados, reenvios, sobre-sentidos, manifestações de Deus nas coisas, numa natureza que falava continuamente numa linguagem heráldica, em que o leão não era só leão, uma noz não era só uma noz, um hipogrifo era real como um leão porque tal como este era signo, existencialmente negligenciável, de uma verdade superior. (Eco, 1989, p. 67)

A mentalidade simbólica desempenhava um papel fundamental na era medieval, concretamente, no cristianismo. Nesse sentido,

O cristianismo primitivo havia educado para tradução simbólica dos princípios da fé, fizera-o por motivos prudenciais, escondendo, por exemplo, a figura do Salvador sob a aparência do peixe, para fugir, através da criptografia, aos riscos de perseguição; no entanto apresentava uma possibilidade imaginativa e didascálica que devia resultar congenial ao homem medieval. (Eco, 2010, p. 107)

Assim, o homem medieval estabelecia símbolos para a compreensão dos princípios da fé, pela figura, por meio da pintura, entre outros. Constata-se assim, que o poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo (Bourdieu, 1989). Mumford (2001) diz que com os sons que nascem da boca do homem à maneira de um titubear infantil, com as imagens que acompanham o homem quer de noite e de dia, separadas do mundo visível, eventualmente com muitos outros tipos diversos de sons, imagens, formas e estruturas, ele encontrou os meios de interiorizar o mundo externo e de exteriorizar o seu mundo interno. Para Mumford (2001)

As funções simbólicas começam essencialmente como expressões de estados interiores, como uma exteriorização e projecção de atitudes e desejos, quer como respostas impulsos interiores quer como resposta ao externo e os seus habitantes. Através da representação simbólica, o homem libertou-se dos estímulos prementes do meio ambiente imediato e restrito. (p. 21)

Do mesmo modo, Osborne (1968) defende que cada obra de arte é uma forma simbólica inteira e nova, e expressa diretamente o seu significado e a maneira peculiar de simbolizar as obras de arte é ministrar um paralelo sensual da vida interior. Assim, as ideias permitem expressar e são capazes de alcançar uma compreensão por detrás das aparências através dos símbolos.

2.2.1 Arte Sacra e Cristã

A arte é uma das formas culturais que acompanha a religiosidade humana. Por este motivo, Shusterman (2012) refere que “A arte emergiu em tempos antigos do mito, da magia e da religião, e desde então ela mantém seu poder arrebatador por meio de sua aura sagrada” (p. 82). “A arte fala e convence, move e comove, instrui e agrada, torna-se meio de elevação e pode ser o caminho mais curto de alguém achar-se com Deus” (Gama, 1979, p. 9). No mundo espiritual ou nas religiões, a arte é uma forma de manifestação do sagrado. Ela garante vários meios espirituais para que o ser humano sinta a presença do transcendente.

Podemos encontrar a escultura, a pintura e a arquitetura (do templo, da sinagoga, da mesquita) como práticas religiosas do hinduísmo, budismo, judaísmo e islamismo, que utilizam a arte para apoiar o espaço do culto criando um ambiente místico, isto é, a existência do Sagrado.

A arte do catolicismo começou na época primitiva cristã, chamada de arte das catacumbas onde as pessoas deixavam as obras artísticas nas catacumbas, sobretudo nas representações figurativas em mosaicos como pinturas e desenhos. Mais tarde, apareceu a arte bizantina, a arte gótica, a arte barroca e a arte moderna nas Basílicas e nas Igrejas com abundante iconografias e multiplicidade de criações artísticas. A arte paleocristã possuía inicialmente um forte caráter artesanal em que nos primeiros tempos, tanto a pintura como a escultura, tinham uma manifesta função sepulcral, mas a partir do ano 313 com o imperador Teodósio, as artes plásticas voltaram-se, por um lado, para a didática da religião e, por outro, para a exposição do poder divino e imperial (Torné, 2007). A arte e a religião sempre andaram de mãos dadas, concretamente na Igreja Católica.

Portanto, mesmo que a cultura da arte evolua, a Igreja prefere conservar a sua arte típica perante uma falsa originalidade que substitui o sagrado pelo profano. “Vale a pena revisar tudo isso já que a ARTE SACRA e CRISTÃ precisa preservar-se do profanismo

do século, conservada na pureza de sua linha e mantida na posição que sempre ocupou nas épocas históricas eminentemente clássica” (Gama, 1979, pp. 49-50).

Quando falamos sobre arte do catolicismo, destacamos a arte sacra. Devemos definir também que nem toda a arte sacra é cristã, porque nem sempre o artista se inspira em motivações de religiosidade cristã; assim como nem toda arte cristã é sacra, pois não é suficiente que exprima ideias cristãs, mas deve adaptar-se ao culto cristão (Gama, 1979). Assim, na arte cristã existe a arte religiosa e a arte sacra. A arte religiosa retrata e reflete a vida e a devoção religiosa mantendo os valores da religião. Verificamos que a arte religiosa está ligada à devoção que nasce da vida interior do indivíduo crente, embora se refira a Deus (Tommaso, 2015). Por outro lado, a arte sacra está ligada aos cultos divinos ou rituais religiosos que ordena e fomenta a vida litúrgica. É uma mediação comunicativa que desperta sensações de religiosidade e fé. “Na arte sacra está presente o outro, o *Mistério* que a imagem indica. A imagem de culto afirma a existência de Deus, eleva o homem de seu âmbito natural para o sobrenatural; purifica e renova o homem” (Tommaso, 2015, p. 129). Do mesmo modo, Gatti (2002) citado por Luís (2013) defende que a arte sacra não é uma mera obra estética, mas colige a revelação divina, que ilustra e transmite a doutrina da fé, na qual as gerações passadas acreditam. Para o cristianismo, portanto, a arte sacra é inseparável da Igreja.

A igreja, desde os primórdios do Cristianismo encontrou sempre na Arte uma das melhores formas de se relacionar com os Fiéis. Ainda que pela Palavra a comunicação seja estabelecida, ainda que pelo Gesto esta seja reforçada e ampliada na sua significação, a obra de arte, pela sua carga simbólica, expressa mais rápida e profundamente a mensagem desejada, sendo de igual modo mais facilmente compreensível por aqueles a quem se destina. (Ferreira-Alves, 1995, p. 57)

Para Gama (1979),

Estilos, estruturas, formas e decorações são elementos indispensáveis não somente para a ARTE seja CRISTÃ, mas se realize e representa, possui imenso valor na aceitação da obra como cristã, na funcionalidade da ARTE como SACRA. (p. 53)

Porém, a Igreja enfrentou uma grande reforma na história com o Protestantismo que criticou e afirmou a sua discordância com as imagens figuradas e representações

artísticas. No século XVI decorreu uma controvérsia. Houve acusação dos protestantes que rejeitaram a veneração das imagens, considerando que a Igreja Católica praticava o culto da idolatria. Para os protestantes, ou seja, os iconoclastas tinham a convicção de que a fé nasce através do ouvir, não por representação artística. No entanto, “as bases reformistas firmaram no imaginário religioso dos sujeitos a centralidade na Palavra de Deus” (Strelhow, 2017, p. 106). O argumento deste movimento iconoclástico foi influenciado pela perspectiva do judaísmo e do islamismo que era impossível a arte substituir o mundo invisível numa forma visível.

Embora a Igreja Católica fosse atacada com vários argumentos pejorativos, ela continuou e continua a preservar a arte por considerar que esta tem capacidade e conteúdo, sendo verdadeiro sinal e símbolo do sobrenatural. Ainda assim, até ao momento, a Igreja tem considerado a arte como mediação profunda da fé católica. Dentro da imagem não existe vazio, mas “A imagem de culto afirma a existência de Deus, eleva o homem de seu âmbito natural para o sobre natural; purifica e renova o homem” (Tommaso, 2015, p. 129).

De acordo com o Documento Ecuménico do Concílio Vaticano II (1987) a arte sacra por natureza exprime “de algum modo, nas obras saídas das mãos do homem, a infinita beleza de Deus, e estarão mais orientadas para o louvor e a glória de Deus” (p. 39). Luís (2013) afirma que a arte sacra não é uma obra estética, mas colige a revelação divina, onde se ilustra e se transmite a doutrina da fé, através dela transborda a sensação celestial.

Na Carta aos Artistas, Papa João Paulo II (1999) salienta que “as realizações artísticas inspiradas na Sagrada Escritura permanecem um reflexo do mistério insondável que abraça e habita o mundo” (no. 5). “As imagens icónicas são símbolos possuidores duma qualquer semelhança a um protótipo, capazes de nos unir a realidade que transcendem as próprias imagens, realizarem a epifania do invisível e despertar vivências e afetos” (Luís, 2013, p. 36). O belo é idêntico à verdade na arte sacra, enquanto os artistas realizarem a beleza, transmitindo ao mesmo tempo a verdade na arte sacra (Gama, 1979).

No documento do Concílio Ecuménico Vaticano II (1987) relata que a arte sacra é o cume de arte religiosa que saiu das mãos do homem e a música sacra foi aprovada e aceite pela Igreja no culto divino em todas as formas autênticas de arte. “Neste sentido, a arte sacra é uma arte mística e litúrgica, isto é, centrada no dogma e no culto” (Tommaso, 2015, p. 130). Pasto (2010) citado por Tommaso (2015) diz que o objetivo da arte sacra

consiste precisamente em revelar a imagem da natureza divina impressa no criado, mas oculta nele, realizando objetivos visíveis que sejam símbolos de Deus Invisível.

A arte na Igreja entende-se como fonte comunicadora entre os cristãos e Deus. Como diz Simas (2018),

Por forma a tornar entendível a mensagem de Deus aos homens, a Igreja recorreu sistematicamente à linguagem expressiva, sobretudo, das imagens para expressar a doutrina religiosa por interferência da arte como algo belo, fonte de evangelização. A imagem sagrada quando interpretada corretamente, ou seja, como intermédio entre o Homem e Deus, despoleta emoções no íntimo do crente. (p. 62)

Os cristãos não são idólatras, ou seja, não adoram imagens, mas sim acreditam no sujeito que a imagem representa. A “Igreja também se esforça para que a ARTE SACRA e CRISTÃ possa extremamente manifestar o BELO que é VERDADE, adaptando-se ao mesmo tempo, às exigências do culto, sem perder, no entanto, as propriedades sagradas que lhes são características” (Gama, 1979, p. 77).

2.3 Educação

A educação é uma das maneiras estabelecida pelo ser humano no sentido de atingir determinados objetivos capaz de ajudar aquele a adaptar-se às mudanças circunstanciais. Como apresenta Larousse Enciclopédia Moderna (2008) a palavra Educação é a “Ação de formar, de instruir; forma de compreender, de distribuir, de pôr em prática” (p. 2552). Na Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura (1999) consta que

A palavra «educação» tem a sua raiz no latim: *educare* (verbo) significa «alimentar», e por extensão passou mais tarde a significar a alimentação ao mesmo tempo espiritual e material que todo o ser necessita para se afirmar na vida pessoal e social que o espera. (p. 1227)

Verificamos que ao longo da história a raiz da palavra educação deriva de dois significados *educare* (alimentar) e *educare* (conduzir para fora de); o verbo *educare* pode ser analisado em termos de objetivos sociais ou outros extrínsecos ao educando, por um lado, e, por outro, de acordo com uma abordagem centrada no sujeito, isto é, em referência

à natureza do educando (Larousse Enciclopédia Moderna, 2008). Em 1983, na Polis Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado conclui estas duas etimologias apontam para uma dimensão fática e social da Educação, ou seja, para uma ação educativa. Portanto, a educação é um elemento indissociável da vida humana. O acesso à educação é uma necessidade imprescindível na promoção da escolaridade no desenvolvimento autónomo do ser humano e indispensável para enfrentar a amplitude e a complexidade dos desafios na sociedade.

Em 1998, na Declaração Mundial sobre Educação para Todos o artigo 1 diz-nos que

Cada pessoa - criança, jovem ou adulto - deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem. Essas necessidades compreendem tanto os instrumentos essenciais para a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto os conteúdos básicos da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo. A amplitude das necessidades básicas de aprendizagem e a maneira de satisfazê-las variam segundo cada país e cada cultura, e, inevitavelmente, mudam com o decorrer do tempo. (p. 3)

A Educação é o pilar, ou seja, um fator principal de uma nação. A Constituição da República de Timor-Leste (2002) no artigo 59º afirma que “O Estado reconhece e garante ao cidadão o direito à educação e à cultura, comprometendo-lhe criar um sistema público de ensino básico universal, obrigatório e, na medida das possibilidades, gratuito, nos termos da lei” (p. 25).

De acordo com Durkheim (2001)

As práticas educativas não são factos isolados uns dos outros; mas, para uma mesma sociedade, estão ligadas num mesmo sistema em que todas as partes contribuem para um mesmo fim: é o sistema da educação próprio de um país e de um tempo. (p. 75)

A educação é obrigatoriamente considerada pelos países em todo o mundo, porque além de propiciar aquisição do saber, estabelece também o desenvolvimento e a participação política ativa. O progresso económico de um país é suportado na qualidade e no prestígio da sua educação. Também no clima político não se projeta apenas o ensino como um meio para reduzir o desemprego dos jovens, mas a educação como meio de harmonização e desenvolvimento na relação entre o indivíduo e a sociedade. Verificamos que a formação do ser humano plenamente desenvolvido toma como ponto de partida a personalidade, enquanto núcleo essencial daquela natureza, e considera que a finalidade da educação é a atualização da personalidade da pessoa, sem perder de vista a sua plena integração na sociedade e na cultura envolventes (Belo, 1999).

No contexto da educação, ou seja, na prática educativa, aprender e ensinar tornam-se parte na natureza e na história do ser humano. Freire (2001) afirma que

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse económico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas *saber que vivia* mas *saber que sabia* e, assim, saber que podia saber mais. (p. 12)

Por isso, a educação faz parte da aventura no mundo do ser humano. Assim, a Educação deve promover competências, atitudes e valores necessários para o bem comum. Na Declaração Universal dos Direitos Humanos adoptada pela ONU (1948), lemos que

A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das actividades das Nações Unidas para a manutenção da paz. (artigo 26º, no. 2)

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) considera que a educação é um direito fundamental ao qual todos têm direito, visando desenvolver a sua capacidade intelectual através do processo de ensino-aprendizagem. UNESCO (1974) refere

A palavra “educação” designa todo o processo da vida social por intermédio do qual os indivíduos e grupos sociais aprendem a desenvolver conscientemente, no seio e em benefício das comunidades nacional e internacional, o conjunto das suas capacidades, atitudes, aptidões e conhecimentos pessoais. Este processo não se limita a quaisquer atividades em concreto. (p. 2)

A Lei de Bases da Educação de Timor-Leste (nº 14/2008), no seu artigo 2º (nº 3, alíneas *a)* e *b)*, o sistema de educação promove “O desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros, das suas personalidades, ideias e projetos individuais de vida, aberto à livre troca de opiniões e à concentração” e “A formação de cidadãos capazes de julgarem, com espírito crítico e criativo, a sociedade em que se integram e de se empenharem activamente no seu desenvolvimento, em termos mais justos e sustentáveis” (p. 2642).

Portanto, “A escola tem de tornar-se templo e tempo da cultura” (Patrício, 1996, p. 92). Deste modo, Lipman (1991) afirma que a escola é um campo de batalha pois é, mais do que qualquer outra instituição social, é aquela que fabrica a sociedade do futuro, e virtualmente todo grupo ou facção social aspira controlar a escola tendo vista seus próprios objetivos. Aproximamos o pensamento de Rousseau que considera que a educação não é ensinar a virtude ou a verdade, mas assegura o espírito contra o vício e o erro, designada a educação negativa. Rousseau (1969), citado por Cabanas (2002) diz-nos que a maior, a mais importante, a mais útil regra de toda a educação não é ganhar tempo, mas sim perdê-lo.

O papel da educação não é formar o homem segundo a expectativa dominante da sociedade, mas oferecer o necessário tempo ao indivíduo para que este aprenda e se forme sem que seja exercida sobre si qualquer pressão. Educar é desenvolver, ensinar, instruir, formar, levar a aprender, uma vez que o sucesso educacional não é impor mas propor. Santos (1973) citado por Belo (1999) defende de igual forma que “A Educação é sempre proposição e nunca imposição” (p. 168). A educação é uma adaptação no tempo e no espaço, devendo o indivíduo integrar-se na sociedade de que faz parte, encontrando a sua própria forma de estar, formando a sua própria personalidade enquanto identidade autêntica. Jeffreys (1971) defende esta visão ao afirmar que, em certo sentido, é saudável querer aprender, mas não gostar de ser ensinado, isto é, a única coisa que o professor pode fazer é orientar a pessoa a aprender, não pode fazê-la aprender; é impossível ensinar alguém que não quer aprender. O dever do professor é ajudar o aluno, como faz um

jardineiro que com a sua intervenção ajuda a fazer crescer a planta, isto é, “A medida que vai amadurecendo, o aluno vai se tornando cada vez mais apto a agir por conta própria e menos necessitado de que ajam por ele” (Jeffreys, 1971, p. 85).

Verificamos assim que a aprendizagem é um processo em que os alunos recebem uma informação, a interpretam, a relacionam com o que já sabem e, se necessário, reorganizam a sua compreensão para acomodar a nova informação; é uma compreensão baseada em novas experiências que aumentam o conhecimento existente (Shepard, 1991, citado por Hargreaves et al., 2001). Cabanas (1999) diz que a educação cria no homem um ser novo e este é feito de tudo o que há de melhor em nós, de tudo quanto tem valor e dá dignidade à vida, provoca no homem a transição do ser ao dever ser.

A educação integra o indivíduo na sociedade permitindo que ele desenvolva as suas potencialidades e o seu valor, não só para si, mas também para o bem social. Consequentemente, o objetivo da educação é a relação recíproca entre a singularidade e a consciência social, uma infinita permutação da hereditariedade, embora a educação deva fazer uma distinção entre inclinações boas ou más (Read, 2001).

2.3.1 Educação Religiosa e Moral Católica

A Educação Religiosa e Moral em Timor-Leste enquanto área curricular e disciplinar é designada de Religião e Moral. Esta disciplina visa dar formação que ajude os alunos a tomarem decisões conscientes e responsáveis, a desenvolver e a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida assente no Evangelho que proporciona as respostas espirituais para o apoio dos valores da fé e da humanidade.

A religião tem estado presente em todas as sociedades ao longo da história. Rodrigues (2011) relata-nos que o Ensino Religioso é uma área do conhecimento humano, estudando em concreto o fenómeno religioso, que “recebe contribuições da sociologia, filosofia, teologia, antropologia, história, entre outras” (p. 1271). Assim, “o Ensino Religioso passa a estudar o fenómeno religioso e ele passa a ocupar também um lugar como área do conhecimento da base nacional comum” (Rodrigues, 2011, p. 1269). Oliveira (2009) citado por Rodrigues (2011) diz que a epistemologia do “ensino religioso define a possibilidade do conhecimento do transcendente como um conhecimento especial que incide diretamente na vida das pessoas e das sociedades” (p. 1271). Assim sendo, a consciência religiosa permite ao indivíduo aprender a viver, leva-o a encontrar o sentido da sua existência. Santos e Silva (2021) dizem que

O senso religioso é uma bússola para fortalecer valores e ações inclusivas. Portanto, a religião faz parte do comportamento do ser humano, e trabalhar com o ensino religioso em sala de aula é fundamentar a compreensão do mundo, de acordo com as situações e os tempos vividos por culturas diferentes, a fim de que busquemos um sentido para a vida dentro de uma sociedade que está rodeada de tantas distrações e inovações, que a cada dia desconstrói valores necessários para manter uma sociedade justa. (p. 4)

Pois, o objetivo principal da Educação Religiosa e Moral é propor reflexões, costumes e valores religiosos e morais. Distingue-se entre a Educação Religiosa e Moral e a Catequese:

O Ensino Religioso Escolar tem a sua identidade específica, distinguindo-se da catequese, desenvolvida nas paróquias ou noutros âmbitos. O contexto em que ocorre é significativamente diferente. A catequese desenvolve-se no seio de uma comunidade cristã concreta – quase sempre em paróquias –, o Ensino Religioso Escolar desenvolve os seus objetivos em meio escolar, no seio de uma comunidade que pretende assegurar às crianças e aos jovens a consecução de objetivos de natureza científica, cultural e humana. Assim sendo, o Ensino Religioso Escolar terá de se orientar por processos científicos e pedagógicos, partilhados com outras disciplinas e áreas curriculares. (Comissão Episcopal da Educação Cristã, 2007, p. 20)

A Educação Moral e Religiosa e Católica é uma disciplina ou área curricular e disciplinar, de natureza confessional.

O que identifica a disciplina é o facto de se desenvolver no contexto escolar, promovendo a educação das crianças, dos adolescentes e dos jovens, numa perspectiva cristã, através da relação de diálogo com todas as outras áreas do saber. Não se trata de interpretar a realidade com instrumentos de natureza científica, para daí retirar o conhecimento das leis físicas do funcionamento da matéria; trata-se de interpretá-la a partir de uma perspectiva ético-moral. Isso significa que o real é compreendido como campo do agir humano, livre e

responsável, orientando por princípios e valores éticos-morais. (Comissão Episcopal da Educação Cristã, 2007, p. 21)

Durkheim (1978) diz que “Cumprir o nosso dever é sempre sermos úteis a qualquer ser vivo existente” (p. 386). Baseado no pensamento de Durkheim o mundo moral é o próprio mundo do real. Desta maneira, “Os valores morais e éticos atados aos fundamentos religiosos implicam em consentir e respeitar as desigualdades e singularidades, rejeitar as injustiças sociais e a discriminação de pessoas e grupos” (Santos & Silva, 2021, p. 3). É importante promover as relações de convívio em diferentes culturas para atingir a satisfação social e o contentamento recíproco.

Porém, verificamos que os valores e atitudes ensinados na Educação Religiosa e Moral, como sendo a justiça, a paz, a liberdade, a verdade, a honestidade, a solidariedade, encontram-se no ponto de interseção das éticas humanistas e da ética cristã, constituindo uma forte motivação para a educação das crianças, dos adolescentes e jovens nos sistemas educativos democráticos (Comissão Episcopal da Educação Cristã, 2007). A Educação Religiosa e Moral Católica pode identificar duas grandes orientações: uma que se foca na ética enquanto visão religiosa da vida e outra que se centra nos princípios e nos valores que se referem à natureza do ser humano. Além dos valores e atitudes que fortalecem as doutrinas católicas, é simultaneamente ensinado aos alunos a religiosidade como raiz das dimensões da vida.

2.3.2 Educação Artística

A Educação Artística é uma componente fundamental e complementar para a paz e o desenvolvimento sustentável, que possibilita e enriquece os valores essenciais que nos conectam a todos (UNESCO, 2020). Ela apresenta uma possibilidade no sentido de aquisição do conhecimento ou dos saberes, que leva a compreender e a expressar-se na linguagem artística.

Segundo Yolanda (1967) a teoria de que a arte deve ser a base da educação não é nova, já existia há vinte e três séculos atrás iniciada por Platão. Baseada na obra *A República* de Platão (2006), Azzi (2011) comenta que na “educação, a arte desempenha um papel crucial. As artes das musas aparecem no diálogo como a principal ferramenta para realizar a educação da alma do homem justo” (p. 76). A Comissão Nacional da

UNESCO (2006) promove esta visão e considera que “A cultura e a arte são componentes essenciais de uma educação completa que conduza ao pleno desenvolvimento do indivíduo” (p. 5). Garet (1829) citado por Sousa (2003) salienta que a arte nasce primeiro que a ciência, é preciso aperfeiçoá-la através da Educação Artística.

Entretanto, a Educação Artística coloca a sua prioridade em aspectos emocionais-sentimentais, isto é, aprender, conhecer e saber vivenciar, uma oferta formativa de qualidade que atua por meio de arte para o desenvolvimento da expressão, da criatividade e do pensamento.

A arte surge no mundo como forma de transformar a experiência vivida em objetivos de conhecimento que demonstram percepção e imaginação. Dessa forma, na educação ela pode ter como função inserir saberes culturais, estéticos e trabalhar a produção e apreciação artística que são importantes para construir o saber significativo nesta área. (Caldas et al., 2017, p. 161)

Basicamente na educação tem de estar o prazer, o interesse e a experiência, ou seja, a educação deve realizar-se por meio da experiência e da liberdade da expressão: o prazer de criar e produzir pela utilização dos diversos aspectos de arte. Através da educação e arte “é possível desenvolver a percepção, a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar que os produtos artísticos têm relação com a sociedade e, por essa razão, a arte é dinâmica” (Caldas et al., 2017, p. 162). Eisner (1979) citado por Ferreira (2001) defende que a realização das atividades artísticas suscita auto-estima e autonomia, sentimento de empatia, capacidade de simbolizar, analisar, avaliar e fazer julgamentos e possuir um pensamento mais flexível; também desenvolve o senso estético e as habilidades específicas da área artística, tornar-se capaz de expressar melhor ideias e sentimentos; passar a compreender as relações entre partes e o todo e entender que as artes são uma forma diferente de conhecer e interpretar o mundo.

No entanto, a correlação entre a arte e o trabalho interdisciplinar, trazendo para a sala de aula atividades como leitura de imagens, músicas, textos, obras de arte, entre outros, permite à Educação Artística desenvolver diálogos entre campos de conhecimento, envolvendo as atividades novas e a busca de interdisciplinaridade nas aulas. De acordo com Sousa (2003),

Uma Educação Artística pressupõe a seguir uma íntima integração interdisciplinar (de todas as disciplinas e não apenas das artísticas), numa convergência de actuações e de propósitos, claramente voltada para a verdadeira essência da Arte: a elevação espiritual, a formação da pessoa no que há de mais sublime em si, a sua formação humanística, a formação dos seus valores morais e éticos, o Bem e o Belo espirituais que já eram referidos por Platão. (p. 63)

A Educação Artística envolve várias modalidades para enriquecer o conhecimento do aluno. Ferreira, (2001) relata que

A alegria nas aulas de artes pode ocorrer de forma intensa em duas situações: uma, quando aos alunos é dado o direito de simplesmente experimentar. Tatear, sentir o prazer de apenas explorar os materiais ou divagar entre idéias incipientes, sem o peso do compromisso de apresentar “para nota” um produto ao final da atividade; a outra, quando os alunos realizam atividades capazes de despertar sentidos plenos para eles, e isso ocorre quando constatarem que podem criar algo novo por meio da sua ação - uma folha em branco que se transforma numa pintura, um som forte produzido pela batida no tambor, uma sensação de leveza resultante de um movimento rápido em rodopio. (p. 19)

A arte na Educação auxilia a expressar os sentimentos, desenvolver a criatividade, possibilitar entender a sociedade e apurar o senso crítico do aluno.

O Roteiro para a Educação Artística da UNESCO (2006) define que existem quatro objetivos da Educação Artística: defender o direito à Educação e à participação cultural, desenvolver as capacidades individuais, melhorar a qualidade da educação e promover a expressão da diversidade cultural. Verificamos que a Educação artística é uma parte importante e obrigatória na promoção do desenvolvimento pleno da personalidade, essencialmente numa educação completa, valorizar o desenvolvimento cognitivo e emocional na participação ativa em experiência, processos e desenvolvimentos criativos e para o desenvolvimento de uma cultura da paz; reforçar os factores de aprendizagem ativa, suscitar o interesse e o entusiasmo dos educandos, respeito pelas comunidades e culturas locais; e, preparar e motivar os professores para melhorar a educação; e, promover uma consciência do valor positivo da diversidade cultural pela via educacional ou seja constitui o conhecimento e a apreciação da arte e da cultura (UNESCO, 2006).

Além disso, a Educação Artística aumenta a colaboração e a conexão. Assim, diz UNESCO (2020) que

As artes podem ser uma ferramenta para reforçar uma ampla gama de habilidades interpessoais e sociais, como colaboração, empatia e trabalho em equipe. Como seres sociais, faz parte da experiência humana trabalhar de forma coletiva; a educação artística é adequada e tem condições para atender a essa necessidade. A colaboração, que é o trabalho em conjunto em direção a um objetivo compartilhado, difere da cooperação, ou seja, o trabalho de forma independente para contribuir para um resultado final. (p. 3)

Partilha da mesma visão Freedman (2003) citado por Eça (2010), “Na educação artística, ver, interpretar e fazer objetos artísticos são meios de formação de identidades, porque a mudança existe na medida em que se aprende: a nossa aprendizagem modifica a nossa identidade subjetiva” (pp. 136-137), viabilizando a sua visão para a transformação social. De acordo com López (1991) citado por Veludo (2013) “a arte da mesma forma que a moral, convida o indivíduo a criar os seus próprios espaços de encontro com o real” (p. 24). O sistema educativo, ou seja, a Educação Artística pela sua natureza de criatividade e inovação proporciona oportunidades de aprendizagem para que um indivíduo como um cidadão, como um membro de sociedade tenha dever e sensibilidade aos valores democráticos, éticos e morais numa vivência coletiva.

Por isso, a arte como base para o currículo escolar, como meio para atingir os objetivos de ensino, ou seja, a arte como educação complementar, não só na escola, mas fora do horário da aprendizagem formal o aluno poderia desenvolver o que mais lhe interessasse. Yolanda (1967) refere que

Não se trata, pois, de fazer dos alunos grandes escritores, atôres, músicos ou artistas plásticos, mas de dar-lhes oportunidades que muito contribuirão para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e de um espírito crítico, aberto e lúcido, pelos hábitos de observação, pesquisa e criação. (p. 98)

Parece então, que o propósito da Educação Artística não é uma formação de futuros artistas, mas a expressão de emoção e sentimentos como uma necessidade essencial do homem. Sousa (2003) afirma que a educação pela arte é uma educação do sensível que estimula e enriquece a razão, numa interação benéfica entre o pensar, o sentir

e o agir, ou seja, a educação artística é essencialmente um motivo de renovação no sentido de se abandonar princípios pedagógicos rígidos e pré-concebidos, para compreender o aluno nas suas emoções, nos seus desejos, nos seus interesses e na sua procura da felicidade.

Por outro lado, a arte é uma dimensão de psique, da alma, do espírito. Santos (1989) citado por Sousa (2003) refere que a expressividade artística é enraizada na psique humana, onde os impulsos, os instintos, as emoções, as paixões, a vida afetiva causam, criam e se manifestam em formas múltiplas e várias na psicopedagogia que exige o desempenho das atividades artísticas no ensino. A arte na escola facilita diversos estilos de aprendizagem como seja a criatividade que estimula, desenvolve e transforma novas habilidades.

Além de ajudar os alunos a canalizar as suas emoções através das expressões artísticas, o objetivo importante da Educação Artística nas escolas é promover e divulgar os bens culturais. Ferreira (2001), afirma que o motivo mais importante para incluirmos as artes no currículo da educação básica é que elas são parte do património cultural da humanidade, e uma das principais funções da escola é preservar esse património e dá-lo a conhecer. As artes são produções culturais que precisam de ser conhecidas e compreendidas pelos alunos. Para preservar a cultura, a escola é promotora na consciencialização dos alunos para a preservação patrimonial. UNESCO (2020) diz que

Aprender por meio das artes pode dar vida ao património cultural. Pela apreciação das artes e do artesanato vinculados ao património cultural, os estudantes são inevitavelmente conectados à sua sociedade, bem como são auxiliados a obter uma compreensão mais profunda de como a comunidade molda sua identidade pessoal, o que também facilita a transmissão da cultura e dos valores às gerações mais jovens. (p. 4)

A Educação Artística na escola conecta os estudantes às suas comunidades, ao seu património e dá a conhecer outras realidades, bem como a diversidade cultural por meio dos usos e costumes. Ela contribui também para o seu crescimento e para a sua própria compreensão.

Sem dúvida, um dos mais importantes objetivos da educação é contribuir para o desenvolvimento da autonomia, ajudar os alunos a se tornarem moral e intelectualmente livres, aptos a pensar e agir de forma independente. Nesse campo, a contribuição das artes poderia ser grande, já que elas, mais do que qualquer outro componente curricular, deveriam incentivar os alunos a uma produção que não dependesse de modelos. (Ferreira, 2001, p. 22)

Mecanismos artísticos podem ser usados para o desenvolvimento afetivo e a formação de valores humanos para elevar a auto-estima, no qual o modo de ver o mundo nas linguagens artísticas, incentiva a imaginação, a criatividade, a capacidade criadora e transformadora.

O processo de expressar conhecimentos, valores e afetos por meio de imagens visuais, sons, gestos, movimentos e palavras, canções, danças, dramatizações ajudam os alunos a compreenderem melhor o sentido pleno da atividade que realizam (Ferreira, 2001). A arte na educação não é só estratégia de animação, mas dá atenção ao desenvolvimento criativo com a formação geral dos alunos.

Yolanda (1967) defende que “Todo ser humano, mesmo antes de aprender a ler e a escrever, reage positivamente aos estímulos artísticos. Se tem um lápis, rabisca ou desenha; se ouve música, dança, cantarola, ou pelo menos, apresenta uma reação de agrado” (p. 16). A existência da arte na educação, nomeadamente, no 1.º ciclo é importante no crescimento de habilidades motoras da criança no seu meio. Read (2001) diz que no 1.º ciclo,

As crianças são ensinadas a se conscientizarem da beleza que está em todas as coisas. Elas se esforçam para tornar bonito seu meio ambiente. Aceitam elogios pelo mérito artístico de seus trabalhos escolares com a mesma naturalidade com que aceitam elogios por sua expressão oral. Aprendem a criar beleza por meio de escolhas diárias ao se vestirem, ao arrumarem seus livros e brinquedos. Elas apreciam a cor, a simplicidade da linha, os padrões escuros e claros e os vários tipos de formas pela associação com a beleza. (p. 265)

A arte na educação além de expressar as emoções, encanta a vida por trabalhar pelo que está sendo feito, e não por uma recompensa, arte de viver (saber viver) numa sociedade (entender o mundo e encontrar o significado pessoal). UNESCO (2020) descreve que a Educação Artística oferece apoio psicossocial, sendo que as práticas

artísticas proporcionam aos estudantes uma oportunidade construtiva de refletir e expressar emoções e visões pessoais do mundo, fornecem um recurso poderoso para encontrar soluções para desafios diários e para imaginar um futuro mais esperançoso e positivo.

Segundo o Roteiro para a Educação Artística (2006) o ensino das artes tem de ir muito mais longe do que simplesmente ensinar aos alunos aptidões, práticas e conhecimentos específicos, mas requer também que os professores compreendam o valor da Educação Artística. Verificamos que ensinar é um processo de interação entre pessoas, consequentemente, o professor tem de estar consciente das suas atitudes pessoais e da sua influência no processo de ensino-aprendizagem (Ribeiro, 1997). Portanto, o professor deve centrar-se no ato de criação, mobilizando o impulso exploratório dos alunos, levando-os a pensar e a explorar potencialidades emotivas, promovendo a arte e a educação no contexto cultural.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

3.1 Metodologia da investigação

A presente investigação exige um estudo descritivo, seguindo uma abordagem qualitativa, uma vez que esta se apresenta como a mais ajustada para o desenvolvimento do presente trabalho, visto que se pretende compreender os discursos e as práticas dos professores que lecionam a disciplina de Educação Religiosa e Moral em Timor-Leste, na Escola Externato São José. Igualmente se pretende compreender a mediação artística, enquanto facilitadora para a disciplina de Religiosa e Moral. Do outro lado, aproximamos também aos alunos não-católicos para conhecer a sua experiência enquanto convivem e estudam na escola católica.

Esta investigação é desenvolvida no contexto escolar no Externato São José, Díli, Timor-Leste que é uma escola privada e católica, e recorrer-se-á à entrevista para inquirir sete professores desta escola que lecionam a disciplina de Religião e Moral e quatro alunos não católicos que estão a estudar nesta devida escola.

3.1.1 Investigação Qualitativa

A metodologia qualitativa é uma investigação que descobre, refina ou aperfeiçoa as questões de pesquisa, envolvendo a recolha e a análise de dados e a interpretação de resultados. Lessard-Hébert et al. (2005) dizem-nos que a relação da investigação e das teorias no âmbito da pesquisa qualitativa está na distinção entre a descoberta focando na formulação de teorias ou de modelos que fundamentam num conjunto de hipóteses e provando os dados que apoiam corretamente as asserções formuladas no sentido da plausibilidade.

Esta pesquisa pretende aprender com as experiências e os pontos de vista individuais, ou seja, interagir com as pessoas no seu terreno, através da sua própria linguagem e adequar teorias relevantes baseadas a partir de uma compreensão íntima nas perspectivas dos participantes. Hernández Sampieri et al. (2013) dizem-nos que

O enfoque qualitativo é selecionado quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes (indivíduos ou grupos pequenos de pessoas que serão pesquisados) sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados, isto é, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade. (p. 376)

Para compreender o fenômeno de estudo no âmbito de pesquisa qualitativa, a realização da etapa inicial começa-se com a entrevista como uma forma de recolha de dados. De acordo com Hernández Sampieri et al. (2006) diz-nos que

Por sua vez, a pesquisa qualitativa dá profundidade aos dados, a dispersão, a riqueza interpretativa, a contextualização do ambiente, os detalhes e as experiências únicas. Também oferece um ponto de vista “recente, natural e holístico dos fenômenos, assim como flexibilidade (p. 15)

Através das prioridades dos participantes da pesquisa será possível influenciar fortemente a coleta de dados, buscando compreender o fenômeno de estudo no seu contexto social e cultural sendo a fonte direta. Esta investigação espera-se conhecer e compreender os discursos e as práticas educativas presentes na disciplina de Religiosa e Moral, e o contributo da Educação Artística enquanto estratégia na aquisição do conhecimento aos alunos na sala de aula.

3.1.2 Entrevista

Para satisfazer os objetivos determinados para esta investigação, procuramos saber as opiniões, as ideias e as experiências dos professores que lecionam a disciplina de Religião e Moral, e as experiência dos alunos não-católicos no aspecto da convivência no meio da escola católica. Do outro lado, procuramos a conhecer a pertinência da Educação Artística na intervenção do Ensino Religioso no contexto escolar no Externato São José, Díli, Timor-Leste, através da forma entrevista.

A entrevista é a técnica mais utilizada no processo da investigação social e é um dos principais métodos na coleta de dados qualitativos, visto que com um determinado assunto ou seja uma determinada experiência vivida que ocorre através de uma conversa entre uma ou duas ou mais pessoas. Quivy e Campenhoudt (2005) dizem-nos que os processos fundamentais desta técnica de comunicação e de interação humana permite ao

investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados.

Werner e Shoerple (1987), citado por Lessard-Hébert et al. (2005) apresenta-nos que a técnica da entrevista é não só útil e complementar à observação participante mas também necessária quando se trata de recolher dados válidos sobre as crenças, as opiniões e as idéias dos sujeitos observados.

Raymond Gorden (1987), citado por Moreira (2007) diz-nos que tem três elementos internos no processo comunicativo em obter informação que são entrevista, entrevistado e tema em questão e nos elementos externos têm factores extra-situacionais que relacionam a sociedade, a comunidade, a cultura e entre outras.

Sendo assim, a entrevista procura saber com base em experiências individuais ou seja o comportamento do entrevistado. “Ela vai permitir referenciar e classificar os problemas, os sistemas de valores, os comportamentos, os estados emocionais, etc., das pessoas; vai também possibilitar a elaboração das primeiras questões de trabalho e das hipóteses que um processo mais verificará posteriormente” (Lessard-Hébert et al., 2005, p. 161).

Moreira (2007) define-nos que na entrevista qualitativa é como uma conversa e existe vários tipos: provocada explicitamente pelo entrevistador, dirigida a pessoas selecionadas com base num plano de investigação, com a finalidade de tipo cognoscitivo, guiada pelo entrevistador e assente num esquema flexível de interrogação. Deve ter o guião de entrevista como questionário para os inquéritos.

De acordo com Rosa e Arnoldi (2017) dizem-nos que na entrevista as questões estão colocadas numa sequência lógica, implicando as respostas objetivas e diretas. Sendo assim, basta ao entrevistador coloca “uma lista de tópicos precisos relativos ao tema estudado” (Quivy & Campenhoudt, 2005), sem dispõe perguntas preestabelecidas assim que o entrevistado possa falar abertamente. Quando o entrevistado se afastar do tratado assunto, “o investigador esforçar-se-á simplesmente por encaminhar a entrevista para os objetivos cada vez que entrevistado não chega por si próprio no momento mais aprofundado e de forma tão natural quanto possível” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 193).

Em vista disso, Guerra (2006) esclarece-nos que o mais importante na construção do guião não é nenhuma das acima descritas, mas a clarificação dos objetivos e dimensão de análise que a entrevista comporta. Visto que, a conversação realiza-se segundo o guião construído e padronizado em função dos objetivos da investigação.

O tipo de entrevista neste procedimento utiliza um roteiro de entrevista estruturado por elaboração de questões formais numa sequência padronizada e com uma linguagem sistemática. “A entrevista estruturada, caracterizada pelo emprego de uma listagem de perguntas ordenadas e redigidas por igual para todos os entrevistados” (Moreira, 2007, pp. 206-207). A entrevista estruturada garante também uma maior liberdade das respostas devido ao anonimato priorizando as respostas rápidas e precisas.

Powney e Watson (1987) citado por Lessard-Hébert et al., (2005) apresenta-nos que tem duas grandes categorias na entrevista que são: a entrevista orientada para a resposta e a entrevista orientada para a informação. Porém, ambas são utilizadas nesta pesquisa. Na entrevista orientada para resposta visando “a recolha de informações, não considera de modo absoluto a ordem de aparição das informações no desenvolvimento do processo” (Lessard-Hébert et al., 2005, p. 162), e na entrevista orientada para a informação é “Um tipo de entrevista semelhante permite ao entrevistado exprimir os seus sentimentos e os interesses sem receio de estar a ser manipulado pelo entrevistador” (Lessard-Hébert, et al., 2005, p. 163). O pressuposto de conduta das entrevistas é

que o informador é um ser racional capaz de dar sentido às suas ações e que o objetivo da entrevista é apreender o sentido subjacente à vida social. Assim, explicar com clareza o objetivo da entrevista e os seus temas é indispensável, porque permite estabelecer essa relação de parceria que gera a possibilidade de reflexibilidade nos dois elementos desta interação. (Guerra, 2006, p. 51)

Colocando-se também as questões éticas para além das questões técnicas, “quando se trata de entrevista em profundidade e, muito particularmente, de história de vida, devido ao carácter intimista que tem sempre uma narração biográfica” (Guerra, 2006, p. 52).

O procedimento metodológico da entrevista, utilizado nesta pesquisa procurou: avaliar o enriquecimento do conhecimento religioso e moral através da arte; conhecer quais as criatividades artísticas desenvolvidas pelos professores no ensino-aprendizagem da disciplina de Religião e Moral; e, conhecer a sua relevância enquanto prática para a inclusão e tolerância religiosa no mundo pluralista na sala de aula tendo por base a experiência dos alunos não-católicos do Externato.

3.2 Descrição da entrevista

Neste sub-capítulo serão apresentadas a interpretação e a análise de dados. Desta maneira, os dados recolhidos foram realizados por procedimento metodológico qualitativo, concretamente através da técnica da entrevista. Estas foram realizadas com base num guião de entrevista, as perguntas e respostas foram recolhidas através de vídeochamada em *whatsApp* e foram realizadas a dois grupos de entrevistados: professores de Religião e Moral da Escola Externato São José, Díli, Timor-Leste e alunos não católicos pertencentes à mesma escola. O universo dos entrevistados distribui-se, respetivamente em sete professores e quatro alunos.

A apresentação, interpretação e análise dos dados relativos às entrevistas realizadas, permitiram compreender as ideias e as práticas educativas desenvolvidas naquela escola, concorrendo para aferir de que forma a Educação Artística se pode constituir como uma estratégia pedagógica na aquisição de saberes religiosos e morais católicos e igualmente assumir-se como facilitador do diálogo com outras expressões religiosas.

3.2.1 Descrição da entrevista dos professores da disciplina de Religião e Moral

As amostras foram recolhidas por e-mail realizada a partir de Viana do Castelo. Aos professores foram realizadas sete entrevistas, três a elementos do sexo feminino e quatro a elementos do sexo masculino. Em termos de área de formação, cinco são professores do 1.º ciclo, no qual, três professores são licenciados em Educação e duas professoras licenciadas em Ciências Sociais. Há dois professores com experiência na formação religiosa, um deles formado no Seminário de Santo Inácio de Loyola em Díli e o outro formado no Seminário da Congregação Cristo de Betânia em Braga, ambos licenciados em Ciências Sociais.

As citadas sete entrevistas aos professores podem ainda dividir-se tendo em conta a sua antiguidade profissional enquanto professores: um professor com uma experiência de 23 anos (43 anos de idade) tendo anteriormente lecionado ao longo dos últimos 20 anos noutra escola; uma professora com o percurso profissional de 17 anos (57 anos de idade); um professor do Secundário do 12.º ano com 13 anos de exercício de professor (39 anos de idade); um professor do 3º ciclo com uma experiência profissional de nove

anos (30 anos de idade); um professor com cinco anos de experiência profissional (43 anos de idade); e, duas professoras, ambas, com três anos de serviço (e 27 anos de idade). Acrescentamos ainda que todos os professores entrevistados são católicos e foi preservado o anonimato dos mesmos sendo que nas referências a nomes os mesmos são nomes fictícios.

Os professores podem ainda ser distribuídos pelos níveis de ensino que lecionam, designadamente: cinco professores do Ensino Básico (1.º e 2.º ciclo) - Hortênsia e Eva (professoras do 1º ano em turmas diferentes), Viana (professora do 2º ano e ao mesmo tempo leciona Sociologia aos 10.º e 11.º ano do secundário), Malaquias (professor do 3º ano e é ao mesmo tempo o professor na escola pública do Ensino Básico Filial n.º 5 Comoro-Díli) e Marco (professor do 4º ano e acumula como professor na escola pública no Ensino Básico Filial 30 de Agosto, Comoro-Díli); António é o único professor de Religião e Moral do 3º ciclo e foi professor de Cidadania e Desenvolvimento no ano anterior; e, Ivo é professor de Religião e Moral e de Sociologia no secundário, do 12.º ano. Ressalva-se que os professores do Ensino Básico do 1.º e 2.º ciclo assumem a formação de todas as áreas educativas, incluindo a disciplina de Religião e Moral.

Dos professores entrevistados apenas três professores têm formação específica de base em educação religiosa. Marco participou em 2022 numa formação dos professores de Religião e Moral disponibilizado pelo CONECTIL, António foi seminarista na Congregação de Santo Inácio de Loyola, Jesuíta em Díli e o Ivo também foi seminarista na Congregação Cristo de Betânia em Braga. Por outro lado, nenhum dos entrevistados tinha experiência ou curso específico em Educação Artística, embora recorram e utilizem algumas criatividades no desenvolvimento das suas aulas.

Salienta-se que os dados pessoais dos professores foram validados pela Coordenadora do Ensino Básico do 1º e do 2º ciclo do Externato antes da realização da entrevista e foram confirmados pelos próprios entrevistados aquando da realização da entrevista.

Pelas informações obtidas através da entrevista, exploramos as experiências dos docentes nas suas obrigações perante os alunos, relativamente à pertinência da componente curricular de Religião e Moral e à correlação dos meios artísticos na aquisição de conhecimentos religiosos e morais católicos.

3.2.2 Descrição da entrevista dos alunos não católicos

Além de procurar investigar as estratégias pedagógicas e criativas dos professores entrevistados de Religião e Moral por meio da entrevista, relatamos também da mesma forma a experiência dos alunos não-católicos que convivem e estudam na zona católica, ou seja, que frequentam a aprendizagem na Escola Externato São José, Díli, Timor-Leste. Por esta realização da entrevista iremos compreender a tolerância religiosa que ocorre nesta pertinente escola católica.

Apresentamos a descrição dos alunos entrevistados que estão a estudar nesta escola. O mecanismo de recolha de dados foi efetuado através do processo da entrevista, e do mesmo modo, as perguntas e respostas foram baseadas no guião da entrevista por *whatsapp*. O perfil dos alunos foi recolhido por *whatsapp*, através de um professor de Religião e Moral do 3.º ciclo. Sendo assim, realizaram-se entrevistas a quatro alunos não-católicos da Escola do Externato São José, Díli: dois alunos do sexo masculino e duas alunas do sexo feminino. São dois alunos e uma aluna do ensino secundário, concretamente do 10.º ano, que professam o protestantismo (um da Igreja Bethel, outro da Igreja Assembleia de Deus e outra da Igreja Hosana) e mais uma aluna do 3.º ciclo (9.º ano) que é muçulmana.

Foi garantido o anonimato de todos os alunos participantes nestas entrevistas, por isso são utilizados nome fictícios. Pretendemos evidenciar as experiências dos alunos não-católicos, que vivem a sua religião, sem constrangimentos num contexto católico, em concreto numa escola católica e privada, de forma a compreendermos a vivência dos alunos não católicos em questão de inclusão e tolerância religiosa ocorrida e praticada nessa preferida escola.

CAPÍTULO 4 – DA PERTINÊNCIA DA COMPONENTE DE RELIGIÃO E MORAL

O foco das entrevistas com os docentes visou, não uma dimensão de pura religiosidade, mas sim, num comportamento cívico e moral dos alunos, assumindo essa experiência religiosa e moral no seio escolar enquanto uma proposta para a sua vivência em sociedade.

Como costume dessa escola, a aprendizagem do dia é iniciada com uma oração e uma canção religiosa católica, dispondo-se os alunos numa fila geral no recinto da escola. Esta rotina antes de começar as aulas vale para todos, incluindo os alunos não cristãos. Embora, as orações matinais sejam praticadas na escola e a maioria dos alunos sejam católicos, para se assumir como um cristão católico, é preciso ir mais além do que exercer aquela atitude extrínseca descrita.

Baseado nas respostas dos professores, estes aceitam que o papel da disciplina de Religião e Moral é importante para a formação dos alunos como cristãos na dimensão religiosa e moral. “A Religião e Moral não deve ser apenas falar sobre Deus, mas deve moldar e conduzir a uma inteligência equilibrada entre às áreas espiritual, psicológica e moral do aluno”, disse o professor Ivo, professor de Religião e Moral e responsável pelo comportamento dos alunos. Ele observou que “moralmente, eles precisam de mostrar a sua maneira de ser, ou seja, sem atrasos no começo da aula, cumprir com as normas da escola, etc.”.

A escola tem as suas próprias normas, cujo cumprimento é obrigatório por todos. Neste ponto, o professor António refere que “o cumprimento das normas é uma das partes do agir moral do aluno. A disciplina de Religião e Moral não é só aceitar ou compreender as normas, mas exige que os alunos coloquem em prática e cumpram efetivamente as regras”. A professora Hortênsia defende a mesma ideia, “além de falar sobre a Religião, aproveito a questão moral para incentivar os alunos para a importância do cumprimento das normas, da disciplina, da pontualidade e do respeito pelos outros”.

A professora Viana considera igualmente importante, que “a disciplina de Religião e Moral ajuda o indivíduo a sentir e a viver uma efetiva preferência por uma vida equilibrada, que eleve a pessoa na sua maneira de ser, criando e desenvolvendo nos alunos os valores da vida logo a partir da infância, e não apenas preocupados como mero registro

de uma nota positiva na caderneta escolar. A Religião e Moral nutre valores para a vida humana, espiritualmente e moralmente”. A professora Eva tem a mesma opinião referindo que “a Religião e Moral propicia o mecanismo de treinar o aluno desde a sua infância, desenvolver um coração bondoso”. Certamente, os valores promovidos dessa disciplina contêm a sua mensagem cristã que ajuda os adolcentes e jovens a compreender um sentido da vida, assim que desenvolvam uma consciência ética e aprendam a tomar decisões fundamentadas. Neste ponto, Marco “a Religião e Moral contribui para a atitude do aluno como ser humano e como ser cristão”. Malaquias, embora não consiga distinguir bem entre a Catequese e a disciplina de Religião e Moral, afirma que “pelo conhecimento da maneira de viver de Jesus, Maria e José, os alunos conhecem e aprendem na escola com os seus exemplos, contribuindo assim de forma positiva para a vida prática dos alunos nas componentes espiritual e moral”.

Consequentemente, importa distinguir Catequese e ensino religioso e moral na escola. Estes conceitos em termos de objetivo são distintos, ainda que possam assumir alguma complementaridade ou encontrarem-se inter-relacionados no aspecto moral e espiritual. Alguns dos entrevistados distinguiram os citados conceitos, segundo a sua própria opinião e perspetiva. Viana diz que “a catequese é uma atividade paroquial que instrui as doutrinas católicas, e a Religião e Moral na escola, sobretudo para o 1.º ciclo, concentra-se no comportamento do aluno no aspecto espiritual e moral. É exigido aos educadores que estimulem os valores morais dos alunos, como o respeito pelos professores, pelos colegas, isto é, pelos outros em geral. Eu baseio esse estímulo no ensinamento bíblico afirmando que nos amemos uns aos outros como Deus nos ama; como seres humanos; como criaturas de Deus”. Podemos encontrar este mandamento bíblico no Evangelho S. João, 13: 34. De facto, é essencial ter uma formação para a construção da identidade e personalidade dos alunos, ampliando assim a reflexão, o olhar e o autoconhecimento aos novos objetivos de vida. Ivo também manifesta a sua opinião diz que “a Religião e Moral é a formação que a escola propicia, formando os alunos para o autoconhecimento, conhecer e ter uma boa relação com a sociedade, em casa, na escola e em qualquer lado do ponto de vista moral e na sua relação com Deus espiritualmente, e a catequese é puramente doutrinária, praticada assim apenas na Igreja”.

A escola como espaço que reconhece e proporciona os valores positivos ao desenvolvimento equilibrado da personalidade dos alunos. Neste sentido, Hortênsia segue a orientação dada pela Diretora da Escola aos professores do ensino básico, referindo que “a Diretora da Escola sugere que, para nós, os professores do 1.º ciclo, a aula de Religião

e Moral deve focar-se no aspeto moral, falando aos alunos de coisas simples, que sejam fáceis de compreender, que possam ser encontradas na realidade da vida dos alunos e que eles possam aplicar na sua vida prática”. Continua dizendo que “a oração na aula, não pretende ser uma atividade catequética, embora os alunos a partir da oração aprendam a comunicar de forma inocente com Deus, pois as orações apesar de serem decoradas, elas têm a virtude de criar uma relação com o transcendental, que acredito ser um valor. Os católicos têm a obrigação de saber rezar na escola as orações católicas, porque rezar em casa ou na escola é similar e é um costume da escola rezar antes e no final das aulas. Por outro lado, os alunos não-católicos não são ignorados na medida em que eu recomendo aos seus pais que estes em casa ensinem as suas próprias orações conforme as suas próprias crenças, de modo a que nos momentos de oração na escola os seus filhos possam efetuar as suas próprias orações em vez de seguirem as orações católicas”. Para Eva, “a Catequese é pregar, ou seja, evangelizar a Palavra de Deus, ato mais intenso nas paróquias, enquanto que a disciplina de Religião e Moral na escola, especialmente para o 1.º ciclo, só se concentra em práticas morais com o apoio das criatividade e das manifestações artísticas que temos. Em termos do aspecto religioso, este só é possível de ser iniciado nos alunos a partir do 2.º ciclo”. Segundo Marco “Catequese é uma formação própria para os católicos que têm interesse em receber os sacramentos, ajudando-os a perceber as doutrinas católicas e, a Religião e Moral é uma disciplina promovida na escola, que propicia o autoconhecimento e o conhecimento da sociedade em termos morais, e também apoia o desenvolvimento espiritual”. Para ele “ambas têm o mesmo motivo, transmitem valores morais e espirituais”. António apresenta a sua visão referindo que “a Catequese e a disciplina de Religião e Moral são diferentes, mas têm o mesmo objetivo que é elevar a qualidade moral e espiritual do indivíduo”. Acrescenta dizendo que “em Timor, a catequese é só para aqueles que queiram receber os sacramentos, como por exemplo, a Eucaristia, o Crisma, etc., que exigem uma prévia preparação obtida através da formação catequética nas paróquias. Ao invés, o conteúdo da disciplina de Religião e Moral assenta numa relação triangular entre (1) percorre ou observa a realidade vivida, (2) teorizando-a numa matriz que (3) posteriormente é propiciada e desenvolvida na escola nas dimensões moral e espiritual dos estudantes enquanto seres sociais e suscetíveis de estabelecerem um relacionamento com o transcendental. Em termos do conhecimento moral e espiritual, a escola cria um espaço para o ensino religioso e moral onde os professores de Religião e Moral assumem o papel de educadores, oferecendo

tudo que eles têm e conhecem, embora não haja um curso específico de formação para esta disciplina”.

Em conformidade com os dados recolhidos, constata-se que a disciplina de Educação Religiosa e Moral se assume como promotora da construção dos valores da vida (a vida equilibrada), fruto de uma consciencialização nas atitudes humanas e cristãs. Neste sentido, CONECTIL (2014) como responsável daquela disciplina, no seu artigo 7º, presta a sua visão focada numa Educação de excelência e numa formação integral em conformidade com as virtudes humanas e religiosas. Figueira (2007) afirma que “o Ensino Religioso nos poderá construir sujeitos históricos melhor sabedores de seus recursos. Mais reconhecer de suas possibilidades e capazes de entender mais os factos a seu redor” (p. 147).

Para a formação integral de um indivíduo os colaboradores não são apenas os professores, mas carecem também do apoio da família. Neste sentido, o Papa João Paulo II (1990) aconselha que “os pais devem, com confiança e coragem, formar os filhos nos valores essenciais da vida humana” (p.74).

Por outro lado, além da família que assume a sua responsabilidade, a formação do indivíduo também é desenvolvida nas Paróquias promovendo e auxiliando a aquisição de conhecimentos do indivíduo, através da catequese, da vida em comunidade e a compreensão das suas doutrinas. Verificamos assim que a Igreja propicia também a formação do indivíduo, envolvendo-o de uma forma progressiva na vida da comunidade (Arquidiocese de Manaus, 2021). Portanto, a empatia de respeito mútuo pelos outros e a criação de um mundo solidário deve ser um exercício contínuo a todo o momento e em todo o lugar, fora da escola.

A finalidade da Religião e Moral na escola não visa só transformar as pessoas em pessoas mais dignas, mas procura ser também uma via razoável e eficaz para aceder ao conhecimento do mundo e suscitar a sensibilidade sobre o valor da vida. “Entendemos que uma disciplina como o Ensino Religioso nos poderá construir sujeitos históricos melhor sabedores de seus recursos. Mais conhecedores de suas possibilidades e capazes de entender mais os fatos a seu redor” (Figueira, 2007, p. 196).

Portanto, a escola dá e desenvolve competências científicas, mas tendo em conta que a religião também faça parte da construção da correlação social, é necessário promover a abordagem religiosa no campo educativo. Como diz Figueira (2007) que “Tratar da religião na sala de aula significa enfrentar as grandes questões que afetam a forma como homens e mulheres, nesta nossa sociedade, constroem suas razões efetivas

para viver como vivem e porque vivem (p. 197). O Programa de Educação Moral e Religiosa Católica pretende aconselhar que os alunos aprendam a usar os conteúdos obtidos para responder a situação e desafios, pois observar “o mundo actual – com as suas múltiplas tensões, contradições, avanços e recuos – é de notar a importância do conhecimento religioso para compreender os fenómenos sociais” (Comissão Episcopal da Educação Cristã, 2007, p. 15).

Verificamos que o catolicismo possui um sistema de valores essenciais à compreensão da sociedade, o qual oferece uma orientação existencial com um sentido (Comissão Episcopal da Educação Cristã, 2007). O professor que é um católico não exerce o seu dever só na sua área de ensino, mostra também através dos seus atos que é um bom católico, ou seja, apresenta-se como uma figura de comportamento exemplar perante os seus alunos. Além disso, a responsabilidade pela transmissão dos valores católicos não é apenas dos professores, ela é essencialmente um dever dos pais. Contudo, os pais têm de assumir a sua responsabilidade e propiciar os valores morais-católicos aos seus filhos no sentido de apoiar a sua autonomia e personalidade moral. A professora Viana concorda que “a personalidade do aluno é influenciada pelo ambiente familiar, o que conduz a que cada aluno tenha o seu comportamento na escola. Há alunos que se comportam bem e outros que não. Acho que é um dever dos pais orientar os filhos para o seu desenvolvimento pessoal”. Conclui-se assim, que o contributo dos pais é importante para consolidar as virtudes católicas, na vivência religiosa e moral em casa com os filhos. E, além de difundir a perspectiva da vida cristã, os professores também devem testemunhar a sua maneira de vida. “Os professores são obrigados a implementar bons exemplos na prática, como protagonistas na maneira de ser aos seus educandos” referiu ainda a professora Viana. De acordo com esta ideia, Santos (2013) defende que os “pais e professores devem cultivar nas crianças valores humanos adequados a fim de que elas contribuam para a construção de um mundo melhor” (p. 21). Através do conhecimento sério do fenómeno religioso, ou seja, da mensagem cristã, abrem-se as portas para a descoberta do valor do outro.

Oliveira (2009) citado por Rodrigues (2011) diz-nos que a existência de fundamentos epistemológicos do Ensino Religioso reflete o conhecimento do transcendente e incide diretamente na vida das pessoas e das sociedades. Portanto, a Educação Religiosa e Moral configura-se como uma prática ligada a uma vida existencial e impõe-se numa realização contínua no quotidiano. De acordo com Santos (2013), aceita-se que um dos métodos educacionais mais valiosos é a experiência pessoal, no qual

o aluno construirá as suas ideias e vivenciá-las-a na sua vida diária, porque, a vivência dos valores funda o caráter, e reflete-se na conduta como uma conquista espiritual da personalidade.

A Comissão Episcopal da Educação Cristã (2007) refere que “A Educação Moral e Religiosa Católica não parte do pressuposto segundo o qual o aluno já tomou a sua decisão de fé” (p. 21). Para os alunos que são católicos a disciplina de Educação Moral e Religiosa permite aprofundar mais a sua perceção sobre a vida cristã, sendo que para os alunos não cristãos, esta disciplina pretende proporcionar uma experiência de convívio com o cristianismo, sem perturbar a sua escolha religiosa. Sendo assim, esta proposta não é obrigatória, cabendo “a cada um aceitá-la, recusá-la ou colocar-lhe interrogações críticas” (Comissão Episcopal da Educação Cristã, 2007, p. 21).

Contudo, a Educação Religiosa e Moral também enquadra a intensificação de diálogos que cada vez mais se destacam a respeito da diversidade religiosa e cultural. Vivemos numa sociedade plural na qual existe a variedade das convicções religiosas. Assim, a Educação Religiosa e Moral é apenas um início para a interpretação da realidade do ponto de vista cristão, estabelecendo uma construção de um corpo social pacífico, onde o diálogo, a tolerância e a liberdade sejam possíveis. O lugar da Educação Religiosa e Moral na escola é o meio relevante para a construção de uma sociedade plural e pacífica. Pajer (2003) citado por Bartolomeu (2018) defende que “enquanto reflexo de sociedades cada vez mais plurais, depara-se com a necessidade de encontrar bases de valores e partilháveis em prol de uma sã convivência, e mais ainda, da construção de uma nova cidadania, uma nova cultura, partilhando sentidos e projetos comuns” (p. 14).

Relativamente ao pluralismo religioso, o professor António sustenta a sua posição ao referir que a “Constituição da República Democrática de Timor-Leste, no artigo 12º, admite o pluralismo religioso, pelo que, embora o Externato seja uma escola católica, ele estabelece um espaço aberto a todos aqueles que querem estudar, sem nenhum tipo de exclusão”.

Não encontramos respostas opostas nos entrevistados. Todos valorizam a diferença religiosa. De acordo com as suas afirmações, não há discriminação ou exclusão com base na crença religiosa. “Não há distinção entre os alunos, todos participam e aprendem com a sua própria normalidade, e os seus pais também não questionam este assunto. Eles estão no Externato por decisão dos próprios pais” afirma o professor Malaquias. As respostas das professoras Hortênsia, Viana e Eva são similares. A professora Hortênsia afirma que “não há exclusão dos alunos da minha sala que têm

uma crença diferente”; a professora Viana diz que “na minha turma, há alguns alunos que têm uma confissão religiosa diferente, no entanto, solicito a todos para se respeitarem uns aos outros de igual modo, tratando-os de forma igual sem discriminação”; e a professora Eva também diz que “há alguns alunos protestantes na turma, mesmo assim, o tratamento é igual para todos, o que importa é que eles saibam valorizar-se”. O professor Ivo salienta a ideia de que “a diversidade religiosa não é um desastre no ensino-aprendizagem, ou seja, a diferença da perspectiva, nomeadamente a diferença religiosa, não é uma barreira separatista, mas antes, estimula a percepção dos alunos para uma vida harmoniosa e pacífica na diversidade”. O Professor Marco afirma que, no seu percurso profissional de quatro anos, ainda nunca teve uma turma onde algum aluno tenha assumido ter uma confissão religiosa diferente da Cristã Católica. Contudo, entende que “quando tiver uma turma com alunos que tenham crenças religiosas diferentes, será meu dever aconselhar a que todos se respeitem entre si, até porque o tema geral de aprendizagem do 4º ano, fala sobre a vivência coletiva na diversidade, e sem dúvida, que aquela realidade de diversidades religiosas deve ser aproveitada para explicar a variedade e a diferença das diferentes formas de estar na vida, a aceitação da diferença, até a diversidade religiosa”. A organização política do Estado em termos de democracia é harmonizar os interesses da vida de todos os membros da sociedade, promovendo uma ética religiosa que é a aceitação do culto público de qualquer religião. A “tolerância religiosa é parte essencial da política de direitos humanos, da cidadania e ética democrática” (Silva, 2004, p. 10). Nos termos dos princípios gerais da Lei de Bases da Educação de Timor-Leste, conforme artigo 2º, n.º 3 alínea a), o sistema de educação promove o “desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros, das suas personalidades, idéias e projetos individuais de vida, aberto à livre troca de opiniões e à concentração” (p. 2642).

A Educação Religiosa e Moral apresenta respostas à vida quotidiana com a luz da visão cristã. “O mundo precisa de mais pessoas solidárias, cooperativas, leais, íntegras e que tenham, principalmente, amor ao próximo. Pessoas que tenham costumes apropriados para a construção de uma cultura de paz” (Santos, 2013, p. 21). Portanto, a Educação Religiosa e Moral procura observar o mundo através de uma visão coerente, articulando essa observação com os diversos âmbitos da cultura e da ciência, prosseguindo o seu objetivo com recurso a uma ação interpretativa sob a perspectiva cristã e católica. Verificamos que a Educação Religiosa e Moral integra duas grandes orientações éticas: a visão religiosa da vida e a ética humanista com uma fundamentação transcendente não religiosa (Comissão Episcopal da Educação Cristã, 2007). Assim, o campo desta

disciplina trata também do agir humano, incentivando os alunos a agir partindo de um quadro cristão para uma tarefa pessoal e social no sentido de uma vida coletiva, enriquecendo e proporcionando os pontos de vistas possíveis sobre a realidade.

CAPÍTULO 5 – DOS MODOS DE ABORDAR A EDUCAÇÃO RELIGIOSA E MORAL

Nesta parte do trabalho procuraremos perceber as metodologias utilizadas pelos professores entrevistados nas aulas de Educação Religiosa e Moral, uma vez que, conhecendo as práticas de cada professor no processo de aprendizagem, no acolhimento e na participação em sala de aula, permitirá explorar e conhecer melhor as suas opiniões sobre os valores religiosos e morais. As estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores transmitem a sua forma de estar e agir perante a disciplina de Educação Religiosa e Moral.

Começamos pelo professor António que apresenta a sua metodologia de ensino referindo que nas suas aulas “sigo a matriz do CONECTIL, além de expor as matérias da disciplina no quadro, as minhas explicações incluem passagens bíblicas que servem de guião para descrever e compreender os percursos da vida e da realidade quotidiana que eu observo, procurando estabelecer um permanente diálogo com os alunos durante as aulas, o que permite aos próprios alunos partilhar e compreender a sua própria experiência pessoal”. Reforça que “o laboratório da Religião e Moral não é uma sala, mas a sociedade”. Clarifica que “resumidamente o objetivo desta disciplina no Ensino Básico do 3.º ciclo é desenvolver no aluno as capacidades de eles serem responsáveis e protetores de si mesmos e da sociedade; fazer o bem para si e para os outros é a chave para alcançar uma sociedade pacífica; viver com virtudes na sociedade é a base fundamental”. Continua dizendo que “o que se aprende na Religião e Moral é para vivenciar na vida prática. Acho que é uma das razões do nosso diálogo, da nossa partilha na sala”.

O professor Ivo adopta um procedimento metodológico que procura fazer a correspondência do conteúdo das lições com as reações dos alunos, pois refere que “os conteúdos da Religião e Moral apresentam pedagogias da vida promovendo valores religiosos e morais, não apenas para os conhecer, mas sim, para os pôr em prática. A aula é quase sempre um debate. Os alunos colocam as questões críticas contextualizadas com a realidade, e procuro a partir da discussão atingir uma resposta satisfatória sobre a temática lecionada. Se não encontrarmos uma resposta, adiamos para o próximo encontro”.

Para os professores do Ensino Básico do 1.º ciclo, o ponto crucial é acompanhar os alunos e guiá-los nos seus comportamentos ético-morais. Cada professor tem o seu método para fazer a correspondência entre os temas lecionados e a vida concreta dos alunos.

Hortênsia refere que “o método que eu costumo utilizar com os alunos do 1º ano, do 1.º ciclo, é agir com paciência e dedicação, acompanhá-los em circulação pela sala de aula, sem me sentar, a fim de que não percam a concentração, ajudá-los pegando nas suas mãos para escrever, como por exemplo o nome da Sagrada Família: José, Maria, Jesus, e aproveito para contar a história da vida de Jesus e a vida dos Santos. Assim, na aula seguinte pergunto sobre o tema anterior para desenvolver a memória deles”.

Eva diz que “na hora desta disciplina, trabalho com as crianças para que se conheçam umas às outras. O ideal é conjugar as personalidades individuais de cada um e conseguir tornar-se num grupo, sendo nós uma turma. Este é um comportamento moral que desenvolvemos, porque de vez em quando há alunos mais ativos que gostam de perturbar os outros e é importante que aprendam a respeitar-se uns aos outros. É importante a partir desta idade desenvolver a vivência do valor do respeito, quer na família quer em sociedade. Aproveito ainda as aulas de Religião e Moral para reforçar a aprendizagem da escrita, por exemplo, aponto as letras no quadro em sílabas, como Je+sus, Ma+ri+a, Jo+sé, perguntando-lhes pelas formas das letras e a escrevê-las, sendo que às vezes alguns vão ao quadro escrever essas letras. Os tempos fortes da Igreja como o Advento, o Natal, a Quaresma e a Páscoa, são pontos de partida para desenvolver o processo de aprendizagem já que os alunos são entusiasmados a saber sobre aquilo que observam nas ruas, nas lojas, na escola, etc”. Esta professora relaciona esta sua ação com a perspetiva da arte, pois esclarece que “em alguns dos tempos fortes da Igreja, é fácil encontrar ornamentos estéticos simbólicos desse tempo, por exemplo, no Natal encontramos o presépio, a árvore de Natal, o boneco do Pai Natal, entre outras, que realmente representam a época e incentivam a vivência desse tempo por toda a gente. Por isso, aproveito a imensa curiosidade deles de saber e de compreender o sentido de cada festa e eu como uma educadora utilizo o momento da aula de Religião e Moral para esclarecer as dúvidas deles”.

António reforça esta ideia dizendo que “às vezes os alunos ficam com dúvidas sobre as coisas que observam na escola, em casa e fora de casa relativamente às práticas religiosas, por exemplo, no mês de Maio as famílias em casa rezam o Rosário em frente do Oratório; nas paróquias e no Externato realizam-se via-sacras na Quaresma; no

Advento constroem-se presépios, árvores de Natal, etc; em casa, nas lojas, nos jardins da cidade e na escola festejam o dia do seu padroeiro que é São José. Assim, é dever dos professores esclarecer os alunos face às suas dúvidas. Prestar estes esclarecimentos faz parte da missão da escola que assume o papel de transmitir conhecimento aos estudantes, não se assumindo uma atividade catequética”.

Viana regista que “na minha turma, às vezes as crianças portam-se mal entre elas, e o meu dever é só falar, não vou fazer mais nada, não vou dar uma sanção. Quando algum aluno trata mal os colegas, o meu propósito é ele saber que tem de pedir perdão. Porque um dos temas gerais de aprendizagem é falar sobre Ser Amigo. A partir daqui exijo uma atitude de respeito e de dizer a verdade como valores morais que eles devem realizar na sua vida quotidiana”.

Malaquias confessa que “há muitos dos meus alunos que não sabem rezar no momento da oração da manhã na fila. Então aproveito para passar no quadro as orações que de manhã costumamos rezar”. Contudo, questiona-se “não sei se este método é da catequese ou se também é válido na escola? No entanto acho este ponto relevante, sobretudo para os alunos que não sabem as orações tradicionais católicas (Pai Nosso, Ave Maria, Glória), que visam desenvolver e compreender um dos temas da disciplina que é sobre o Diálogo com Deus. Vale a pena salientar que as orações permitem também desenvolver a aprendizagem da língua portuguesa. É claro que desenvolvo os temas gerais da Religião e Moral, como a dignidade das crianças, o ser solidário, assim partindo da vida sobre Jesus e dos seus apóstolos”.

Ivo apresenta o seu próprio modo de ver e afirma que “a oração é uma conversa íntima com Deus, não é meramente uma ordem da doutrina católica, não é rezar com as palavras programadas, mas é um diálogo emocional de um ser humano com um Ser Superior”. Ele defende que “a melhor oração é a sinceridade, tem de ser interiormente aberta perante Deus nas suas várias formas de expressão: chorar no momento da oração, o silêncio, etc., e sem fingimento. É preciso existir uma transparência interior neste diálogo, espontâneo, com sentimento natural e sem reserva. Se a arte é uma obra da emoção e do sentimento, então a oração é uma arte espiritual, uma vez que o indivíduo com a sua transparência expressa tudo aquilo que sente na profundidade do coração, confiando-se totalmente a Deus”.

No mesmo sentido, Marco assume ser seu dever enquanto educador, criar o hábito da oração nos seus alunos do Ensino Básico do 2.º ciclo, pois refere que “o costume que aplicamos todos os dias na minha turma é rezarmos antes de sair da aula, embora não seja

uma aula de Religião e Moral. E peço aos alunos que rezem baseados na sua crença, na sua fé”, o seu propósito é “deixar neles este hábito, porque tenho a convicção de ser um ato essencial para eles, uma vez que permite desenvolver a espiritualidade do aluno, para além de desenvolver a capacidade de comunicação e, ao mesmo tempo agradecer a Deus pelos dias passados na escola”. Continua afirmando que “os temas gerais que ensino relacionam-se com a vida em sociedade, a interação humana como cristãos e a convivência comunitária. Nunca me esqueço de os incentivar a desenvolverem o respeito pelo outro, promovendo um comportamento pacífico. No tema da convivência humana, saliento e recordo-lhes o meu propósito para que mostrem bons exemplos na sua maneira de ser, especialmente para com os seus colegas mais novos do 1.º ciclo. Os estudantes são o futuro, a esperança das famílias, da Igreja e da nação, e é dever da escola promover este valor de respeito desde a sua jovem idade”.

Das interações discursivas descritas, observa-se que a presença em sala de aula dos professores perante todos e cada um dos alunos, visa promover o valor do respeito mútuo, respeitando a diferença (nomeadamente a diversidade religiosa), o propósito e a necessidade pelo cumprimento das regras no sentido de alcançar uma convivência numa sociedade respeitadora e pacífica, ao mesmo tempo que desenvolvem a sensibilidade espiritual.

A metodologia descrita pelos entrevistados demonstra que os professores desenvolvem processos de aprendizagem ativa na sala de aula em que o centro não é o professor. Antes, permitem o envolvimento dos alunos, ou seja, a interação entre o professor e o estudante, o que contribui para resolver vários problemas de aprendizagem nos seus diferentes aspetos. Para adquirir conhecimentos sobre um dado objetivo, verificamos que os alunos devem estar dinâmicos no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor (Lopes & Silva, 2009, citado por Cunha & Uva, 2016). “Desta forma, ao educador/professor não basta ensinar e transmitir conhecimentos, é necessário que se apresente como um facilitador da aprendizagem, um estimulador à criação de novos comportamentos e atitudes, um profissional que exerça influência nos seus alunos” (Cunha & Uva, 2016, p. 414).

É importante que a aprendizagem cooperativa traga uma nova atitude para com os alunos, incluindo a exploração de ideias que são fundamentadas na realidade quotidiana. Recorrendo a este processo de aprendizagem enquanto técnica, o aluno além de adquirir conhecimentos, ajuda também os colegas a desenvolverem uma melhor compreensão

sobre um determinado assunto. Por outro lado, com esta estratégia dinâmica provoca nos alunos uma vontade em buscar respostas para os problemas,

numa época como a actual, em que o desamor pela vida se manifesta em tantas e perversas formas, como a violência, as drogas, a intolerância, o racismo, a promiscuidade e a guerra, parece ser efectivamente essencial que as crianças e jovens sejam educados nos valores espirituais que as Religiões incutem. Porém, é fundamental que a educação religiosa não resulte em fanatismo e intolerância. (Ministério da Educação, 1998, pp. 7-8)

No campo da Educação Cívica, ou seja, Cidadania e a Educação Religiosa e Moral afirmam-se valores sociais de acordo com a sua visão, com a sua doutrina, colaborando com ciências sociais na construção de projetos coletivos que incentivem ações individuais. Embora os campos de ação sejam diferentes, procuram atingir a mesma preocupação que é o bem-comum, através da ação de cada pessoa, “onde não há amor, apenas existem problemas de carreira, de salário para o docente, de tédio para o aluno. A missão pressupõe, como é óbvio, que haja fé na cultura e fé nas possibilidades do espírito humano” (Morin et al., 2004, p. 108).

No Ensino Básico do 1.º e do 2.º ciclo, o professor além de ser educador, também é protetor que cuida e protege as crianças no processo de aprendizagem. “Essa visão por parte das professoras em relação ao papel do professor da Educação Infantil vincula-se mais aos aspectos do cuidado, proteção e amparo, do que aos aspectos educacionais, do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança” (Silva & Farias, 2014, p. 49). Portanto, ensinar “é transferir o conhecimento que existe no ambiente para a mente da criança” (Marques, 1997, p. 18). Neste caso, a construção do conhecimento da criança encontra-se exteriormente no ambiente e desenvolve-se constantemente dentro de si. Bona (2017) propõe um convite para se ser professor do Ensino Básico do 1.º e do 2.º ciclo que é,

os professores podem abrir portas e janelas para que as crianças se tornem pessoas plenas, porque está nas nossas mãos impulsioná-las para que sejam elas próprias a construírem o seu presente e futuro. Podemos fazer com que participem na sociedade para nos ajudarem a mudar as coisas. (p. 19)

Encontramos na descrição dos professores entrevistados do Ensino Básico do 1.º ciclo a referência a experiências da lecionação, nas quais eles proporcionam às crianças a utilidade e a prática do valor moral, por exemplo, o comportamento de respeito no recinto da escola, e o incentivo a continuarem a desejarem levar essa atitude, esse propósito para casa ou para qualquer outro lugar. Por outro lado, vale a pena salientar que os professores devem ser eles próprios testemunhas de afirmação do valor moral, uma vez que, o aluno observa as atitudes dos professores no sentido da construção e do crescimento moral enquanto exemplos diretos. Marques (1997) diz que,

A criança é cada vez mais capaz de coordenar pensamentos e acções e amadurecer o seu conceito moral de cooperação. O respeito pelas regras passa a ser mútuo. A criança tende a passar da heteronomia para a autonomia. O acesso pleno ao estágio das operações formais pode coincidir com a aquisição de uma moral autónoma, apesar do desenvolvimento moral ser mais moroso e complexo que o desenvolvimento cognitivo. (p. 52)

Muitas vezes acontecem problemas na escola entre os alunos. Reportando-se a esta problemática, Castro e Barbazán (2007) apresentam-nos alguns problemas que realmente acontecem na escola: há alunos que se negam a cumprir ordens ou a fazer os trabalhos de casa, não querem trabalhar nas salas e atiram objetos, insultam, dizem mentiras, fazem pequenos roubos, destroem o material, incomodam e interrompem frequentemente a turma, perturbam os outros, faltam às aulas, fazem com que sejam expulsos da aula ou da escola, intimidam e agregam os colegas, etc.,. Estes são problemas que repetidamente acontecem na escola.

Vinha e Tognetta (2009) propõem que os professores tenham uma perspectiva construtivista, em que os conflitos são compreendidos como oportunidades para que os valores e as regras sejam trabalhados, oferecendo pistas sobre o que precisam de aprender com o ocorrido. A moral enquanto valor não é obedecer por temor à perda de afeto ou ao castigo, mas, o indivíduo

decide pelas normas que quer obedecer porque participou de sua construção e verificou os benefícios que aquela norma pode ter para o seu grupo de companheiros. Nesse sentido a norma livremente consentida passa a ser respeitada em função de relações de respeito mútuo entre indivíduos mais iguais entre si

guiadas pelo princípio da reciprocidade a mais ampla possível. (Menin, 2002, p. 96).

O indivíduo aprende pelo seu meio e age para o seu próprio bem, passando da moral heterónoma para a moral autónoma. Para Martins e Teixeira (2011),

O professor tem de ser capaz de manter o autocontrolo, não deve reagir aos comportamentos incorretos dos alunos, não cedendo às reações deles. Assim sendo, o comportamento inadequado deve ser temporariamente ignorado, desencadeando o professor formas de dar atenção ao aluno e de controlo das situações que possam levar a atos de indisciplina. (p. 89)

A mediação para combater este problema de indisciplina dos alunos tem de envolver o papel da família, ou seja, os encarregados da educação. Ramirez (2007) citado por Martins e Teixeira (2011) refere que deve haver comunicação entre a família e a escola/professores para que através desta intervenção possa levar os alunos a refletirem sobre a causa e o efeito dos atos incorretos ou indisciplinares e envolvê-los na procura de soluções.

Mas, temos de ir mais longe para atingir o respeito da diferença, como Philipp (2007) disse,

Uma das questões mais importantes da vida humana e do planeta Terra é precisamente a grande diversidade existente que permite o desenvolvimento das formas da vida, do conhecimento e o progresso das nossas sociedades. Ser diferente é divertido. Enquanto um sabe fazer uma coisa o outro sabe fazer outra. (p. 7)

Sendo assim, o professor tem de levar os alunos a aceitar a diversidade e a pluralidade numa coexistência de igualdade. “As pessoas embora vivam em lugares diferentes, tenham características, comportamentos e gostos diferentes, fazem parte de um mesmo grupo que é o grupo dos seres humanos” (Philipp, 2007, p. 9). Portanto, o respeito pela diferença e a proposta de diálogo é um ideal no sentido de enriquecer a convivência social que através da diversidade, nos seus múltiplos aspectos, coloque a sociedade a viver numa harmonia perante a conjugação de variedade.

Assim, verificamos que a Educação Religiosa e Moral pode ser vista como um processo de aprendizagem na relação entre o ser humano e o transcendental, ou seja, o

Ensino Religioso oportuniza uma busca pessoal pelo Transcendente e, por outro lado, parte da experiência pessoal até uma experiência religiosa de grupo e de partilha em que também se abre espaço para uma vivência conjunta através do diálogo com o outro, como traço de riqueza e valor (Streck, 2012). O ponto crucial, para além valorizar também outras confissões religiosas, é aprender a respeitar todos os indivíduos como pessoas. A Educação Religiosa e Moral procura uma proposta “pedagógica que busque uma nova compreensão do mundo, respondendo ao clamor por uma educação religiosa democrática, capaz de contemplar a diversidade das expressões religiosas, bem como a diversidade de credos” (Souza, 2013, p. 26).

Porém, a Religião e Moral também proporciona a correlação com o lado espiritual. Na contracapa do livro das crianças “As Minhas Orações” do Borga (2009), está escrita a frase “Jesus está sempre contigo. Na escola, em casa, com os teus amigos, em todos os momentos da tua vida podes sempre contar com Ele”. A prática da oração na escola é uma forma do aluno poder aprender e desenvolver a fala com Deus desde a sua infância.

Ninguém descobre ou avança sozinho pelas realidades espirituais! Cada um, pessoalmente e com o próprio ritmo, é que aprende, mas sozinhos pouco ou nada avançamos. Não nascemos ensinados e não vivemos sozinhos. Precisamos de caminhar em comunidade e, dentro dela, de quem nos ensine. (Borga, 2009, p 10)

O dever da escola é também propiciar aos alunos o valor da oração, que vale a pena aprendê-las como um ato de conversar espiritualmente como um estudante cristão. A oração embora seja decorada, “com poucas palavras e com frases muito pequenas, tentando dizer aquilo que os adultos insistiam” (Borga, 2009, p. 13), apresenta aos alunos o saber para crescer moralmente e espiritualmente.

Além disso, a visão desta disciplina é ampla e “envolve a formação da personalidade consciente, livre e responsável, capaz de tomar posições de forma equilibrada nos planos pessoais e coletivos” (Borges, 2020, p. 93). Quanto à convivência comunitária, Freire (2007) afirma que,

A infância é a etapa na qual predomina a heteronomia, a adolescência a da construção da autonomia. A heteronomia é a situação de que, recebe as normas de comportamento de outro ser humano. A autonomia é a capacidade própria dos que são capazes de construir a partir de si mesmo as normas com as quais guiam o seu comportamento. (p. 22)

Sendo assim, os valores morais que a sociedade oferece não são apenas impostas aos sujeitos, porém, podem ser uma decisão do sujeito para uma determinada circunstância. “Do ponto de vista pedagógico, a clarificação de valores, pautadas numa ação consciente e sistemática dos educadores, estimula processos de valorização que poderá levar aos alunos a compreensão de quais são realmente seus valores, assumindo responsabilidade sobre eles” (Borges, 2020, p. 95). A escola, através da visão da disciplina de Educação Religiosa e Moral, transmite os valores recebidos da sociedade e que são produzidos por esta com o objetivo de que o aluno, enquanto membro da sociedade, deve ser capaz de reproduzir em atos para com os outros.

Temos de enfatizar que “O Ensino Religioso faz parte da cidadania, o que implica que mesmo diante da negação da religiosidade humana é necessário buscar compreender o outro, estando disponível para preparar o indivíduo para manter a sua religião” (Souza, 2013, p. 31), uma vez que propicia a construção de novos olhares e amizades na convivência social.

Neste aspecto, o professor Ivo diz: “Por fim, a Religião e Moral é uma disciplina que salvaguarda o impacto da crise moral no aluno, preparando os estudantes para serem homens bons no meio da sociedade”. Porém, para o professor António, aquela disciplina “não é meramente aprender como uma ciência, mas deve atingir ou estabelecer um encontro pessoal com Deus, com os outros e consigo mesmo, e tem de pôr em prática as virtudes adquiridas”.

CAPÍTULO 6 – MODOS DE ABORDAR A CORRELAÇÃO DA ARTE E RELIGIÃO E MORAL

Neste ponto exploraremos as experiências dos docentes sobre o contributo da arte como meio estratégico na obtenção do conhecimento de Religião e Moral, ou seja, a incorporação do papel artístico perante o ensino-aprendizagem na sala de aula, considerando a arte como meio universal e elemento básico para aprendizagem nas aulas.

Recorrendo à técnica de recolha de dados em entrevista, encontramos a descrição de iniciativas por parte de cada um dos professores entrevistados em procurar construir meios possíveis para sustentar o conteúdo dos temas através da criação artística.

Das entrevistas resulta que nenhum dos professores tem formação na área da Educação Artística. Contudo, assumem que a arte é parte importante na formação escolar. Portanto, nesta investigação procuramos encontrar as formas e os meios artísticos em que a arte é um meio para corresponder aos conteúdos da disciplina de Religião e Moral.

Os professores do Ensino Básico do 1.º e do 2.º ciclo utilizam sempre imagens, poesias, histórias, canções, alegorias, linguagem corporal para atingir uma compreensão básica da realidade. De acordo com Ausubel (1963), citado por Borges (2015), o importante é a disposição do aluno em aprender e o material utilizado devem ter significado para o aluno.

Sobre este tema, a professora Hortênsia afirma que “as crianças do 1º ano gostam das coisas que têm a ver com a arte; reparei que gostam muito mais de desenhar do que de escrever. A partir daqui, tento escrever letras como se fossem coisas pintadas. Normalmente, nas aulas de Religião e Moral, além de lidar com a escrita, o método que utilizo muito é ler as histórias religiosas, como por exemplo, o nascimento de Jesus, as Aparições de Nossa Senhora em Fátima aos três pastorinhos; conto fábulas com moral, e ao mesmo tempo dramatizo-as com os meus gestos; utilizo alegorias, por exemplo, indico a Família de Nazaré como exemplo para as famílias cristãs. José, Maria e Jesus, são a representação de uma família real que eles encontram em casa, na sua própria família; e apresento as imagens sacras como as estátuas de Nossa Senhora, de Jesus crucificado na cruz ou crucifixo, que através delas configuram a personalidade real no céu; e, explico também o sentido das festas religiosas como o Advento, o Natal, a Quaresma, a Páscoa e dia dos Santos, um deles é o dia de São José para terem uma noção”. Eva faz da mesma

maneira “exploro as festas do calendário católico para explicar o sentido destes dias importantes. Utilizo muitas vezes ilustrações como imagens para explicitar o tema, consolidar os relatos bíblicos, apresentando-lhes as mensagens morais por estilo infantil; o momento de Natal, a Páscoa são exemplos utilizados. Às vezes é difícil encontrar as imagens nos livros didáticos, por isso procuro-os na internet, imprimindo e mostrando-os. Se não consigo imprimi-los, mostro-as diretamente por telemóvel”. Viana refere “nas minhas aulas, em relação a arte, claro que a utilizo como meio de transmitir as lições, ela tem a força mágica de estimular as emoções. Obviamente, as crianças gostam de imagens, histórias, canções, ilustrações, etc.; as festas do calendário litúrgico são momentos importantes para que possamos, através do seu significado desenvolver as atitudes religiosas e morais. As canções religiosas que utilizo são selecionadas com letras que permitam explicar e desenvolver o tema religioso ou moral que quero ensinar facilitando a compreensão e a consolidação do conhecimento das crianças”. As festividades religiosas são aproveitadas como suportes à prática de ensino utilizadas por Malaquias, uma vez que, “aproveito os tempos fortes como o Advento, o Natal, a Quaresma, a Páscoa e o dia dos Santos para que os alunos, ao participarem nos eventos religiosos que são desenvolvidos pela escola, aprendam a comportar-se. Por exemplo, na Quaresma, costumamos fazer a Via Sacra no Externato às sextas-feiras e solicito-lhes a comportarem-se bem e com respeito nesse momento”. O mesmo professor salienta que “pela arte leva a conhecer bem a essência dos fenómenos religiosos que enfrentamos em Timor, é uma mais valia utilizar e esclarecer os factos religiosos na escola. As imagens e as estátuas religiosas são elementos físicos que permitem abordar o tema da espiritualidade com os meus alunos”. Marco considera que a criatividade não é só sua, “além da atividade de escrever as coisas no quadro e depois ler, procuro aprofundar os temas de construção fraternal na sociedade com as manifestações artísticas, dou espaço aos alunos na sala para expressarem as suas opiniões através de construção de frases, desenhos, poesias, mensagens, e outras formas artísticas que depois são afixadas na parede dentro da sala”. Acrescenta referindo que como metodologia de ensino “lanço intencionalmente histórias bíblicas e músicas para estimular o modo de ver, pensar e agir de cada aluno sobre a relação humana e o seu dever na sua prática religiosa e moral”.

O professor de Religião e Moral do Ensino Básico do 3º ciclo, António, refere que “eu, na aula de Religião e Moral, deposito realmente a minha confiança na arte como meio poderoso para fomentar o conhecimento dos alunos”. Contudo, “tenho pena que a escola não possua meios tecnológicos que permitam o uso de meios artísticos, como

filmes ou vídeos, que são formas de facilitar a exposição dos temas e principalmente a compreensão das matérias pelos alunos. Para ultrapassar estas dificuldades, e como grande parte dos alunos têm acesso a um telemóvel, recolho os seus contactos e divulgo links para que em casa tenham a hipótese de ver e assim permitir que na aula seguinte possamos discutir os temas com base nesse elemento artístico”. E concretiza, o filme sobre “A Paixão de Cristo, é um dos exemplos para que eles compreendam mais em detalhe a missão de Cristo, e tentamos dialogar na aula seguinte e explorarmos juntos as mensagens espirituais e morais. Às vezes, descrevo as matérias pelas histórias bíblicas no sentido de estimular a imaginação dos alunos”. Ivo, que trabalha com os alunos do 12.º ano, salienta que “através da arte é capaz de esclarecer melhor os fenómenos ocorridos, até mesmo a diversidade cultural e religiosa das pessoas”. Também lamenta a falta de meios tecnológicos, pois “o ensino e a aprendizagem seriam muito melhores se existissem recursos que facilitassem a lecionação das matérias. Para mim, as artes visuais, como imagens, fotos, vídeos, são meios eficientes no processo ensino-aprendizagem, ajudam a configurar ideias. Eu não sou artista profissionalmente, mas considero que sou um artista na sala de aula perante os meus alunos. E não estou me referindo a mim, mas a todos os professores. Porque digo isto? Porque entendo que temos de ser criativos para conseguir estimular a percepção e a compreensão do aluno da realidade através das diferentes formas de manifestações artísticas”. Ele afirma ainda que “pela arte sou capaz de transmitir melhor as minhas ideias. Na turma, há várias personalidades e tenho que evitar a apatia do ensino na sua forma tradicional de aprendizagem, escrever no quadro e ler, ou seja, quero uma aula viva com a partilha das experiências dos alunos, no sentido de atrair a sua atenção pelas atividades criativas utilizadas. Habitualmente, utilizo alegorias, histórias e parábolas bíblicas relevantes às situações dos alunos, desafiando-os com as questões críticas de uma sociedade mais aberta perante a diversidade e o pluralismo cultural e religioso. Procuro preparar os alunos mentalmente para essa realidade da diversidade que eles vão encontrar quando vierem a estar no ensino superior. E de vez em quando lidamos um bocado com temas amorosos, porque já são adultos, e de igual forma exploramos em si as mensagens morais, embora em alguns casos ainda não haja uma experiência real dos alunos, mas, tentamos aprender e desenvolver com as realidades reveladas pelos fenómenos sociais e pelas experiências dos outros”.

Do relato obtido dos professores entrevistados, conclui-se que eles utilizam vários recursos artísticos no sentido de apoiar as suas práticas de ensino-aprendizagem nas aulas e tornar as aulas mais vivas e dinâmicas, como sejam: o recurso a imagens, estátuas

religiosas, histórias, fábulas, parábolas bíblicas, alegorias, canções, aproximação cibernética/cibercultural, ilustrações, explorações dos sentidos morais através das festas religiosas, a promoção de cartazes escolares, são efetuados para criarem aulas mais vivas e dinâmicas.

Varanda (2006), citado por Apolinário (2020), refere que o mundo da arte presente na Educação Moral e Religiosa Católica, para além de uma legibilidade da realidade e de uma construção identitária, pode ser um grande aliado pedagógico, tanto para o contato com o mundo cultural, como para a experiência religiosa, procurando criar espaços de criatividade, onde se possa pensar e sentir, e fazer e memorizar para sempre.

Sendo assim, a correspondência entre Arte e Educação, consolida uma compreensão eficaz no processo de aprendizagem. Apolinário (2020) salienta que a Educação pela arte vai mais além do que a transmissão dos saberes, considerando “a arte como uma linguagem universal para a expressão de sentimentos, percepções e sensibilidades típicas do ser humano, conseguimos atribuir-lhe a capacidade de fazer o homem olhar sobre a realidade do mundo de diferentes formas” (p. 90).

Na prática pedagógica, a imagem é o recurso mais acessível. Proença (1990), citado por Pereira (2018), define duas funções da imagem: primeiro, a função motivacional – a imagem desperta a curiosidade e sustenta o interesse para novos temas; e segundo, a função memorizadora – a imagem procura facilitar o trabalho de retenção de conteúdos. Jordão (2012), afirma que a imagem geralmente é complementar do texto, significa, não serve apenas para embelezar um texto, pode considerar-se como sendo um outro texto, uma gramaticalidade visual; é expressiva, apelativa, desperta o prazer e desencadeia o que está no sentido da imaginação. Entretanto, a imagem tem a influência no processo pedagógico, sobretudo como mediador da realidade, oferecendo saberes práticos à apropriação do conhecimento.

Encontra-se no catolicismo a veneração de imagens como forma de representação à realidade invisível que se chama iconofilia. A iconofilia “descreve uma mística da presença, entre representação e representado, que providencia uma relação entre o representado e o sujeito humano sem pretensões de anular o sujeito humano e sem confundir o divino com o ser humano” (Renders, 2008, p. 93). Pelas imagens sacras revela-se o transcendente que é invisível. Martins (2010), citado por Apolinário (2020), diz que a arte religiosa desempenha uma função muito própria e singular, na qual a partir do objeto criado se abre a possibilidade a experiência interior de encontro com o Divino. Portanto, a “imagem não se limita a uma simples cópia do real. Revela-se também o

instrumento de designação simultaneamente imaginário e simbólico que atua como intermédio criador do desenvolvimento entre o psíquico e o real” (Jordão, 2012, p. 14).

Para além das imagens, contar uma história é um dos modelos artísticos no desenvolvimento intelectual dos alunos. Costa e Ribeiro (2017) afirma que,

A contação de história estimula a curiosidade, o imaginário, a construção de idéias, expandindo conhecimentos e fazendo com que a criança vivencie situações que a proporcionam sentir alegria, tristeza, medo, e as personagens dessas histórias, muitas vezes servem de exemplo para as crianças, ajudando a resolver conflitos e criando novas expectativas, tornando-se super-heróis. (p. 2)

As histórias contêm palavras atrativas, criativas com diálogos ricos de mensagens morais e até religiosas. Verificamos que para além de falar, ler e escrever, contar histórias deve ser visto como uma ação pedagógica que possibilita o desenvolvimento de modo integrado da oralidade, da leitura e da escrita, visto que permite alcançar maior conhecimento sobre si e do mundo em que vive, a partir do momento em que ele estabelece uma ligação entre a ficção e o real (Silveira, 2019).

O contar de histórias está ligado intimamente aos valores da realidade humana. A fábula é uma parte da história de caráter ético e moral. Pires (1983), citado por Borges (2012), diz-nos que a fábula é uma pequena história “em que geralmente intervêm animais, para ilustrar experiências morais de seres humanos, explicando com sabedoria popular um facto da natureza” (p. 17).

Na história bíblica, “algumas ilustrações têm caráter caricato, enquanto outras determinam funções mais específicas como as Bíblias das meninas e dos meninos que são direcionadas aos filhos e suas mães, e apresenta ao fim de cada história um ensinamento moral” (Soares, 2006, p. 56). Assim, vale a pena aproveitá-la para a aprendizagem na escola, sobretudo na aula da Educação Religiosa e Moral no Ensino Básico, visto que a produção do livro da história bíblica feita para as crianças utiliza a linguagem pictórica como elemento básico.

Sem dúvida, na história bíblica existe de igual forma a parábola mediante o emprego de língua figurada, proporcionando em si o conteúdo moral.

O gênero parábola, mais especificamente as bíblicas, foi escolhido para que as práticas didáticas fossem executadas, esta escolha ficou a critério da docente por acreditar que este gênero seria primordial para alcançar o objetivo desejado. As

parábolas se utilizam de situações fictícias vivenciadas por pessoas que nos proporcionam relacioná-las com a realidade, suas histórias sempre transmitem uma lição ética (moral da história). (Cruz & Pereira, 2016, p. 230)

Assim, o professor pode ampliar a perspectiva e a compreensão do aluno pelas mensagens significativas através deste gênero. Cabe esclarecer que a história que integra a bíblia não com o objetivo de insistir na religiosidade, do ponto de vista pedagógico, porém promove a disposição da leitura como uma forma de apropriação do conhecimento. Cruz e Pereira (2016) argumentam que o uso do gênero parábola promove aprendizagens relacionadas com as práticas de respeito mútuo e valores éticos e morais, aproveitando a função da parábola para incentivar a consciência dos alunos à melhoria da qualidade das suas relações pessoais. Notamos aqui a defesa no contributo da parábola no ensino pedagógico, sobretudo na construção pessoal e social. Verificamos que a parábola contém em si a reflexão e o aconselhamento sobre o ensinamento repassado pela história escolhida, no qual emerge para a participação social, o exercício de direitos e deveres, adotando no dia-a-dia as atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando uns aos outros e exigindo para si o mesmo respeito (Cruz & Pereira, 2016).

Portanto, para uma mensagem se tornar mais clara, a ilustração é um meio complementar facilitador. Por outro lado, a imagem é de forma independente e autónoma uma técnica, um estilo, enquanto meio capaz de transmitir uma ideia ou mensagem. Para Maurício (2014) “a ilustração, geralmente, é uma imagem figurativa podendo ser abstrata ou não, ela acompanha um carácter explicativo, como o objetivo de acrescentar informações, sintetizar, decorar ou representar visualmente um texto” (p. 32). Maurício (2014) argumenta que pela ilustração se estimula a memória e a imaginação que resulta em sensações e emoções.

Além da ilustração, a alegoria também constrói uma compreensão sobre uma realidade. Na antiguidade greco-latina e cristã, a alegoria era definida em duas partes: a alegoria dos poetas (como uma técnica metafórica de representar ou personificar abstrações) e alegoria dos teólogos como modo de interpretação religiosa das coisas, dos homens e dos eventos figurativos em textos sagrado, enfatizando preceitos morais, cívicos e sociais almejados pelo cristianismo (Gama, 2012). Na Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura (1998), a etimologia da palavra alegoria vem da língua grega “*allos*, outro, e *agoreun*, falar. É a figura estilística na qual, para além do sentido literal do que se lê, se pode ver outro sentido imediato” (p. 1180). Geralmente, “a alegoria reporta-

se a uma história ou a uma situação que joga com sentidos duplos e figurados, sem limites textuais (pode ocorrer num simples poema como num romance inteiro), pelo que também tem afinidades com a parábola e a fábula” (Ceia, 1998, pp. 19-20). Os recursos técnicos de ensinamento alegórico levam-nos até à contemplação, à consciencialização, uma vez que, a “contemplação se converte na chave para um saber oculto” (Gama, 2012, p. 3); a alegoria é um dos ensinamentos utilizados na Igreja, que foi adaptado também no processo de ensino-aprendizagem, nomeadamente na Religião e Moral. Então, “vale ratificar que o ensinamento contido na alegoria surge como uma charada, como algo a ser desvelado” (Gama, 2012, p. 3).

Estamos numa era contemporânea com as tecnologias digitais que nos proporcionam informações rápidas, inclusive na educação. De acordo com Ferreira e Matias (2020) na “Educação contemporânea, os docentes precisam desenvolver estratégias que contemplem os espaços ampliados da rede de forma a potencializar o ensino, principalmente em se tratando de educação fundamental” (p. 98). A aproximação tecnológica gera vantagens no ensino, uma vez que, a aula sendo mais interativa e mais dinâmica, promove estímulos nos alunos, onde eles e o professor interagem a partir de situações concretas de uma forma contextualizada e vivenciada. O propósito “é preciso buscar/pensar soluções tecnológicas que promovam o estilo nos alunos, deixando as aulas mais motivadoras e interessantes” (Ferreira & Matias, 2020, p. 98). A introdução da tecnologia na escola, ou seja, “situar o ciberespaço neste contexto educacional evidencia que as tecnologias intelectuais promovidas pelo ciberespaço ampliam funções cognitivas que favorecem dois factores: novas formas de acesso à comunicação e novos estilos de raciocínio e conhecimento” (Cunha, 2010, pp. 29-30). Assim,

o avanço tecnológico cada vez mais rápido das tecnologias e informações e da comunicação (TIC), o docente precisa aprender a lidar com elas, tanto para seu aprimoramento, como no caso de curso e conferências, entre outras atividades, quanto para empregá-las como ferramentas educativas, a partir da reflexão dos meios e de seus conteúdos. (Tonus, 2008, citado por Stumpf, 2010, p. 60)

Os professores de Religião e Moral ao promoverem a obrigação de celebrar e respeitar os dias católicos, utilizando as festividades religiosas, procuram conduzir os alunos a um percurso moral e espiritual. Jurkevics (2005), diz que as “festas religiosas, como fenómeno cultural, têm sido redescobertas e revitalizadas como um fértil campo de

investigação histórica, transcendendo sua visibilidade e revelando crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade” (p. 74).

Foi referido os cartazes escolares afixados na escola como técnica ou um recurso pedagógico. Eles são formas que propiciam a formação intelectual e cognitiva através de criatividade como desenhos, fábulas, poesias, provérbios, ensaios, reflexões, caricaturas, letra da música, entre outras. Verificamos que o cartaz também é um meio de comunicação pode ser definido, sob o ponto de vista pedagógico, como um recurso de apoio criado para instruir ou ensinar uma determinada matéria (Matos, 2006), uma vez que ele pretende comunicar ou transmitir uma mensagem.

Por fim, chegamos ao ponto que abrange os recursos artísticos para a finalidade da Religião e Moral. Verificamos que o campo de Religião e Moral, ou seja, a sua competência específica, encontra-se nestes grandes domínios: Cultura e Visão Cristã; Ética e Moral; Religião e Experiência Religiosa; Cultura Bíblica e Património e Arte Cristã (Ferreira, 2016). O contributo da arte como mediação artística realiza o seu papel da efetividade em termos de explorar conhecimentos e experiências na escola, do ponto de vista religioso e sócio-moral.

A prioridade da Educação Artística na visão sócio-cultural é fazer “levantamento de questões éticas e sociais; promoção da diversidade cultural, do diálogo intercultural e de uma cultura de paz, construção de sociedades inclusivas de conhecimento através de meios e comunicações e informação” (Eça, 2010, p. 130). Corresponde assim ao eixo da Educação Religiosa e Moral dotado de força moral e dos valores de justiça, da solidariedade e da paz, não só privilegiar alguns saberes científicos e tecnológicos, mas também promover uma educação que apresenta questões e reflete sobre a relação do sujeito com o outro na sociedade, preparando diferentes papeis e situações para enfrentar os desafios globais. Portanto, verificamos que a Educação Religiosa e Moral estabelece os exercícios práticos que são essenciais para o desenvolvimento moral, sobretudo à ação e à cooperação que deve ser praticada (Ferreira, 2016).

A interligação entre a Educação Artística e a Educação Religiosa e Moral centra-se no processo sociocognitivo de construção que se dá entre pessoas no ambiente onde decorrem, e alicerça com a mensagem e os valores cristãos, no qual os conteúdos feitos e com o apoio das ferramentas artísticas são potenciadores ao desenvolvimento religioso e moral que tem contacto com a realidade actual, ou seja, possibilita uma aquisição das noções religiosas e morais e uma construção de um projeto pessoal e social da vida.

Por outro lado, através de vários recursos artísticos e metodologias criativas, os alunos contemplam as situações observadas, agradáveis e desagradáveis, assim despertando intensamente a emoção pessoal como um membro da sociedade e como um ser humano religioso. “Nas diversas experiências existem elementos que emocionam e sensibilizam o sujeito que pode estar mergulhado profunda ou superficialmente nos acontecimentos do cotidiano” (Ribeiro, 2001, p. 66). Silva e Santos (2018) indicam que a experiência artística deve ser algo vivenciado pelos sentidos dos estudantes. A professora Viana conta a sua experiência de quando estava no ensino básico, “eu queria mostrar às crianças as coisas que não encontrei enquanto andava no ensino primário, como dançar, cantar, desenhar, etc. Estes são meios essenciais para incentivar a criatividade das crianças e torná-las ativas. Infelizmente, eu não encontrei esses tipos de atividades no meu tempo. Com esta experiência particular não quero que os meus alunos enfrentem o mesmo problema como eu. Acredito que as atividades criativas e artísticas desenvolvidas ajudam a consolidar a informação na memória dos alunos e vai crescer neles segundo a sua afeição”. Ela acrescenta que “costumo solicitar aos miúdos para expressarem os seus desejos através do escrever uma carta decorada com desenhos nos tempos litúrgicos importantes, como o mês de Maria, a festa do nosso padroeiro São José, para depois as juntar e queimar, explicando-lhes que o fumo leva as mensagens e vai entregar os seus desejos ao céu; no dia da Mãe em vez de queimar entregam a carta à sua mãe; e também fazem uma carta no advento para depois entregar no Natal. Estas cartas não são corrigidas com intuito de conservar as palavras escritas de forma inocente, emotivas e autênticas. No fim, descubro que há muitos alunos que têm aptidão relativamente à arte através deste meio, pois alguns partilham comigo o que escreveram. É o dever dos professores descobrir e encorajar os seus estudantes a desenvolverem as suas próprias criatividades”.

António também admite esta ideia que “o professor tem de ter criatividade de levar os alunos a entrar no contexto da história e compará-la com a realidade...como por exemplo, se contasse a história do sofrimento de Jesus, não só contar a sua experiência em Israel, mas podemos inserir a nossa realidade baseando na situação de Timor, sem perder o sentido da história, assim, a história fica na memória”. Para Eva, “as ferramentas artísticas ajudam a sentir os momentos importantes. Sem música, sem ornamentos artísticos, etc., não conseguimos sentir tão bem o ambiente e o sentido do Natal, ou o mês de Maria, etc. Os alunos gostam de me perguntar sobre o que vêem nas ruas e nos locais públicos e sobre o sentido das manifestações artísticas. Eles não se ficam por aquilo que

os atrai em termos da aparência, mas querem entender e vivenciar tudo aquilo que os rodeia naquele momento”.

Malaquias considera que “a arte é o meio mais eficaz, capaz de revelar as ideias, sobretudo ela representa o mistério”. Na sua opinião, “é mais fácil aos alunos entenderem e experienciar as questões religiosas através da arte, já que ela é visível e palpável”. Ivo refere que “pela arte a aula torna-se mais viva e variável...através das várias maneiras artísticas e criativas os estudantes podem entender melhor a matéria...os professores podem utilizá-la no momento de esclarecer o conteúdo da matéria, pois ela configura toda a realidade vivida”. Marco acrescenta que “além da arte facilitar a compreensão dos alunos, ela expressa os acontecimentos através das várias formas artísticas”. Assim, aprender envolve a interdependência entre o afetivo e o cognitivo. Ribeiro (2001) diz que “Os afetos cognitivos e afetivos exercem influência um sobre o outro, se interrelacionam e articulam-se no processo de constituição do sujeito” (p. 74).

Portanto, segundo a perspectiva do Puig (1988), citado por Ferreira (2016), a Educação moral deve ajudar a analisar criticamente a realidade quotidiana e as normas socio-morais vigentes, de modo a contribuir para idealizar formas mais justas e adequadas de convivência. E a aprendizagem pela arte oferece um precioso contributo para a formação e construção da personalidade. O professor Ivo dá nota que “a arte pela sua forma, pode mostrar o invisível. Através dela, os professores podem esclarecer as suas ideias mais facilmente, enriquecendo as suas explicações”. Com a mesma perspectiva, diz António “o ânimo e a curiosidade dos alunos são motivos para procurar meios alternativos para chegar a uma esclarecida compreensão. Não podemos atingir um entendimento intensivo, sem arte”. Ele argumenta que “as ferramentas artísticas podem apresentar mensagens que a palavra não consegue” e exemplifica, “posso mostrar a história de Jesus na aula, posso reforçar a compreensão dos temas como a paz, o conflito ou o racismo, a intolerância cultural e religiosa, etc., muito melhor através de vídeos do que explicar por palavras”. Para estimular o cérebro dos alunos, a professora Viana afirmou que “às sextas-feiras, o processo de aprendizagem em sala de aula começa com jogos, por exemplo, o jogo da palavra ou o jogo de quebra-cabeça. Estes jogos são preparados com materiais que eu arranjo sozinha. Entendo que esses jogos são importantes para estimular o desenvolvimento cognitivo das crianças, e por outro lado, eles também permitem manter ativos os alunos ativos com essas atividades lúdicas. Esses jogos não só agradam os miúdos, mas ajuda-os em termos da capacidade de raciocinar”.

Assim, “A criatividade afeta não só o que trazemos ao mundo, mas também o que fazemos com ele – e o modo como o pensamos e sentimos” (Robinson, 2010, citado por Sousa et al., 2020, p. 10). Com o contributo da arte encontramos várias dimensões para o desenvolvimento do indivíduo: na imaginação, na emoção, nos atos cognitivos, na criação e na interpretação de sentidos, etc.

Estes dados empíricos recolhidos junto dos professores entrevistados permitem concluir que a Religião e Moral é uma disciplina que sensibiliza para o respeito pelas outras confissões religiosas e pelo ser humano em geral, ao mesmo tempo que tem um papel construtivo nos valores da humanidade. Por outro lado, o recurso à arte desempenhou um papel eficaz e essencial como meio gerador de uma maior abertura dos alunos à dimensão espiritual e moral.

CAPÍTULO 7 – DA PERTINÊNCIA DE INCLUSÃO E DE TOLERÂNCIA RELIGIOSA NO ÂMBITO ESCOLAR

Este procedimento tem por objetivo explorar a experiência dos alunos não-católicos que estão a frequentar o estudo na Escola Externato São José. É importante que cheguemos até uma constatação empírica, visto que pela base nas respostas dos alunos não-católicos que levam a concluir acerca da inclusão, do pluralismo e da tolerância religiosa.

Este propósito do pluralismo, ou seja, da diversidade e da tolerância religiosa, corresponde à visão da Educação Religiosa e Moral Católica, já que não só abrange o saber teológico, mas também promove a inclusão religiosa e o respeito pelas diferentes crenças de cada aluno.

Assim, a Escola Externato São José é uma escola privada e do mesmo modo caracteriza-se pela índole privada-católica, com as suas próprias normas e costumes. É preciso acrescentar também que o ensino-aprendizagem desta escola se divide em dois turnos, de manhã às 7h30 – 12h00 e à tarde das 12h30 – 17h15. Rezar em conjunto no recinto da escola antes do começo das aulas já é um costume desta escola que se realiza todos os dias, em que os alunos oram e cantam, de uma forma organizada, numa fila geral, ao entrar nas aulas, tanto ao turno da manhã como da tarde.

De acordo com este âmbito, Clara que estuda na parte de manhã, integra-se normalmente nesta formalidade, já que estava nesta escola no Ensino Básico, desde o 1.º ano até agora, em que está no 10.º ano, diz que “eu já estou habituada desde a primária até agora, participo todos os dias na fila, oramos juntos antes da aula, os outros rezam da forma católica, eu também rezo, mas com a minha maneira própria de protestante, sem diminuir o meu respeito a este costume”. Ela manifesta que “esta questão não tem nada a ver com a imposição da parte da escola, porém, é o hábito que vinha desde os anos da primária, ocorrendo sempre assim até agora”. Da mesma forma com o turno da tarde, Amanda relata a mesma ideia, dizendo: “encontrei-me com este hábito antes de estudar no Externato, já vivi a mesma prática desde o primário, no momento de começar as aulas na sala, na outra escola, e não é uma coisa nova lidar outra vez com esta prática. Estou no momento da oração na fila, mas oro com a minha crença, sem manifestar gestos exteriores de muçulmano”. O Elias também é aluno do turno da tarde e afirma a mesma ideia que

“estou a estudar no Externato por minha escolha e com a aceitação dos meus pais, não me sinto perturbado com as atividades católicas porque sei que esta escola é uma escola católica, a minha obrigação é integrar-me com as normas que existem nesta escola. No tempo da oração, tanto na fila geral, como na sala de aula, rezo segundo a minha crença protestante, na qual sempre se reza de forma espontânea”. Com a resposta diferente, o Bonifácio relata que “foi uma nova experiência estar num ambiente católico, já que a minha escola anterior era uma escola pública e muitos alunos e professores eram protestantes...não houve as práticas que existem neste Externato. A partir desse momento tentei-me adaptar a esta norma, de rezar juntos na fila; a maioria dos católicos rezam com a sua maneira, e eu também oro com a minha maneira espontânea”.

Portanto, encontramos a linha condutora, que consiste na oração antes de começar as aulas, de manhã e de tarde, em que os alunos não-católicos integram-se na atividade por imposição, mas sem qualquer intenção de proselitismo religioso por parte da Escola. Embora o Externato seja uma escola privada, sob as orientações da Diocese de Díli e dinamizada por professores sacerdotes, religiosos e leigos dedicados, está aberta à diversidade, já que o lugar mais adequado para tratar a questão do respeito pela diversidade cultural e religiosa é na escola, no qual se encontram pessoas de diferentes religiões favorecendo assim a inclusão, o diálogo e a tolerância religiosa.

Amanda conta o seu processo de entrar na escola, apresenta que “foi a minha preferência, escolhi o Externato, embora seja muçulmana, ainda por cima o meu pai foi-se encontrar com a Diretora da Escola, apresentou o meu perfil religioso e a Diretora acolheu-me sem restrição nenhuma. Os professores e os colegas relacionam-se bem comigo sem discriminação, sem exclusão. Pelo contrário, os meus colegas às vezes têm a curiosidade de saber mais sobre a prática da minha religião”. Desta forma, destaca-se o papel da escola como instrumento de estudo, favorecendo o espaço de convivência com a diversidade e privilegiando os direitos humanos como direitos fundamentais dos estudantes. Portanto, Elias relata que “nunca me senti discriminado porque no ambiente da minha escola anterior, há muitos que eram protestantes tanto alunos como professores, e do mesmo modo, embora esteja a estudar na zona católica também nunca me sinto discriminado, por isso ainda permaneço no Externato, há já 4 anos”. Bonifácio manifesta a mesma ideia, diz que, “embora a norma da escola seja incomum para mim, progressivamente já estou integrado e habituado. Sinto-me tranquilo sem haver nenhuma exclusão, tanto na sociedade que é maioria católica como também na escola, não há problema nenhum!”. Já são 10 anos, desde o início do 1.º ano até agora ao 10.º ano, Clara

está a estudar e está habituada ao ambiente escolar, diz que “eu participo em todas as atividades da escola e lido bem com os meus professores e os meus colegas sem problema, não há ameaça no meu estudo e na minha convivência na escola...ainda por cima, agradeço porquanto posso conhecer mais a religião católica através das normas da escola e pela disciplina de Religião e Moral”.

Face ao sistema educativo da disciplina de Religião e Moral tratado pela Comissão Nacional da Educação Católica de Timor-Leste, CONECTIL, a elaboração da matriz desta disciplina no Ensino Básico, de facto, é desenvolvida pela perspetiva cristã. De acordo com Amanda relata que “na aula, enquanto a disciplina de Religião e Moral não se encontra o temático tratado sobre islamismo, tem só os ensinamentos cristãos e, não é pela ordem da escola, nem do professor da devida disciplina, mas pela matriz da disciplina...mas não me importo tanto”. Os outros entrevistados, mesmo que sejam cristãos, também notam algumas diferenças. Clara nota que “a aula da disciplina de Religião e Moral apresenta os ensinamentos cristãos baseando-se na vida de Jesus, mas tem pouca diferença no ensinamento do protestantismo e do catolicismo”. Neste assunto, Bonifácio explica com mais detalhe, “há diferença no ensino cristão entre o catolicismo e o protestantismo. Noto que, nós os protestantes, não tomamos conta à vida de Maria na nossa religião, e às vezes na aprendizagem fala-se sobre Maria”. Elias tem uma ideia mais liberal sobre esta questão, diz que “não encontro nada na aprendizagem da Religião e Moral alguma falta. Para mim, vou reconhecer os ensinamentos que são relevantes à minha religião e o que não, não me importo”.

Por outro lado, os entrevistados declaram que a arte contribui para o conhecimento e o raciocínio pelo seu poder através das imagens, a sofisticação na leitura e interpretação do texto na escola, podemos encontrá-la também pelas categorias de tipos artísticos como música, videos e imagens nas redes sociais que ajudam a sentir sobre a realidade diária e até na experiência espiritual. Segundo a opinião da Amanda, o meio artístico que acalma o coração é a música, considerando que “a música espiritual é *Sholawat* que contém *rahmad* (graça) e do mesmo modo acalmar a interioridade, mas, não me leva ao encontro com *Allah*”. Os três alunos protestantes também reconhecem a mediação artística na dimensão espiritual. Elias diz que “o que eu conheço da arte é uma coisa que estimula o interior. Eu gosto de ouvir várias músicas que prefiro, sobretudo as músicas espirituais que além de ouvir na Igreja, também ouço muitas vezes na escola, na fila da oração, enquanto a gente canta algumas músicas que conheço, eu também canto, mesmo que seja música católica”. Bonifácio relata “aquilo que sei, é apenas música espiritual que é bem

reconhecida na minha religião. E na minha religião existem também vários ornamentos sem imagem, como por exemplo; o crucifixo sem imagem de Cristo, além disso não há escultura dentro da Igreja. Mas, por opinião particular, as imagens, os vídeos não estão apenas a mostrar a aparência estética, mas têm o lado emocional, até leva-me a orar por aquele que está numa situação difícil como num desastre, numa guerra, etc., que tenha visto por mídia social, sem olhar à sua religião...o que importa é o bem do outro”. Para ele, “a música espiritual tem a magia, além de fazer-me bem, também desperta-me no sentido de adorar Deus com espírito, com o coração”. Clara argumenta com a perspectiva atual do mundo de hoje, diz que “estamos na era da digitalização, onde a mídia social domina toda a gente...sem dúvida, várias maneiras artísticas que podemos encontrar na internet como imagens, vídeos, mensagens no *facebook*, no *instagram*, no *whatsapp* publicados com determinados sentidos leva-me a sentir os valores da vida”. Até diz que “o meio poderoso a fazer socialização às pessoas sobre a tolerância religiosa é na mídia social, pois pelas imagens, vídeos, mensagens, conseguem convencer a viver em união. E as músicas também nos transmitem mensagens importantes embora seja uma música de outra religião, mas partilha o mesmo sentido que é amor, solidariedade, etc.,”.

A partir das declarações dos alunos entrevistados, conclui-se que não existe qualquer forma de proselitismo, exclusão e intolerância religiosa na Escola Externato São José. Amanda afirma que “nunca me sinto excluída, e não há pressão da minha convivência com os colegas na escola, todos relacionam-se bem comigo sem discriminação”. Acresce referir que os alunos entrevistados também reconhecem que o papel da arte, através das múltiplas manifestações artísticas, é importante para o desenvolvimento do conhecimento e do raciocínio. Clara afirma que “através das diversas formas artísticas podem nos transmitir as mensagens importantes no sentido de apropriação do conhecimento”.

Além disso, a escola enquanto lugar de produção do conhecimento que fortalece a educação integral, também deve estar aberto aos valores centrais sobre a diversidade, promovendo a inclusão e a tolerância religiosa.

Por isso, a questão da diversidade na Educação é muito importante a ser considerada para que o ambiente escolar seja inclusivo e se respeite a individualidade dos estudantes, dando espaço aos diversos aspectos culturais existentes em nossa sociedade. E para que, desde os primeiros momentos de sua Educação formal, as crianças e jovens desenvolvam um olhar inclusivo e livre de preconceitos (Pacheco & Diniz, 2023, p. 51)

A disciplina de Religião e Moral não é uma disciplina doutrinária de uma religião, mas é uma das disciplinas que promove os valores sociais pela visão religiosa e moral, construindo um diálogo aberto e cultivando o respeito pelas diversas religiões. Marques et al. (2021) relatam que “A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica sente-se chamada a concretizar este desafio, procurando desenvolver uma atividade transversal, como uma dimensão aglutinadora, que ajude a sensibilizar os alunos para o respeito pela diferença, nos diferentes contextos educativos” (p. 6).

A arte apresenta-se como um mediador que ajuda o aluno a ver e a apreciar a realidade com um olhar emotivo, e também promove a valorização da diversidade e da multiculturalidade através de várias formas e manifestações artísticas. Oliveira e Serrano (2018) apresentam “a relevância e a necessidade de inclusão dos aspectos identitários nas práticas educativas, principalmente através da disciplina de Artes, como formas de fomentar na escola contactos entre diferentes manifestações e alimentar democraticamente a consciência dos alunos” (p. 120). Portanto, a escola inclusiva tem por missão oferecer um ensino de qualidade acessível a todos, fomentando o respeito mútuo através da Educação Religiosa e Moral e o apoio da arte, assim como contribuir para uma vida inclusiva e pacífica.

CONCLUSÃO

O trabalho de investigação desenvolvido alicerçou-se em três pilares fundamentais, *Educação, Arte e Religião*, para procurar aferir de que forma a arte se pode constituir uma estratégia privilegiada nos processos de ensino-aprendizagem na disciplina de Religiosa e Moral e facilitadora da tolerância religiosa.

O trabalho desenvolvido permitiu constatar que a Religião e Moral disponibiliza conteúdos para a formação mais abrangente da pessoa humana, nomeadamente uma maior interioridade, apoiada pela força moral e aberta aos valores da justiça, da liberdade e da paz. A estratégia mais eficaz para atingir a formação integral ao nível afetivo, cognitivo, social e motor, tem em conta a arte como “um campo de conhecimento específico, mas não isolado, notamos que ao ser relacionada com outras disciplinas do currículo escolar, pode ampliar o conhecimento dos alunos” (Caldas et al. 2007, p. 162). Verificamos ainda que o contributo da arte na educação não só ensina a apreciar, como também é um importante meio para fornecer o equilíbrio pedagógico na escola, isto é, ela ajuda a construir e a encontrar o equilíbrio entre o conhecimento e a experiência, considerando a importância da experiência na construção e desenvolvimento de novos conhecimentos.

Deste modo, esta investigação permitiu-nos concluir que o recurso à arte na Educação Religiosa e Moral apresentou-se como um recurso privilegiado no ensino-aprendizagem promovendo a aquisição do conhecimento e do desenvolvimento da formação ética dos alunos, e, através das diversas expressões artísticas e religiosas, favoreceu a tolerância religiosa. Por outro lado, particularmente a inquirição dos professores permitiu-nos concluir que a Religião e Moral é uma disciplina que propicia a construção dos valores da vida no sentido do equilíbrio moral e espiritual e que promove o respeito mútuo pelos outros e pela pluralidade, concretamente pela tolerância religiosa. E com base nas declarações dos alunos não católicos entrevistados conclui-se que a Escola Externato São José é inclusiva e, a disciplina de Religião e Moral promove o respeito mútuo em termos do pluralismo religioso. Quanto ao papel da arte, esta é considerada pelos docentes como um meio estratégico, ou seja, assume o papel de mediadora que através da criatividade é capaz de fomentar nos alunos uma maior sensibilidade no sentido de aprofundarem a sua dimensão espiritual e a sua dimensão moral. Além disso, os alunos entrevistados reconheceram que o papel da arte, através das

múltiplas manifestações artísticas, é importante para o desenvolvimento do conhecimento e do raciocínio.

A Educação procura oferecer, com o seu empenho, tudo o que puder para atingir uma formação integral humana, na sua complexidade para um equilíbrio mental, emocional e espiritual. A educação integral é uma proposta contemporânea, na qual promove a múltipla identidade para todos, uma visão inclusiva e de equidade.

Assim, no presente trabalho ficou claro que a Educação Religiosa e Moral é uma disciplinas que contribui para a educação integral, não se tratando somente de religião (vista como doutrina ou dogmas), mas também apresentando dimensões educacionais refletem os valores religiosos e morais e o enobrecimento do caráter e da conduta do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com o divino (católico). Portanto, pudemos notar que a Educação Religiosa e Moral não reproduz a Catequese. Esta circunscreve-se a ensino específico que trata da doutrina cristã para aqueles que querem celebrar e aprofundar uma relação com Deus, visto que, faz parte da essência da Igreja o propor esse modo de viver. Verificamos que a Educação Religiosa e Moral propicia aos alunos a valorização da diversidade de ideias e de opiniões, bem como da tolerância religiosa numa sociedade aberta e democrática. De facto, a inquirição dos professores evidenciou, precisamente, a preocupação em ensinar e esclarecer as dúvidas de cariz religioso dos alunos, como forma de transmitir conhecimentos e não com o objetivo de catequizar os alunos. Isto é, os professores procuram a Educação Religiosa e Moral permita não só o conhecimento dos valores promovidos pela escola, mas também que favoreça a responsabilidade de os vivenciarem de facto na vida prática. Silva (2007) refere que

Os valores não são ensinados como se ensina uma matéria de uma determinada disciplina. Podem e devem ser explicitados com a ajuda da razão, mas necessitam do compromisso e responsabilidade pessoal: quando falamos da promoção dos valores em meio educativo falamos de uma meta primordial: que os alunos saiam da escola com um sentido claro dos seus valores e da sociedade em que vivem. (p. 43)

A arte, em si, comunica e transmite conhecimento, utilizando a sua própria expressão para sensibilizar e comunicar informação. Assim, as formas de representação artísticas conjugadas com as múltiplas criatividade ao serem utilizadas em sala de aula, desenvolvem nos alunos maior atenção e maior sensibilidade para a aprendizagem dos conhecimentos que se pretendem transmitir. Esta dinâmica, que não se restringe à mera

transmissão verbal, desenvolve uma maior e mais profunda capacidade de análise e de interpretação dos conteúdos transmitidos pelos professores. A experimentação sensorial e a prática com materiais artísticos ajuda a prender a atenção dos alunos, estimulando-os e desafiando-os mais para se questionarem, refletirem ou se expressarem sobre os temas estudados. A arte acolhe a diversidade, permitindo que os alunos explorem e expressem a sua própria visão no respeito pelas opiniões dos outros que podem ser diferentes. Das entrevistas realizadas, concluímos que os professores entrevistados percebendo a mais valia da utilização de recursos materiais pedagógicos e artísticos e apesar da escola onde lecionam tenha dificuldades disponibilizar estes meios, acrescido de nenhum dos professores ter formação específica em Educação Artística, eles são capazes de gerir e sustentar a aula de Religião e Moral através dos seus escassos meios e das suas próprias capacidades criativas.

Entretanto, no contexto educativo em Timor-Leste, concretamente na Escola Externato São José, encontrámos algumas fragilidades como sendo: a insuficiência de conhecimentos da maior parte dos professores (do Ensino Básico do 1º e do 2º ciclo) na formação da Educação Religiosa e Moral; a total ausência de formação dos professores em Educação Artística e a insuficiência de recursos artísticos e pedagógicos.

Desde logo, constatou-se que o conteúdo das aulas de Religião e Moral é na generalidade quase catequético, ao mesmo tempo que existe uma pouca abertura dos professores em utilizarem a arte religiosa própria de outras confissões religiosas no ensino-aprendizagem, restringindo-se à utilização de recursos próprios exclusivos do catolicismo, como imagens de figuras e de datas festivas, próprias da Igreja Católica. Os dados empíricos decorrentes da inquirição dos professores e dos alunos não evidenciaram quaisquer exemplos que envolvam ou identifiquem as demais religiões existentes. Assim, embora os professores tenham uma noção da essência da tolerância religiosa, partilhem e defendam o respeito pela diversidade religiosa, observou-se que enquanto mediador efetivo na prática de ensino, não implementaram a utilização de arte pertencente a outras crenças religiosas.

A falta de meios pedagógicos que sirvam para o objetivo da disciplina de Religião e Moral apresenta-se como um desafio a superar, assim como, serviria para melhorar a Educação Religiosa e Moral em Timor-Leste e contribuir para promover o aprofundamento dos conhecimentos e práticas religiosas através da arte, bem como da tolerância religiosa. A utilização de recursos didáticos e artísticos facilita a compreensão das situações reais e são capazes de promover a inclusão e a tolerância religiosa no mundo

global e plural. Neste sentido, nota-se nos professores entrevistados a referência à dificuldade acrescida de incentivar os alunos à promoção da diversidade religiosa por falta de recursos didáticos e artísticos.

Tendo em conta que a arte não se limita ao material, mas é muito mais do que isso, é uma concretização da dimensão do ideal, da moral e do espiritual, possuir uma boa formação artística ajuda a perceber e a desenvolver metodologias de aprendizagem dos conhecimentos lecionados na disciplina de Religião e Moral e desenvolve criatividade que conduzam a uma melhor compreensão e apreensão daqueles por parte dos alunos. O contributo da arte é assim imprescindível para ampliar a perspetiva sobre a diversidade e atingir uma compreensão mútua – combatendo o preconceito, o estereótipo e a discriminação religiosa – para uma convivência solidária, pacífica e harmoniosa.

Face ao trabalho desenvolvido e às constatações descritas é possível concluir que a arte é uma forma poderosa de transmitir conhecimentos e valores, desenvolve pensamentos e gera emoções. O presente trabalho confirma que a utilização de recursos artísticos deve constituir uma estratégia privilegiada nos processos de ensino-aprendizagem na disciplina da Educação Religiosa e Moral, pois eles são facilitadores do processo de aprendizagem bem como da tolerância religiosa e consolidação do diálogo com outras expressões religiosas. Ainda que as áreas de estudo da Religião e Moral e a Educação Artística pertençam a áreas de conhecimento diferentes, elas consolidam-se efetivamente numa educação eficaz espiritual e moral humana. Assim, este trabalho autoriza sugerir que o recurso consistente e fundamentado à Educação Artística no ensino da Religião e Moral poderia permitir a aproximação de um ideal de ensino, no qual teríamos uma educação que anima e uma animação que educa, ou seja, o processo educativo chama e envolve intencionalmente os alunos quando transmite conhecimento gerando consequentemente animação e esta, ao ser gerada, estimula nos alunos interesse e necessidade de aprender mais.

A Religião e Moral reforça a visão do indivíduo como um agente responsável que age e aspira por uma sociedade mais justa e pacífica, ao mesmo tempo que induz um crença religioso na aceitação de uma sociedade plural e laica. A Educação Artística é mais do que adquirir habilidades, o importante é vivenciar, descobrir, criar e sentir pelas várias manifestações artísticas. Pela criatividade, propicia-se um método promotor da disciplina de Religião e Moral, no desenvolvimento da maturidade espiritual da pessoa humana, e a convivência perante a diversidade religiosa numa sociedade democrática. Hoch (2020) defende que “os educadores precisam compreender a relevância de se trabalhar o Ensino

Religioso de modo interdisciplinar, usando a inspiração da arte para fazer o cruzamento dos saberes com outras disciplinas, sempre buscando por melhores resultados no aprendizado dos alunos” (p. 22). Neste contexto, seria importante dar a conhecer aos alunos a arte sacra e a arte religiosa - não só a arte sacra do catolicismo, mas toda a arte religiosa de outras religiões - como um tipo de manifestação artística que retrata a religiosidade e a devoção. Na medida em que a integração da arte se poderia constituir como uma estratégia na aquisição de conhecimentos religiosos e morais, ela ajudaria a quebrar estereótipos e preconceitos, promovendo o diálogo com outras expressões religiosas, sendo capaz de transmitir mensagens significativas de amor, de respeito e de compreensão entre as diferentes culturas e religiões.

Todo o trabalho de recolha de dados, sobretudo a parte relacionada com as entrevistas, foi feito à distância, recorrendo ao *whatsapp*, o que gerou algumas limitações e dificuldades acrescidas na recolha da informação. Desde logo, o facto da presente dissertação ter sido elaborada em Portugal, concretamente em Viana do Castelo, bem distante do campo de investigação que se encontra em Timor-Leste, particularmente na Escola Externato São José. Por outro lado, o âmbito de incidência limitou-se ao Externato São José, não se alargando a outras escolas de Timor-Leste, sendo uma amostra pouca representativa do universo pedagógico da disciplina de Religião e Moral.

Por fim podemos concluir que a disciplina de Religião e Moral, apoiada pela utilização de recursos artísticos e de criatividade, é uma estratégia privilegiada nos processos de ensino-aprendizagem e facilitadora da tolerância religiosa. Reforçamos que se torna imprescindível completar a formação do corpo docente da disciplina de Religião e Moral com as competências da Educação Artística, de modo a atingir os objetivos de compreender melhor o catolicismo e as outras religiões, e também para a promoção da tolerância religiosa, através da arte.

BIBLIOGRAFIA

- Adorno, T. W. (2003). *Experiência e criação artística*. Edições 70.
- Adriani, M. (1990). *História das religiões*. Edições 70.
- Albino, S. (2020). (Re)Edificação do sistema educativo de Timor-Leste: Evolução e desafios atuais. *Cadernos de Estudos Africanos*, 39, 31–55.
<https://doi.org/10.4000/cea.4773>
- Apolinário, F. M. M. (2020). *A arte, alma da cultura e caminho de transcendência: O uso da arte no ensino de EMRC*. [Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Teologia]. Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa.
<http://hdl.handle.net/10400.14/31480>
- Arquidiocese de Manaus. (2021). *Pastoral catequética: II Enc. de capacitação catequistas “fé professada, celebrada, rezada e vivida”*. Região Episcopal N. S. Aparecida, Sector Pastoral Pe. Ruggero Ruvoletto.
<https://pt.scribd.com/document/539627649/O-conteudo-da-Catequese>
- Azevedo, M. S. S. (2017). Soberania e ordem espiritual no pensamento de Jacques Maritain. In J. Plaza, N. B. Tapia, & I. G. Costa (Eds.), *O pensamento humanista cristão de Jacques Maritain: e os desafios contemporâneos na América Latina* (pp. 10-29). Clássica Editores.
https://www.academia.edu/99872319/HUMANIDADES_EM_MARITAIN_ENSAIOS SOBRE O PENSAMENTO HUMANISTA CONTEMPOR%C3%82NEO
- Azzi, R. (2011). *A arte e a educação em Platão e Scheller*. Universidade Federal de Ouro Preto. <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/2426>
- Bartolomeu, S. S. (2018). *A arte, um caminho possível? A Educação pela Arte e o Ensino de EMRC* [Dissertação de mestrado em Ciências Religiosas, Universidade Católica Portuguesa]. Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/26744>

- Belo, J. M. C. (1999). *Para uma teoria política da educação: Actualidade do pensamento filosófico, pedagógico e didático de Delfim Santos*. Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Bona, C. (2017). *A nova educação: O professor que está a revolucionar a escola*. Objectiva - Penguin Random House.
- Borga, J. L. (2009). *As minhas orações*. Oficina do Livro.
- Borges, A. P. F. (2012). *As fábulas e os valores sociais em contexto pré-escolar*. [Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada II, Educação Pré-escolar, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo]. Repositório IPVC. <http://hdl.handle.net/20.500.11960/1455>
- Borges, G. D. (2020). *Valores morais na escola: Para colher é preciso semear e cultivar*. Universidade Estadual Paulista Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC UNESP – campus de Marília. https://www.academia.edu/45148632/Valores_morais_na_escola_para_colher_%C3%A9_preciso_semiar_e_cultivar
- Borges, S. C. O. (2015). *Arte-educação experiência pedagógica em escola*. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação – FE. [Trabalho final de curso, Faculdade de Educação da Universidade de Brasília]. https://bdm.unb.br/bitstream/10483/13182/1/2015_StefanniCamiledeOliveiraBorges.pdf
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Difusão Editorial.
- Cabanas, J. M. Q. (2002). *Teoria da educação: Concepção antinómica da educação*. Edições ASA.
- Caldas, F. R., Holzer, D. C., & Popi, J. A. (2017). A interdisciplinaridade em arte: desafios em sala de aula. *Revista Nupeart*, 17, 160-171. <https://doi.org/10.5965/2358092517172017160>
- Carroll, N. (2010). *Filosofia da Arte*. Edições texto & grafia.
- Cascais, F. (1993). *A tolerância por um humanismo hereditário*. Difusão editorial.

- Castro, M. A., & Barbazán, L. A. (2007). *Violência na escola*. Marina Editores.
- Ceia, C. (1998). *Sobre o conceito de alegoria*. Universidade Nova Lisboa.
<http://www.pglettras.uerj.br/matraca/matraca10/matraca10a02.pdf>
- Cenatti, M. J. (2013). *Homem: ser de transcendência*. Editora Ixtlan.
https://www.academia.edu/11688322/Homem_Ser_de_Transcend%C3%AAncia
- Chelikani, R. V. B. (1999). *Reflexões sobre a tolerância*. Editora Garamond.
http://www.dhnet.org.br/dados/livros/a_pdf/livro_unesco_reflexoes_tolerancia.pdf
- Colaço, J. & Vicente, G. (1999). *Enciclopédia verbo luso-brasileira de cultura*. Editorial Verbo.
- Colaço, J., & Vicente, G. (2002). *Enciclopédia verbo luso-brasileira de cultura*. Editorial Verbo.
- Comissão Episcopal da Educação Cristã. (2007). *Programa de educação moral e religiosa católica: Ensinos básicos e secundário*. Secretariado Nacional da Educação Cristã.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/educacao_moral_catolica.pdf
- Concílio Ecuménico Vaticano II (10ª ed.). (1987). Editorial A.O.
- Conferência Episcopal Timorense. (2014). *Estatuto conectil*. Comissão Nacional da Educação Católica de Timor-Leste.
- Costa, M. (2014). *A arte e a educação moral e religiosa católica*. Universidade Católica Portuguesa-Braga [Relatório final da prática de ensino supervisionada, Educação Moral e Religiosa Católica, Universidade Católica Portuguesa].
Repositório UCP.
<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16958/1/201058545.pdf>
- Costa, P. E., & Ribeiro, J. S. M. (2017). A importância de contar história na Educação Infantil [Número especial - Cadernos Ensino EAD]. *Revista Eletrônica*

Científica Inovação e Tecnologia, artigo 4771-16473-1-RV.
https://revistas.utfpr.edu.br/recit/article/viewFile/e-4771/pdf_1

Coutinho, J. (2008). *Elementos da história da filosofia medieval*. [Universidade Portuguesa, Faculdade de Teologia-Braga]. Veritati – Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa.
<https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/12729>

Cruz, S. J. B., & Pereira, E. M. (2016, fevereiro, 18, 10 e 20). Gênero parábola: reflexo na formação social do aluno. In ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB. Universidade Federal do Pará.
<https://vdocuments.mx/genero-parabola-reflexo-na-formacao-social-do-este-artigo-tem-como-objetivo.html?page=1>

Cunha, C. R. C. (2010). *Cibercultura e inclusão digital: Perspectivas e concepções de jovens de escolas públicas*. [Dissertação ao programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório Digital da UFPE
https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/4006/1/arquivo78_1.pdf

Cunha, F. & Uva, M. (2016). A aprendizagem cooperativa: Perspetiva de docente e crianças. *Revista Interacções*, 12(41), 133-159.
<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/10839>

Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. (1789).
<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/414/2018/10/1789.pdf>

Declaração Universal dos Direitos Humanos. (1948).
<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

Decreto do Presidente da República N.º 65/2015 de 5 de Novembro de 2015. Jornal da República: Publicação Oficial da República Democrática de Timor-Leste
série 1 n.º 43.
https://www.mj.gov.tl/jornal/public/docs/2015/serie_1/SERIE_I_NO_43.pdf

Dowley, T. (1995). *História do Cristianismo*. Betrand Editora.

Durkheim, E. (1978). *Sociologia, educação e moral*. Rés-editora.

- Durkheim, E. (1989). *As formas elementares de vida Religiosa: O sistema totêmico na Austrália*. Edições Paulinas.
<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1412>
- Durkheim, E. (1996). *As formas elementares de vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Martins Fontes.
<https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2015/03/formas-elementares-trechos-sugeridos.pdf>
- Durkheim, E. (2001). *Educação e sociologia*. Edições 70.
- Eça, T. T. (2010). A educação artística e as prioridades educativas do início do século XXI. *Revista IBEROAMERICANA de Educación*, nº 52, 127-146.
https://www.researchgate.net/publication/41923970_A_educacao_artistica_e_as_prioridades_educativas_do_inicio_do_seculo_XXI
- Eco, U. (1989) *Estética Medieval*. Editorial Presença.
- Eco, U. (1995). *A Definição da Arte*. Edição 70.
- Eco, U. (2010). *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Editora Record.
- Ferreira M. S. (2016). *O contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento moral do adolescente*. [Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, Universidade Católica Portuguesa]. Repositório UCP.
https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/20275/1/EMRC_Mariana%20Ferreira.pdf
- Ferreira, G. R. A. M., & Matias, L. A. (2020). *Ampliando a sala de aula no contexto da cibercultura: experiência com o uso do skype no ensino fundamental*. [Artigo ao Eixo Temático 1: Educação e Comunicação na Cibercultura do II Encontro Regional Norte-Nordeste da ABCiber]. *Interfaces Científicas – Educação*.
<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/download/8770/4323/27580>
- Ferreira, S. (2001). *O ensino das artes construindo caminhos*. Papirus editora.
- Ferreira-Alves, M. N., (1995). *Iconografia e simbólica cristãs. Pedagogia da mensagem*.
<https://doi.org/10.34632/theologica.1995.11521>

- Figueira, E. (2007). Por que ensinar sobre religião na sala de aula? Uma abordagem pragmatista face ao Ensino Religioso. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v.1, n.1(1), 143-153. Portal de Periódicos UEM. https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/4166/1/porque_ensinar_religiao_na_sala_de_aula.pdf
- Fischer, E. (1983). *A necessidade da arte*, Rio de Janeiro, Zahar editores.
- Fonseca, D. J. & Pestana, M. (2013). *Tolerância religiosa*. https://www.tvforense.com/uploads/docs/doc_217_5_cartilha-intolerancia-religiosa-por-mauricio-pestana%20sp_1515936325.pdf
- Freire, M. V. (2007). *Valores Sociais*. Marina editores.
- Freire, P. (2001). *Política e Educação*. Cortez editora, <https://drive.google.com/file/d/0B3GQrRvm4KXOSjctdkxnUHo1dTQ/view?resourcekey=0-7Y8K9Fz8ywkIRROAo0rJKg>
- Fundação AIS/ACN Portugal. (2018). *Liberdade religiosa no mundo: Relatório 2018*. Fundação AIS/ACN Portugal.
- Gaarder, J., Hellern, V. & Notaker, H. (2000). *O Livro das Religiões*. CIA das Letras.
- Gama, C. I. (1979). *Ensaio de arte sacra e cristã*. Juiz de Fora, <https://www.obrascaticas.com/livros/Liturgia/Ensaio%20de%20Arte%20sacra%20e%20Crista%20CONEGO%20ISNARD%20DA%20GAMA.pdf>
- Gama, J. (2012). *A abordagem didática da alegoria*. Anais do VII Congresso da ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas. <https://portalabrace.org/viicongresso/completos/pedagogia/JOAQUIM%20CESAR%20MOREIRA%20GAMA,%20A%20abordagem%20didatica%20da%20alegoria%202.pdf>
- Geertz, C. (2006). *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Vozes Editora. https://www.academia.edu/12824022/GEERTZ_Clifford_O_saber_local

- Giussani, L. (2004). *Porquê a Igreja*. Editorial Verbo.
- Graham, G. (2001). *Filosofia das artes*. Edições 70.
- Grande Enciclopédia do Conhecimento. (1980). Círculo de Leitores.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo*, Principia editora.
- Guerra, A. (1975). *O Catolicismo ainda é Cristão?*. Diabril Editora.
- Guitton, J. (2000). *Os misteriosos poderes da fé*. Âncora editora.
- Hargreaves, A., Earl, L., & Ryan J. (2001). *Educação para mudança*. Artmed editora.
- Hauser, A. (1973). *Teorias da Arte*. Editorial Presença.
- Hernández Sampieri, R., Hernández Collado, C., & Baptista Lucio, P. (2006). *Metodologia de pesquisa* (3ª ed.). Editorial McGraw-Hill.
- Hernández Sampieri, R., Hernández Collado, C., & Baptista Lucio, P. (2013). *Metodologia de pesquisa* (5ª ed.). Penso.
- Hoch, P. (2020). *A interdisciplinaridade da arte no ensino religioso*. Artigo científico ao curso de licenciatura em Ciências da Religião (EAD), UFSM - Universidade Federal de Santa Maria.
https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/20386/Hoch_Patr%C3%ADcia_2021_TCC.pdf?sequence=1
- Huyghe, R. (1998). *Sentido e destino da arte (I)*. Edições 70.
- Jaffé, A. (2008). *O simbolismo nas artes plásticas*,
<https://i0.statig.com.br/correcaodeprovas/enem2011/49555198-Carl-Jung-O-Homem-e-seus-simbolos-parte-4.pdf>
- Jeffreys, M.V.C. (1971). *A Educação: Sua natureza e seu propósito*. Editora Cultrix.
- João Paulo II, (1990). *Diálogo com os homens*. Edições 70.
- João Paulo II. (1989). *Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo: Exortação apostólica do Papa João Paulo II*. Edições Paulistas.

- João Paulo II. (1998). *Fides et ratio*. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html
- João Paulo II. (1999). *Cartas aos artistas*. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html
<https://www.vaticano.va/>
- João Paulo II. (2006). *Compêndio da doutrina social da Igreja*. https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/ts/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html
- Jordão, S. M. J. T. A. (2012). *As Funções pedagógicas da imagem: Relatório de estágio pedagógico*. Relatório para obtenção do Grau de Mestre em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário (2º ciclo de estudos), Universidade da Beira Interior, Artes e Letras – Covilhão. <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3380/1/relat%c3%b3rio%20de%20est%c3%a1gio%20.pdf>
- Junior, G. (2007). *Apostila de Arte – Artes Visuais*. Imagética Comunicação e Design. <https://portalidea.com.br/cursos/introduo-a-artes-visuais-apostila01.pdf>
- Jurkevics, I. V. (2005). *Festas religiosas: A materialidade da fé*. História: Questões & Debates, Curitiba, 43, p. 73-86. <https://core.ac.uk/reader/328063668>
- Kandinsky, W. (1999). *O Futuro da pintura*. Edições 70.
- Larousse Enciclopédia Moderna. (2008). Círculo de Leitores.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2005). *Investigação qualitativa-fundamentos e práticas*. Instituto Piaget.
- Lipman, M. (1991). *O Pensar na educação*. Editora Vozes.
- Lucena, C., D. (2015, novembro/dezembro). A influência da religião na educação escolar. *Revista Eventos Pedagógicos Desigualdade e Diversidade étnico-racial na educação infantil*, v. 6, n. 4(17 ed.), 55-65.

https://www.researchgate.net/publication/374092337_A_influencia_da_religiao_na_educacao_escolar

Luís, A. A. V. (2013). *Arte: o dizer-se do homem e de Deus*. [Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa].

<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/14548/1/201495104.pdf>

Magalhães, M. (Cord.) (1978). *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. Rés edit.

Marcoccia, R. M. (2013). *Os princípios da doutrina social da igreja e a associação dos trabalhadores sem terra de São Paulo*. [Tese de Doutoramento em ciências sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP].
<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3492/1/Rafael%20Mahfoud%20Marcoccia.pdf>

Marques, A. C., Brito, E. C., Completo, J., Ganilo, J., Pereira, M. F., Ganilo, M., Fernandes, R., & Póvoa, S. (2021, fevereiro, 25). *Heróis da fraternidade* [Ação de formação: Para uma Escola Inclusiva. Contributos da EMRC]. Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa; Secretariado Nacional da Educação Cristã; Secretariados Diocesanos de Educação Moral e Religiosa Católica das Dioceses de Lisboa e Setúbal.
https://www.educris.com/v3/download.php?f=planificacao-herois-da-fraternidade_220203072700.pdf&n=Planifica%C3%A7%C3%A3o+%C2%ABHer%C3%B3is+da+Fraternidade%C2%BB

Marques, R. (1997). *Educação social na escola básica*. Livros Horizonte.

Martins, E. C., & Teixeira, L. C. F. (2011). *O comportamento indisciplinado dos alunos do 1º ciclo do ensino básico em sala de aula (estudo de caso numa escola urbana de Castelo Branco)*. Instituto Politécnico de Castelo Branco/Escola Superior de Educação de Castelo Branco.
<https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2678/1/O%20comportamento%20indisciplinar.pdf>

Matos, J. C. G. (2006). Cartaz didático. *Revista Cadernos de Estudo*, n. 4, 93-101. Repositório ESEPF.

http://ecampus.esefrassinetti.pt/moodle/file.php/339/Cadernos4_Finalissimo.pdf (esepf.pt)

- Maurício, C. H. S. (2014). *Ilustrar-me: ilustração como meio de descoberta da expressão emocional*. [Relatório final de Mestrado, Universidade de Aveiro]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/14437/1/Tese.pdf>
- Menin, M. S. D. S. (2002). Valores na escola. *Educação e pesquisa*, 28(1), 91–100. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100006>
- Mesquita, E. (2011). *Competências dos professores*. Edições Sílabo.
- Morais, F. (1990). *O Futuro da pintura*. Centro Lusitano de Unificação Cultural.
- Moreira, C. D. (2007). *Teorias e práticas de investigação*. Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Morin, E., Motta, R. & Ciurana É. R. (2004). *Educar para a era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos*. Horizonte Pedagógicos.
- Mumford, L. (2001). *Arte & técnica*. Edições 70.
- Nobre, F. (2009). *Humanidade: Despertar para a cidadania global solidária*. Círculo de Leitores.
- Nunes, E. A., Rabbani, E. R. K., Cavalcanti, F., Aragão, G., & da Silva, L. C. (Orgs.) (2020). *Religiões & Espiritualidade: Por uma cultura de respeito e paz* (2ª ed.). Fórum Diálogos. <https://www1.unicap.br/observatorio2/wp-content/upload/2022/Livro-Forum-Dialogos-Versao-Digital-2a-E>
- Oliveira, G. V. (2017). A Relação entre cristianismo e platonismo nos Sec. I-III, revista eletrônica de teologia e ciências das religiões. *Revista Unitas*, 5(1), 153-170. <https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/download/376/439>
- Oliveira, R. P., & Serrano, E. P. G. (2018). Arte na Escola: Valorização da diversidade cultural. In SILE - *Simpósio Internacional de Linguagens Educativas* (Vol.

- 1, pp. 123-132). Universidade do Sagrado Coração.
https://unisagrado.edu.br/uploads/2008/anais/sile_2018/atualizado/CO/ART E NA ESCOLA VALORIZACAO DA DIVERSIDADE CULTURAL c opia.pdf
- Osborne, H. (1968). *Estética e teoria da arte*. Editora Cultrix.
- Osborne, R., & Sturgis, D. (2010). *Art theory for beginners*. Zidane Press.
- Pacheco, J. V. R., & Diniz, J. F. (2023). *Diversidade e (in)tolerância religiosa na educação: o caso das escolas municipais de São João da Boa Vista-SP*. Atena Editora. <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/download-post/79084>
- Parsons, M. J. (1992). *Compreender a arte*. Editorial Presença.
- Patrício, M., F. (1996). *A escola cultural: horizonte da reforma educativa*. Texto Editora.
- Pereira, A. R. A. (2018). *Aprender com a imagem: o uso didático no ensino da História*. [Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, Universidade Nova de Lisboa]. Run – Repositório da Universidade Nova. <https://run.unl.pt/bitstream/10362/58220/1/RELAT%c3%93RIO%20ANAR ITAPEREIRA.pdf>
- Philipp, R. R. (2007). *Respeitar a diferença*. Mariana Editores.
- Polis Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado. (1989). Verbo.
- Portugal Ministério da Educação. (1998). *Ensino Religioso Segundo os Ensinamentos Bahá'ís*. Comunidade Bahá'í de Portugal. https://dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Curso_Linguas_e_Humanidades/ensino_relioso.pdf
- Poupard, P. (1978). *As Religiões*. Rés.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (4ª ed.). Gradiva.
- Read, H. (2001). *Educação pela Arte*. Martins Fontes Editora.

- Reis, I. S. (2021). *Religião e Natureza: Retoma da procura de uma relação com o mundo; Análise do escutismo católico em Portugal e suas relações com a natureza e a religião*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova Lisboa]._Run – Repositório da Universidade Nova. <http://hdl.handle.net/10362/132737>
- Renders, H. (2008). O fundamentalismo na perspectiva da teoria da imagem: distinções entre aproximações iconoclastas, iconófilas e iconólatras às representações do divino. *Estudos de Religião*, XXII(35), 87-107. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/174/184>
- Ribeiro, A. C. (1997), *Formar professores: Elementos para uma teoria e prática da formação* (5ª ed.). Texto Editora.
- Ribeiro, M. I. S. (2001). *A interação no cotidiano da sala de aula como mediação do envolvimento/implicação dos alunos nas atividades curriculares: Um estudo em educação infantil*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia] Repositório UFBA. <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11698/1/Ribeiro%2C%20Maria%20Izabel.pdf>
- Rodrigues, Z. A. (2011, Outubro, 5 a 7). Ensino religioso na educação pública no Brasil. In *Colóquio do Museu Pedagógico* (pp. 1261-1274). https://www.academia.edu/32185527/Educa%C3%A7%C3%A3o_Religiosa.pdf
- Rosa, M. V. F. C., & Arnoldi, M. A. G. C. (2017). *A entrevista na pesquisa qualitativa – Mecanismo para validação dos resultados*. Autêntica. https://books.google.pt/books?id=J8MpDwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=:+A+na+pesquisa&hl=en&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false
- Santos, D. C., & Silva, S. M. (2021, novembro, 10, 11 e 12). Ensino religioso e os valores de uma educação inclusiva. In *IV CINTEDI*. https://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2021/TRABALHO_EV156_MD1_SA16_ID677_23092021113149.pdf

- Santos, R. L., Faria, L. M., Oliveira, M. N., Dada, P. P., Ferreira, C. L. S., Carvalho, P. V., & Ribeiro, S. V. (2009). *A educação religiosa no ensino fundamental: desafios e perspectivas à prática docente*, Pedagogia em Ação, 1(1), 1-141. <https://pt.scribd.com/document/390855986/A-Educacao-Religiosa-No-Ensino-Fundamental-Desafios-e-Perspectivas-a-Pratica-Docente>
- Santos, T. A. (2013). *A influência da educação religiosa no desenvolvimento da moral*. [Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília] Universidade de Brasília. https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5016/1/2013_ThaisAraujoSantos.pdf
- Sarró, R. (2007). *Como los pueblos sin religión aprenden que ya tenían religión: notas desde la costa occidental africana*. Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa. <https://pt.scribd.com/document/151349774/Sarro-C-mo-los-pueblos-sin-religi-n-aprenden-que-ya-ten-an-religi-n-notas-desde-la-costa-occidental-africana-pdf>
- Schmitt, R. M. (2014). *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE*. Governo do Estado, Secretaria da Educação. http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unespar-uniaodavitoria_hist_artigo_rosana_mara_schmitt.pdf
- Sekiguchi, J. F. (2011). *A arte como comunicação afetiva* [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Phantleon UFRJ. <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/7987/3/785512.pdf>
- Shusterman, R. (2012). *Arte e religião*. *Revista Redescrições-Revista on line do GT de pragmatismo*, 3(3), 82-103. <https://dokumen.tips/documents/arte-e-religiao-richard-shusterman-traducao-de-ines-lacerda-.html?page=1>
- Silva, B. (Coord.) (1987). *Dicionário de ciências sociais* (2ª ed.). Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Silva, E. M. A., & Farias, M. L. S., (2014). *O papel do professor da educação infantil de criança de = a 3 anos de idade na perspectiva do educador e cuidar*. Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação Curso de Pedagogia.

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4311/1/EMAS28042015.pdf>

Silva, M. Â. M. da (2007). *Educação para valores na escola plural: a educação moral e religiosa* [Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro]. Ria – Repositório institucional. <http://hdl.handle.net/10773/985>

Silva, M. E. (2004). Religião, diversidade e valores culturais: Conceitos teóricos e a educação para cidadania. *Revista de Estudos da Religião*, 2, 1-14. https://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf

Silva; U. R., & Santos, M. L. B. (2018). Intervenção-corpo-jardim: Experiência estética e ensino de arte. *Revista Matéria-Prima*, 7(1), 74-84. <http://hdl.handle.net/10451/38565>

Silveira, J. R. (2019). *A importância da prática de história no ensino infantil*. [Trabalho de conclusão de curso, Universidade de Brasília, Faculdade de Educação]. Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (BDM). https://bdm.unb.br/bitstream/10483/25694/1/2019_JulianaRodriguesSilveira_t

Silveira, R., M., G. (2014). *Diversidade religiosa*. Universidade Federal da Paraíba, Área de Direitos Humanos. http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/03/03_rosa2_diversidade_religiosa.pdf

Simas, J. M. S. (2018). *Património religioso e museu eclesiásticos: Uma proposta para a Igreja matriz da Santa Cruz (Lagoa-Açores)*. [Dissertação de Mestrado, Universidade dos Açores]. Repositório da Universidade dos Açores. <https://1library.org/document/ye9208rq-patrimonio-religioso-eclesiasticos-proposta-igreja-matriz-lagoa-acoresh.html>

Soares, R. Z. (2006). *História da bíblia para as crianças*. [Dissertação de Pós-Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88837>

- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação* (vol. 1). Instituto Piaget.
- Sousa, J., Kowalski, M., & Lopes, M. S. P. (2020). *Educação Artística: Intervenção e investigação em contextos escolares*. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais - Politécnico de Leiria. https://icononline.ipleria.pt/bitstream/10400.8/5032/1/Ebook_Livro%20D.%20AF.pdf
- Souza, R. A. (2013). Novas perspectivas para o ensino religioso: A educação para a convivência e a paz. *Revista Reflexão e Ação*, 21(1), 25-49. <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/3207/2910>
- Streck, G. W. (2012). O ensino religioso e a diversidade religiosa no Brasil: Desafios para a educação. *Revista Pistis Praxis, Teologia e Pastoral*, 4(1), 261-276. <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.6049>
- Strelhow, D. M. P. B. (2017). *A arte no contexto protestante-luterano: Perspectivas e desdobramentos históricos*. [Dissertação de mestrado em Teologia, Faculdade EST – Brasil]. Repositório Faculdades EST. <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/774>
- Stumpf, P. S. (2010). Os efeitos da cibercultura na educação. *Revista da Educação*, 13(15), 59-70. <https://silo.tips/download/os-efeitos-da-cibercultura-na-educacao>
- Taliaferro, C. & Griffiths, P. J. (2003). *Filosofia das religiões*. Instituto Piaget.
- Teixeira, F. (2002). *Diálogo inter-religioso: o desafio da acolhida da diferença*. Belo Horizonte: Centro de Estudo Superiores da Companhia de Jesus. https://www.researchgate.net/publication/307870412_DIALOGO_INTER-RELIGIOSO_O_DESAFIO_DA_ACOLHIDA_DA_DIFERENCA
- Thiollier, M. M. (1990). *Dicionário das religiões*. Editorial Perpétuo Socorro Porto.
- Timor-Leste Assembleia Constituinte em 22 de Março de 2002. (2010). *Constituição da República Democrática de Timor-Leste*. Tribunal de Recurso. https://www.tribunais.tl/wp-content/uploads/2020/07/Constituicao_T_P_Livro_20120420.pdf

- Timor-Leste Parlamento Nacional da República Democrática. (2008). *Lei de Bases da Educação nº 1472008*. Jornal da República: Publicação Oficial da República Democrática de Timor-Leste. <https://indmo.gov.tl/wp-content/uploads/2021/02/Lei-de-Bases-da-Educacao.pdf>
- Tommaso, W. S. (2015). Reflexões sobre o mistério na arte sacra. *TEOLITERARIA - Revista De Literaturas E Teologias*, 5(9), 120–146. <https://doi.org/10.19143/2236-9937.2016v5n9p120-146>
- Torné, M. M. (2007). *Arte religiosa medieval*. Ediclube.
- Trillo, F. (coord.) (2000). *Atitudes e valores no ensino*. Instituto Piaget.
- Unesco. (1974). *Recomendação da unesco sobre a educação para a compreensão, cooperação e paz internacionais e a educação relativa aos direitos humanos e liberdade fundamentais*. Adotada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura na sua 18ª sessão, em Paris, França, a 19 de novembro de 1974. <https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/recomunesco-educacao.pdf>
- Unesco. (1998). *Declaração mundial sobre educação para todos: Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem*. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000086291_por
- Unesco. (1999). *Reflexão sobre a tolerância*. Editora Garamond. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000131427>
- Unesco. (2006). *Roteiro para a Educação Artística*. <https://apei.pt/download/roteiro-para-a-educacao-artistica-desenvolver-as-capacidades-criativas-para-ao-seculo-xxi-unesco-2006>
- Unesco. (2020). *Educação Artística para a resiliência e a criatividade*. https://pt.unesco.org/sites/default/files/2020_art-week-technote_por_final.pdf

- Veludo, E. C. S. (2013). *Educação pela Arte: um contributo para uma educação multicultural*. [Dissertação de mestrado, Universidade Nova Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas] Run - Repositório Universidade Nova. <https://run.unl.pt/bitstream/10362/10205/1/Eliana%20Veludo.pdf>
- Vinha, T. P., & Tognetta, L. R. P., (2009). Construindo a autonomia moral na escola: Os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. *Revista Diálogo Educacional*, 9(28), 525-540. <http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v09n28/v09n28a09.pdf>
- Ward, K. (2001). *Conceito de Deus, imagens do divino em cinco tradições religiosas*. Instituto Piaget.
- Yolanda, R. (1967). *Artes na escola primária*. Editora ao Livro Técnico S.A.
- Zilles, U. (1991). *Filosofia da Religião*. Paulus. https://dadospdf.com/download/filosofia-da-religiao-urbano-zilles-5ae63e2ab7d7bcf438fe919e_pdf
- Zilles, U. (2012). *Religiões: crenças e crendices* (4ª ed.). Edipucr.

ANEXOS

Anexo I

Guião da entrevista aos professores da Escola Externato São José:

Identificação pessoal

- Nome
- Género
- Idade
- Habilitação académica
- Disciplina que leciona
- Anos de experiência na docência (da disciplina de Religião e Moral)

Atividade Profissional ligada à disciplina de Religião e Moral

- Anos de trabalho nesta escola
- Anos de trabalho como professor/a de Religião e Moral nesta escola
- Ano da escolaridade que leciona

Atividade profissional ligada à arte

- Habilidade/conhecimento/experiência artística

Opinião sobre a disciplina de Religião e Moral

1. Conhecer a razão da disciplina de Religião e Moral ser ensinada nas escolas públicas e privadas
2. Opinião dos professores sobre:
 - A importância para a formação dos alunos da disciplina de Religião e Moral!
 - A Importância de promover a tolerância religiosa na escola!

Método de ensino na sala de aula

1. O método que utiliza durante o ensino-aprendizagem
2. O apoio da criatividade no ensino-aprendizagem

A opinião do contributo de arte na Religião e Moral

1. O papel e a possibilidade da arte como estratégia para aquisição de conhecimentos religiosos e morais católicos
2. As manifestações artísticas como ferramenta para o apoio da disciplina de Religião e Moral
3. O efeito do envolvimento da arte para o professor e para o aluno
4. As expressões artísticas que podem incentivar a emoção do aluno perante os valores religiosos e morais no ensino-aprendizagem
5. As manifestações artísticas que utiliza para a promoção da tolerância religiosa
6. A vantagem da arte para o ensino-aprendizagem nas disciplinas, nomeadamente na disciplina de Religião e Moral

Anexo II

Guião da entrevista aos alunos não católicos da Escola Externato São José:

Identificação pessoal

- Nome
- Género
- Idade
- Classe
- Ano de frequência escolar na Escola Externato São José

Opinião e experiência na frequência da Escola Externato São José

1. Participação da disciplina de Religião e Moral na sala de aula
2. Convivência e conforto na escola
3. O papel de arte para os alunos e para o ensino de aprendizagem
4. Tolerância religiosa na escola ou no ambiente escolar
5. O que é que falta na disciplina de Religião e Moral em relação à diversidade religiosa?

Anexo III

Tabela de caracterização dos professores entrevistados da Escola Externato São José.

No.	Pseudónimo	Idade	sexo	Formação académica
1.	Hortênsia	57	F	Faculdade de Ciências Sociais
2.	Eva	27	F	Faculdade de Educação
3.	Viana	27	F	Faculdade de Ciências Sociais
4.	Malaquias	43	M	Faculdade de Educação
5.	Marco	43	M	Faculdade de Educação
6.	António	30	M	Faculdade de Ciências Sociais
7.	Ivo	39	M	Faculdade de Ciências Sociais

Anexo IV

Tabela de caracterização dos alunos entrevistados não católicos da Escola Externato São José.

No.	Pseudónimo	Idade	sexo	Classe
1.	Amanda	14	F	9.º ano
2.	Clara	15	F	10.º ano
3.	Bonifácio	15	M	10.º ano
4.	Elias	15	M	10.º ano